

EDIÇÃO DA «LUCTA»

O
NATURALISMO

EM

LITTERATURA

POR

Sylvio Romero

S. PAULO.

TYPOGRAPHIA DA PROVINCIA DE SÃO PAULO

53 Rua da Imperatriz 53

1882

ADVERTENCIA

Quando, ha quatorze annos, comecéi a escrever na imprensa, umas tantas idéas, que são hoje mais ou menos correntes entre nós, eram verdadeiras novidades... Tenho o direito de dizer que contribui para espalhar-as, este direito foi-me outorgado por meus proprios adversarios com os seus ataques, com os seus insultos, com a sua grita desordenada e infrene.

Não é debalde que se é atacado, repellido, vilipendiado, e, pelo que me toca, estou sempre disposto a reclamar o meu quinhão de insultos, de motejos, de descomposturas...

E' um facto assentado que a ultima phase litteraria contemporanea, o *romantismo*, está de todo decadente no Brasil. Pois bem; ninguem mais do que eu tem aqui o dever de exultar por este facto; ninguem mais do que eu atacou entre nós o ro-

mantismo. Na *Crença, Movimento, Americano, Trabalho, Jornal do Recife, Correio Pernambucano* e outras folhas do norte de 69 a 76, constante e pertinazmente ataquei a velha doutrina, a favor da intuição naturalista e scientifica, em litteratura. Parte dos artigos de então foram reunidos no livro *A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*. Minha reacção anti-romantica é, pois, um facto evidente, documentado, positivo, que não poderá ser negado por meus inimigos da Côrte, por mais que se esbofem para conseguil-o.

Ha alguma cousa mais cruel do que a injustiça; é a ingratição; ha alguma cousa mais detestavel do que a insufficiencia presumpçosa, é a mentira lettrada.

Em 1869 escrevi a monographia—*A Poesia Contemporanea e sua intuição naturalista*, que não sahi em volume; mas circulou pelo norte, im-

pressa nos jornaes de Pernambuco.—Então, alguns dos grandes mestres, que hoje pretendem dar-me lições aqui na Córte, ainda não tinham talvez sahido das primeiras lettras... Mas nada ha n'isto de essencialmente singular ; foi sempre esta a marcha dos phenomenos litterarios.—Espiritos pécos e vadios, d'esses que incumbem os outros de pensar para elles, acabam por appropriar-se do trabalho alheio e volverem-no contra os seus legitimos propugnadores.

Em 69—70 as idéas politicas, litterarias e philosophicas em todo Brasil eram o prolongamento alagadiço e lamoso da lamuria romantica em todas as suas manifestações banaes. Reagiu-se contra isso, e, posso dizel-o sem presumpção, porque o digo por necessidade, fui dos primeiros na lição. Si não me faço defender por alguns volume

impressos, é que a publicação de um livro é entre nós um acto de heroismo que poucas vezes me tenho sentido disposto a praticar.—Este preambulo, que, n'outro meio, seria um *hors d'œuvre*, por encerrar factos notorios e de vulgar noticia, torna-se uma necessidade para mim, para quem, como eu, teve a desventura de desagradar a meio mundo, velhos e rapazes...

Depois que o signal de alarma foi dado na *Revista Brasileira* pelos srs. Machado de Assis e Herculano Bandeira—o fogo tem rompido em todas as linhas.—O ataque tem sido dirigido com habilidade; mas a minha pertinacia biliosa faz-me crêr que ainda não tropecei e cahi... Por isso, de longe em longe, gesto de olhar para os lados e fallar aos assaltantes...

Uma vez por todas:—não pretendo agradar a ninguem, si esse agrado, si essa camaradagem é

a troca da indispensabilidade que sinto de fallar a verdade.

Não sou, não quero, não posso ser adversario da *nova geração*; sou, posso e devo ser inimigo da *affectação*, do plagiato, do pedantismo, da vacuidade adverbial e adjectivada de alguns folhetineiros da Côrte. Eis tudo.

Si é crime, morrerei impenitente, ainda que esquecido e vilipendiado. -

SYLVIO ROMÉRO.

NATURALISMO EM LITTERATURA (1)



I

Quaesquer que sejam as dissonancias que se possam notar entre os diversos systemas contemporaneos, que têm feito a guerra ao romantismo para lhe tomarem o logar ; quaesquer que sejam as differenças entre Gottschall e Swinburne, Sully-Prudhomme e Maurice Bouchor, Zola e Daudet, Coppée e Richepin, todas estas maneiras de encarar a arte e a litteratura pisam um terreno commum ; diversificam-se apenas em alguns pontos accessorios e podem abrigar-se sob a bandeira do *naturalismo*. Esta palavra exprime mais nitidamente a feição geral da litteratura contemporanea do que o termo *realismo*. Este não é a antithese do systema classico, ou do romantico. Si houve classicos idealistas como Tasso, tambem os houve realistas como Camões. Si houve romanticos idealistas como Schiller tam-

(1) *Œuvres Critiques* d'Emile Zola—1879—1881.

bem os houve realistas como Goethe. Realismo é o opposto de idealismo. O naturalismo é o contrario da intuição phantastica, do romanticismo aereo, morbido, inconsistente, hysterico. Entre os naturalistas, entretanto, póde n'um predominar a impressão subjectiva e idealista, como em Sully-Prudhomme, ou a objectiva, como em François Coppée.

D'entre todos os sectarios do naturalismo, o mais celebre, o mais popular é sem contestação o autor de *Nana*. Tres circumstancias contribuíram especialmente para isto : — a nitidez de seu espirito logico e lucido que o levou a tirar as ultimas consequencias do systema ; a fibra batalhadora de seu temperamento que o levou a accentuar na critica as novas doutrinas ; — a forma que escolheu para suas produções, a mais em harmonia com os gostos do tempo — o romance.

A tudo isto accresce e sobrepuja o talento do autor, que é um dos mais consummados pinturistas da lingua franceza, quero dizer de todas as linguas; porque nenhuma tem como essa uma tão distincta pleiade de artistas da palavra. Em 1869, quando escrevi *A Poesia Contemporanea e sua intuição naturalista*, Zola era desconhecido por mim e pelo publico brasileiro; mais tarde li alguns de seus romances, e mais tarde ainda realizei o estudo de seus trabalhos criticos, todos de data recente.

Confesso que poucos livros me têm agradado tanto como as obras de critica do pintor do *Ventre de Paris* Claresa, segurança de vistas, independencia e elevação de juizo — são os dotes dos artigos litterarios de Zola. D'estes trabalhos é que me proponho fallar agora ; o critico me occupará de preferencia e o romancista só accidentalmente.

Duas preocupações capitaes emanam das paginas do insigne escriptor:—enterrar definitivamente o romantismo e erguer sobre a immensa ruina uma nova intuição da litteratura e da arte. E' tarefa tentada por trinta modos diversos por outros tantos escriptores e chefes de escola. Si Zola me parece não estar em tudo com a verdade, quasi sempre attinge o alvo e mostra-se munido de razão.

Meu ponto de vista é um pouco differente, não resta a menor duvida; nem eu o escondo, antes o proclamo em altos brados. Não quero pensar pelo cerebro de Zola; prefiro pensar pelo meu; mas noto que os dous modos de julgar têm muitos pontos de contacto, influencia das grandes correntes do pensamento contemporaneo. Vejamol-o por miúdo.

A mais impertinente objecção opposta ao romancista de Médan é a velha lamuria da immoralidade de seus quadros. Embalde o critico tem provado que a tendencia do naturalismo, seu methodo e designios consistem pura e especialmente no abandono das creações aereas, despidas de verdade e oriundas da phantasia desregrada. Embalde tem elle mostrado *ad oculos* que a nova intuição visa transportar para o romance e para a arte em geral os methodos de observação, os processos analyticos proprios para surprehênder o homem no desenvolvimento normal de suas paixões. Embalde ha insistido em que a obra litteraria não deve ser um accervo de mentiras, mas um conjuncto de documentos humanos tomados ao vivo. Embalde tem sempre indicado, que o fim da arte não é emendar ou corrigir, sinão estudar e commentar. Embalde, finalmente, tem declarado que, si escolheu para seus romances a analyse de certos vicios e chagas sociaes, é isto simplesmente

por ser da gente que o cerca o lado que elle mais conhece, ficando o campo livre a outros que de-sejem estudar o meio parisiense por outras faces. Sempre e sempre a critica leviana e superficial tem passado por sobre tão cathgoricas affirmações para glosar o velho mote da *immoralidade* !....

Deixemol-a em seu emperramento.

Nos livros criticos do romancista do *Assomoir* ha cem passagens, que desfazem esse abusão; é só tomar quem quizer o trabalho de os lêr. Limi-to-me a lembrar a pagina em que o escriptor razoavelmente censura João Richepin por *affectar* uma impudicia falsa e calculada:—«Le poète s'y affirme comme un réaliste audacieux, qui ne mâche pas les mots crus, et qui appelle les choses laides par leurs noms. Certains morceaux sont même entièrement écrits en argot. Je dois dire que sont ceux qui me plaisent le moins. Il me semble que M. Richepin fait un effort trop visible pour s'encanailler. Quand on peint le peuple, il faut surtout de la bonhomie.» (1) E' visivel que Zola condemna o canalhismo litterario, a affectação de vicios, que são falsos e que se atiram ao publico atraz do effeito. O trecho é instructivo, e eu chamo para elle a attenção de alguns realistas brasileiros que jogam nas paginas dos jornaes uma giria grosseira, falsa e fatua na sua pretenciosidade de naturalismo. Antes de tudo a verdade, a logica, o bom senso e o talento. Zola tem razão quando escreve: « Dans le mouvement naturaliste qui s'opère, on prend trop souvent l'audace pour la vérité. Une note crue n'est pas quand même une note vraie.» (2)

(1) *Documents Littéraires*, pag. 187 e 188.

(2) *Idem, Ibid.*

Afastada a censura idiota lançada á litteratura contemporanea por quem não se dá ao trabalho de a estudar em seus melhores documentos, encaremos o *zolaismo* mais de perto, em suas ideias capitais.

Antes de tudo sae dos factos litterarios por si mesma a grande verdade de que o creador dos *Rougon-Macquart*, não representa por si só todo o movimento contemporaneo nem na critica, nem no romance. Zola não é o creador da intuição nova n'essas duas esferas.

Na critica foi antecedido por Sainte Beuve, Scherer e Taine; no romance por Balzac, Stendhal, Duranty, Flaubert, os Goncourt e Daudet.

O patriarcha de Médan é o continuador d'estes illustres predecessores. O seu talento descriptivo no romance e a sua energia na critica chamaram sobre elle a attenção. Zola não é, porém, um secretario vulgar; trouxe para o seio da doutrina vistas proprias, que affirmam com força a sua individualidade. Entre ellas destacam-se a ideia que o romancista faz da critica, o seu conceito da litteratura, a sua doutrina sobre a arte.

E' justamente ahi que pretendo assestar minhas observações.

Nos seus livros de analyse litteraria, ao leitor que os percorre, si ellè tem a cultura indispensavel para os julgar, no meio de muita cousa boa, uma circumstancia anomala desperta, desde logo a attenção:—é o ponto de vista limitado, exclusivamente francez do escriptor.

E' para impressionar a *aisance* com que o auctor do *Ventre de Paris* discorre sobre romance e romancistas, poesia e poetas, drama e dramatas, critica e criticos, enxergando sómente os seus vizinhos francezes, como si elles estivessem em

terreno conquistado ou tivessem ali dito a primeira e a ultima palavra !...

Sei que seus artigos foram escriptos para uma revista de S. Petersburgo, no intuito de dar ao publico do grande imperio do norte uma noticia do movimento litterario da Franca.

Mas não se limitou o critico ao seu papel de noticiariista :—elle tentou a sua arte em ponto grande, á moderna, com o seu encadeamento de causas e effeitos; fez analyses e classificações ; fallou das correntes litterarias do tempo ; determinou a origem e a evolução das escolas; luctou braço á braço com o romantismo ; embrenhou-se na concepção naturalista de nossos dias e tinha, portanto, o dever de indicar as influencias estrangeiras que a Franca tem experimentado em tudo isto.

E' o que faria Taine; é o que faria Scherer. Falar do romantismo francez e não mostrar suas relações com o romantismo allemão e inglez, é traçar um quadro historico mutilado; é não dar-se conta exacta dos phenomenos litterarios; é expor-se a falsear a origem e o encadeamento dos factos. Na poesia e no romance a lacuna não é tanto para sentir-se ; no que se refere á critica é de todo extravagante e nociva.

N'este sentido os artigos sobre *Sainte-Beuve* e —*La Critique Contemporaine* são typicos; são insignes de falseamento e injustiça. E' este o primeiro reparo que se póde fazer a Zola : — a sua ideia sobre a natureza e o desenvolvimento da critica européa é incompleta e estreita.

Mais artista do que pensador, mais preoccupado com os seus romances do que com a sciencia, Zola, por sua vida e por sua educação, pelas qualidades de seu espirito e pelas circumstancias que o têm cercado, não possui a necessaria cultura historica e philosophica para manejar a critica em

altura igual a Julian Schmidt, Hermann Hettner, Taine ou Scherer.

Não ha duvida que o seu bom senso e o seu grande talento o collocam mesmo n'aquella esphera em posição elevada; mas é só isto.

Quanto ao mais, dista immenso d'aquelles insignes mestres.

Para Zola a critica é na Europa uma filha de Sainte-Beuve; foi este que a gerou; porque foi elle que a afastou da rhetorica e do palavreado inutil. Sainte-Beuve, porem, era ainda demasiado amigo da cultura antiga e, por isso, cometteu o immenso crime de não comprehender a Balzac. Esta grande fortuna coube a Taine que, d'est'arte, é o genuino creador da critica scientifica. Entretanto, ouçamos o proprio Taine : «A historia acha-se transformada ha *cem annos na Allemanha*, ha sessenta annos na França, e isto pelo estudo das *litteraturas*». São as primeiras palavras da *Historia da Litteratura Inglesa*. Taine, com a instrucção que Zola não possúe, tem a noção clara das origens da critica moderna. Sabe que ella partiu da Allemanha, a datar de Lessing.

A critica moderna não é a antiga critica litteraria; é uma disciplina scientifica que se applica a todas as manifestações da humanidade. Seu dominio não é a litteratura em sentido restricto, a belletristica em linguagem allemã :— a poesia, o romance e o drama. Seu dominio é a totalidade das créações da intelligencia humana. Seu methodo é o historico-comparativo e por isso ella chama-se a critica historica. A sua mais vigorosa applicação na Allemanha foi ás linguas, ás mythologias e ás religiões. D'ahi sahiram as tres sciencias inteiramente novas :—a linguistica, a critica religiosa, e a mythographia. Foi tambem desde Lessing e Herder applicada ás litteraturas. Desde en-

tão morreu o *voltairianismo*, suprema incarnação da critica franceza do seculo passado, para a qual as litteraturas e as religiões eram jogos do espirito ou as machinações da velhacaria. Desde Lessing começou-se a divisar nas producções humanas o desenvolvimento normal das aptidões psychologicas, as energias latentes das raças. Uma obra d'arte foi encaráda como o coefficente de um estado emocional sincero e espontaneo e não como um capricho do acaso. Estava designada a lei da evolução, do desenvolvimento, *Entwicklung*, como dizem os allemães. Sainte-Beuve ainda *natus non erat*. Quando elle appareceu os processos criticos já eram uma realidade scientifica na Europa. O autor da *Historia de Porto-Real* não appareceu por milagre; elle estava em harmonia com o momento historico em que se desenvolveu. Occupa um grande logar na critica hodierna pela habilidade com que pintava a vida psychologica dos auctores que submettia á sua analyse; pela ductilidade e comprehensibilidade de seu espirito; mas os seis principaes elementos da critica eram já uma realidade na época de seu apparecimento e ainda mais se desenvolveram depois d'elle. Estes seis elementos são: a *mesologia* em que Gervinus, Buckle e Curtius foram mais eximios do que o critico francez; a *ethnologia* em que Herder, Thierry e Renan o excederam; a *physiologia* em que Taine e o proprio Zola levam-lhe vantagem; a *psychologia*, que o auctor das *Causeries du Lundi* exerceu com bastante tacto, e onde Hermann Hettner e Karl-Frenzel o iguallam; as *correntes e influencias historicas* que Macaulay e Villemain foram sempre habéis em indicar, e, finalmente, o *julgamento scientifico, ultimo e definitivo*, que ninguem formúla melhor do que Edmond Scherer e Julian Schmidt. Com

estes dados estudam-se os povos e os individuos, determinando nos primeiros a natureza de suas instituições e nos segundos a indole de suas creações. Mas para tanto é necessario possuir-se uma philosophia ampla e segura, e é o que faltava a Sainte-Beuve. E' tambem o que falta a Zola e por isso como criticos Taine e Scherer o excedem demasiado. No artigo que o auctor de *Nana* consagrou aos criticos hodiernos não se nos depara o nome de Scherer e ha flagrante injustiça para com Taine. Entretanto Edmond Scherer é o legitimo successor de Sainte-Beuve, a quem sobrepuja em vastidão de cultura e segurança de vistas. Os seus estudos sobre Hegel, Maurice de Guerin, Sismondi, M^{me}. Roland e Goethe são modelos quasi inexcediveis do genero.

Ninguem o sobrepuja na exposição das doutrinas e na pintura dos caracteres.

Quanto ao illustre auctor da *Historia da Literatura Inglesa*, não ha muito Zola lhe tecia os maiores elogios. Taine, porém, não o tendo applaudido no mesmo tom em que applaudiu Balzac e Stendhal, o romancista, atacou-o vivamente.—«Si M. Taine vivait de notre vie, je crois qu'il n'accepterait jamais le rôle compromettant de tenir un drapeau. Il n'est point dans son tempérement de se compromettre, il refusera toujours de se prononcer nettement en faveur de quelque chose ou de quelqu'un.» (1)

Eis aqui o que é fallar com franqueza; mas tambem o que é fallar com injustiça e cegueira. Si alguem contribuiu em França para matar o velho romantismo e espalhar o naturalismo,—esse alguem é Taine com seus trabalhos historicos, litte-

(1) *Documents littéraires*, pag. 339.

rarios e de philosophia d'arte. Zola sabe bem d'isto; mas o seu mestre em critica, o seu modelo de analysta, não se quiz declarar inteiramente em favor d'elle... E' que entre o naturalismo de Taine e o de Zola vae toda a distancia que medeia entre uma concepção philosophica e scientifica da litteratura e d'arte, e o simples emprego de um methodo de observação, todo empyrico, fluctuante, sem norte, sem principios dirigentes a que no fundo se reduz a concepção capital do creador dos *Rougon-Macquart*, apesar dos grandes dotes que o exornam. Mais adiante voltarei sobre este ponto. Por agora continuemos a notar as ideias de Zola sobre a esphera e os fins da critica.

Diz elle que Sainte-Beuve—*comprehendeu a todo mundo, mas não comprehendeu a Balzac*.—E' verdade; o auctor de *Volupté* carregará na historia o pezo d'essa injustiça: elle desconheceu o creador da *Comedia-Humana* !...

Zola passará tambem á historia sobrecarregado com o pezo, não de um, mas de quatro desacertos de juizo: não comprehendeu completamente nem Taine, nem Sully-Prudhomme, nem Baudelaire, nem Leconte de Lisle.. «A critica, escreve elle, não tem mais a missão pedagogica de *corrigir*, de assinalar defeitos como nas lições de um discipulo, de sujar as obras primas com annotações de grammatico e de rhetorico. Ella deve contentar-se em explicar e traçar um processo verbal. Ella expõe e não *ensina*.» Perfeitamente; esta é uma parte da verdade expressa sem subterfugios. Ha apenas uma redução a fazer. A critica perdeu o seu velho habito de indicar erros grammaticaes, rhetoricos e outros. Estava reservado a um poeta nosso conhecido o spectaculo de pretender *corrigir*, refazer, deturpar, afeiar os versos de outro ! Nos tempos que correm só no Rio de Janeiro haveria um

simples que tentasse tão desfructavel empresa!... Si fosse em Pariz como não rir-se-hia do caso o malicioso Zola!

Ha, porem, entre a critica simplesmente *espectante* que nos prescreve o romancista, e o criticar *pedagogico* á antiga, um meio termo, que é a exacta expressão das funcções do analysta litterario e scientifico.

A simples observação d'um phenomeno intellectual complexo, como é um livro, a mera inquirição das condições de vida de um escriptor, de sua intuição, de suas tendencias mentaes, é de todo improductiva, si o critico é incapaz de prender esses factos ao desenvolvimento geral das ideias, si elle é incompetente para abstrahir e generalisar. A critica scientifica deve jogar com os methodos da sciencia; deve induzir e deduzir. Mas ninguem induz e deduz sem o conhecimento completo da ordem de phenomenos que sujeita á analyse. Ora, determinar o logar que deva na hierarchia dos factos intellectuaes de um povo occupar um escriptor, é traçar um juizo, é julgar a cathegoria de ideias que esse escriptor personifica, é designar o sentido e o alcance de sua contribuição para a obra commum das ideias. Si, portanto, corrigir não é mister da critica, seu alvo é julgar. Ella não deve perturbar a marcha regular dos talentos; mas não deve engolir todos os disparates que os mediocres de qualquer marca lhe queiram ministrar. Não deve sujar, é certo as *obras-primas*, porém corre-lhe a obrigação de não tomar qualquer charlatanice por uma obra-prima. Eis o ponto culminante da questão. Tomemos um exemplo no Brasil. Suponhamos que alguém, munido de bastante consciencia —, tenha estudado, os phenomenos intellectuaes d'este paiz em todo o seu desenvolvimento de quatro seculos; que tenha de-

terminado o fluxo e refluxo das ideias nacionaes e estrangeiras provocadoras das diversas escolas e correntes mentaes d'este povo; que haja compulsado os documentos mais palpitantes em que a alma da nação esteja mais nitidamente vasada, e descoberto a lei ou leis dirigentes do vasto complexo de factos accumulados em quatrocentos annos; supponhamos tudo isto. Os phenomenos intellectuaes não brotam da terra; irrompem dos cerebros; ha homens representativos, que os encarnam e symbolisam, e esses homens devem ser julgados na medida de seus meritos.

O nosso critico encontra em seu percurso um Gregorio de Mattos, por exemplo, e um Britto de Lima, e, como incumbe-lhe apenas o dever de traçar um *processo verbal*, os dous bahianos entrarão para a historia em pé de igualdade, sem mais distincções, sem mais julgamento! Não pôde haver maior absurdo. O critico deve ter bastante sciencia e bastante coragem para distribuir os papeis e dar a palma a quem a merecer diante dos factos e da verdade provada. Por isso é que seu juizo é puramente objectivo; é uma conclusão da historia e da lucta das ideias. A critica se não pôde transformar na incampadora de erros. Taine é objectivista e não escondeu a verdade aos escriptores que lhe cahiram sob as vistas, e o proprio Zola não passa a mão sobre a cabeça dos romanticos, ainda os mais eminentes. Que o diga Victor Hugo. E aqui cumpre-me indicar o excessivo rigor do auctor do *Assomoir* exercido á conta de Leconte de Lisle, especialmente.

Não sou devoto d'este escriptor; mas creio que Zola não o comprehendeu de todo. Ha entre nós certa gente que se diz sectaria de Emilio Zola e ao mesmo tempo do poeta dos *Poémes Antiques*!... Não pôde haver maior falta de senso; são d'essas

uniões extravagantes e exdruxulas em que a sagacidade nacional apraz-se em debicar com o publico.

A's vezes ligam Zola a Comte e outras a Leconte de Lisle !... E' um jogo de antitheses, pondo a descoberto a mais profunda ignorancia. Nem sei como isto póde occorrer, quando o auctor de *Nana* é franco e rude para com o creador dos *Poémes Barbares*.

Ouçamol-o por extenso : «O sr. Leconte de Lisle, que tem hoje cincoenta e oito annos, nasceu na ilha de Bourbon. Estreiou tarde, depois dos trinta annos. Mas, desde as primeiras publicações, os *Poemas antigos* e os *Poemas barbaros*, excitou grande admiração na mocidade lettrada. Vinhalhe a força de ter achado uma attitude. Depois dos descabellamentos do romantismo, do frenesi do lyrisimo em desespero, chegava elle proclamando a belleza superior da *immobilidade*. Ser impassivel, não se deixar contaminar pela *paixão*, ficar no estado correcto e *puro d'um marmore*—tornou-se para elle o supemo ideal.

Professou que uma expressão qualquer do rosto, alegria ou dôr, lhe deforma as linhas de modo horroroso. E dahi rompeu com a idade-media e refugiou-se especialmente na Grecia e na India. Foi um odio ainda maior ao mundo moderno. Victor Hugo muitas vezes digna-se ficar entre nós, tomar as crianças em seus joelhos, descrever um canto de Paris. O sr. Leconte de Lisle *crer-se-hia deshonorado*, si tomasse interesse por qualquer dessas *actualidades*. Vive com Homero, ao qual traduziu restabelecendo a orthographia dos nomes gregos; é biblico, sabe a fundo os deuses indianos, acha-se á gosto nos cantos mais obscuros e sollemnes da historia do mundo. E, como é maravilhosamente dotado quanto á forma, escreveu ver-

sos que por certo possuem uma soberba apparencia.

Não temos em nossa lingua trechos mais irreprehensíveis, nem mais sonoros. Algumas peças, entre outras—*Meio-Dia*—são admiráveis de clareza e comprehensão. Apenas, o sr. Leconte de Lisle é muitas vezes illegivel e direi adiante o mal que elle fez á nossa poesia. Não é mais, sêm duvida, o romantismo fulgurante e arroubado de Victor-Hugo; é um romantismo ainda mais perigoso, desviando-se para a perfeição classica, tornando-se dogmatico, enregelando-se para impôr uma formula de belleza perfeita e eterna». (1)

Não é possível ridicularisar mais um forjador qualquer de versos sonoros, aereos, vazios, falsos, tomados de emprestimo ás gastas theogonias do cansado Oriente! E isto é dicto a Leconte de Lisle, que foi levado a um semelhante systema poetico por um motivo profundo... E o que diria Zola do levantismo charlatanescos, incongruente do nosso Luiz Delfino, por exemplo? O que diria elle d'aquella imitação sedicã, palavrosa, inchada, turbida do estylo de Victor Hugo, levado ao supremo exaggero logomachico, revestindo umas scenas do Oriente que o sr. Delfino não viajou, do Oriente que elle nem ao menos conhece como erudicto, porque sua ignorancia philosophica e historica é profunda? O que diria Zola? Por certo que o sr. Delfino tem apenas a mechanica inconsciente de versejar, repetindo-se eternamente, sempre a mesma mistura, o mesmo xarope de adjectivos campanudos e de disparates reaes.

Mas deixemos por agora o sr. Delfino, em quem fallamos por ser affectado de mania levantina, e tornemos a Leconte de Lisle.

(1) *Documents Litteraires*, pag. 171 e 172,

Este poeta não é certamente um genuíno representante do espirito de nosso seculo. Collocado, porém, entre o romantismo e o naturalismo, é, como Baudelaire, um ponto de intersecção, que Zola devia comprehender mais amplamente. O romantismo, entrando em dissolução, teve um momento de especulação universal.

D'ahi os poemas cyclicos da historica, á guiza da *Legenda dos Seculos* e das poesias de Theophilo Braga—E' o humanicismo ainda vago; mas é elle em busca de uma formula nova. E' por isso que as origens, as theogonias, as lendas primitivas, os povos barbaros interessaram a Leconte de Lisle. E' ainda o romantismo; mas em via de transformação.

Zola não comprehendeu isto de modo claro; d'ahi a estreiteza de seu juizo sobre o auctor dos *Poemas Antigos*. Ouçamos o seu final sobre a influencia do poeta n'um certo grupo *parnasiano* de Paris: «Naturalmente esses jovens poetas constituíam grupo a parte. Sentindo-se cercados pela indifferença e pelo debique deviam enclausurar-se no cantó em que se reuniam, fechar as portas e as janellas, fazer da poesia uma verdadeira religião. As praticas idolatricas, as cegueiras de sectarios, as exagerações de fanaticos, iam deparar ahi um optimo terreno. A perseguição acarreta sempre a devoção sem limites. D'est'arte o movimento poetico iniciado trouxe todas as estreitezas d'uma capella fechada. Não era mais a bella evolução de 1830 expandindo-se em pleno ar, em meio d'uma epoca embriagada pela poesia; era uma conspiração de illuminados dando-se a conhecer por gestos maçonicos, por formulas extravagantes. Como os fakirs da India que absorvem-se na contemplação de seu umbigo, os Parnasianos passaram noites admirando-se mutuamente, tapando os olhos e os

ouvidos para não serem perturbados pelo *meio vivo* que os cercava.

Foi creado então um *novo romantismo*, ou melhor a cauda romantica estendeu um novo anel. Victor Hugo para o grosso do publico era ainda o chefe incontestavel. Mas os iniciados viam n'elle apenas um chefe honorario. Tinham adoptado o rito mais pomposo e mais correcto de Leconte de Lisle. Alguns eram devotos de Baudelaire. Reconheciam todos a *soberania da forma*, juravam banir as emoções humanas de suas obras, como attentatorias da *magstade dos versos*. Tinha-se a obrigação de ser esculptural, *sideral*, de pôr-se fora dos tempos e da historia, empregar o talento em buscar *as rimas abundantes* e em alinhar hemistichios tão duros e brilhantes como o diamante. Por isso iam os Parnasianos procurar assumptos nas epopéas mythologicas, nos paizes mais afastados e mais desconhecidos. Cada um teve uma especialidade. Alguns houve que habitaram os paizes do Norte, outros o Oriente, outros a Grecia; não poucos, em fim, *levantaram tenda entre as estrellas...*» Interrompo a citação; o flauteio é cada vez mais feroz e tremendo. Quem não vê que um grande numero dos nossos suppostos naturalistas não passa de uma descendencia bastarda, hybrida do grupo parnasiano de Paris?—E' essa a origem da *Mosca azul*, do *Trote de Camellos* e de outras gentilezas da epoca.

Faço votos para que nossa mocidade leia os livros criticos de Zola. Essa leitura acabará com innumeradas illusões que a atormentam. Ha paginas verdadeiramente soberbas espalhadas nos seis volumes de escriptos analyticos do illustre romancista. Entre outros, o artigo *de la moralité dans la littérature*—deve ser lido vinte vezes.

II

Emilio Zola diz, com acerto, que ninguem hoje lê as poesias e os romances de Sainte-Beuve ; mas que todos lêem as suas criticas.

E' exactissimo... Parece-me que alguma cousa de analogo, no sentido inverso, acontecerá ao bravo luctador de Médan. O futuro lêr-lhe-ha os romances, esquecendo-lhe os trabalhos criticos. Apesar de seu talento, a despeito da lucidez de sua visão, não é a faculdade critica que predomina em Zola.

Si as suas personagens de romance, como diz Véron, não deixam na memoria do leitor uma imagem vivaz e perduravel, por ficarem indecisas no meio das descripções e incidentes, as suas characteristics litterarias não conseguem pôr em relevo a figura animada e palpitante dos escriptores. N'este ponto nada mais instructivo do que o estudo consagrado a Flaubert pelo auctor de *Nana*. (1) E' um verdadeiro fragmento de romance. A descripção do enterro do poeta de *Madame Bovary* é magistral; mas a physionomia intellectual e

(1) *Les Romanciers Naturalistes*, pag. 125.

litteraria do illustre morto mostra-se a nossos olhos ondulante e pallida. Zola não possúe a faculdade primaria dos grandes criticos, a faculdade de sorprehender a ideia central de um systema e a nota predominante de um caracter.

E' por isso que em discussão doutrinaria elle não possúe uma só pagina comparavel ás de Scherer sobre Lamennais, e, na pintura de um temperamento artistico, um só estudo que possa hombrar com o de Taine sobre Schakespeare.

Poeta e paysagista, espirito sobrio e desabusado ao mesmo tempo, o insigne escriptor affigura-se-me principalmente um grande satyrico munido de um poderoso estylo, um novelista vigoroso, destro na *enscenação*, agil, animado, capaz de descrever com graça as excentricidades de um Musset, por exemplo, mas pouco geitoso para aquilatar do alcance das doutrinas alheias. A sua critica é mais um *conto* do que uma analyse; é mais uma descripção do que um estudo; revela mais o novelista do que o psychologo. E note-se: não são os seus dotes de romancista levados para a critica que eu censuro; ao contrario são n'ella o mais apreciavel titulo.

Não é o methodo que lhe falta, é a profundeza e a instrucção. E' um agitador, um reaccionario, um combatente; não é um analysta imperturbavel e seguro. E' um chefe de bando, um guerrilheiro sempre na brecha; bate-se por uma formula e encara as cousas por um só prisma; não tem a serenidade de um naturalista. A cultura não é vasta. De resto, é ductil, é destro; tem largueza de vistas e sabe pensar por si. Quando se apega a uma ideia sabe defendel-a com habilidade e coragem.

Nada tem de charlatão; detesta os corrilhos litterarios e chasquêa da *Academia Franceza*. Si

fosse brasileiro, já nos teria feito rir á custa do *Instituto Historico...*

Quando se apega a uma ideia, disse eu, sabe pugnar por ella. E' assim que é uma de suas theorias favoritas o character neutral e abstenção da litteratura, e do romance especialmente. Para Zola o romancista e o poeta descrevem, contam, photographam e nada mais; não devem ter uma these, uma opinião, uma doutrina a sustentar.

Sua formula litteraria praticamente visa um duplo fim: primeiramente banir do romance a imaginação turbulenta e doentia, desregrada e vagabunda, e expulsar tambem as *tiradas* moraes, as theses doutrinarias, a panthosophia lacrymejante e beatesca. Tudo isto é mais que excellente, e n'este sentido a exposição do escriptor é de uma clareza admiravel. Mas eil-o que não precisou bem o terreno e avança além do ponto desejado. O romancista para Zola é um observador. Perfeitamente. Mas ouçamol-o: «Ha duas classes de observadores, os que observam como sabios, e os que observam na qualidade de medicos. Aquelles sentem amor pela verdade; estudam o homem em suas proprias chagas, porque consideram prodigiosamente interessante a carcassa humana; a experiencia os tenta, a analyse é a sua unica e suprema alegria. Os outros, muito ao envez, têm a paixão de curar; si param diante de uma bella molestia moral, é sómente para inventar de prompto um remedio; em sua azafama, accoitam o primeiro diagnostico improvisado, e eil-ós que se desnorteam em theses de toda a especie, prodigalizando prescripções e dietas, olvidando-se de seu assumpto no meio das ternuras pela medicina.»

(1) Eis o que não é novò e é em grande parte ver-

(1) *Documents Littéraires*, pag. 258.

dadeiro; mas eis tambem o que já por vezes tem poduzido exaggeradas extravagancias. Sim, o romancista deve ser um observador, qualidade esta que não deve privar-o de ter idéas, de ter desig-nios, de ter systema, de ter uma doutrina. Nem as duas cousas são incompativeis. A mesma sciencia, em toda a sua gravidade, em toda a sua apparencia sombria e inquebrantavel, seria uma cousa frivola, seria um luxo de ociosos, uma pedanteria de abstractos, si ella não podesse interessar, não podesse melhorar as sociedades humanas. O homem é um forçado que se liberta e sua arma de combate é a sciencia e é a litteratura. Estudar por estudar, observar por observar, reunir notas e notas sem outro fim que isto mesmo, é ó caminho certo da *arte pela arte* em litteratura, é um velho peccado romantico, é uma lepra que deve ser banidade nosso seculo de actividade. Estou com os criticistas contra Zola n'este ponto : —*a sciencia pela sciencia, a arte pela arte*—são dous delirios pedantocraticos, nocivos e despreziveis. E' bem certo que Zola não advoga francamente esse pensar ; mas é a consequencia que brota de sua doutrina para quem sabe ler entre as linhas.

Si é verdade que a affectação doutrinaria é um enorme defeito, si é verdade ainda que n'uma obra d'arte não devemos sempre visar um resultado pratico, si a *americanisação* do pensamento, no sentido de um fim utilitario, é um vicio, não é menos positivo que a arte pela arte é um sonho polucional de manicacos.

O observador, qualquer que elle seja, sabio ou romancista, deve ter uma philosophia, deve ter uma intuição do mundo e da humanidade capaz de dar um sentido ás suas pesquisas, capaz de fornecer-lhe um ideal de progresso e de libertação.

O observador, qualquer que elle seja, poeta ou naturalista, deve estar á igual distancia do empirismo chato e da idealidade idiota. Eis o grande segredo em litteratura. Eis o ponto de contacto de todos os idealismos e de todos os realismos. A doutrina zolaiana, tomada em seu todo, a concepção artistica d'este naturalismo, tomada em seu conjuncto, é algum tanto arida, não quando prega a observação, não quando busca a realidade; sim quando desconhece as grandes linhas da evolução humana. Na historia, na vida social não existe sómente o jogo da vida animal em acção; existem tambem todo o immenso trabalho da cultura, todas as forças vivas com que o *factor humano* pouda tirar da grosserira dos instinctos mecanicos, a arte, a sciencia, a poesia, o direito, a justiça e a moral. A natureza, a natureza!... Muito bem: é ella a grande fonte; mas uma fonte acre e despotica em seu mecanismo determinista e fatal. O homem tomou-a em suas mãos e a tem modificado por meio da sciencia, da industria, e cada uma d'estas creações é um organismo que evolúe por selecção artificial, ás vezes contra a natureza, bella dama, bella expressão metaphysica como outra qualquer... A arte é como o direito, é como a linguagem; nma vez constituida, caminha por si; parte da natureza; mas, si a reproduz, tambem por vezes a corrige. Si o melhor, o mais perfeito romance é o que representa *la bête lachée*, os melhores palacios são as *cavernas* das montanhas; os melhores circulos não são os sonhados por Euclides, são os que o vento traça nos comoros desertos; as mais bellas estatuas não são as de Phidias, antes por ahi alguma pedra tosca que *naturalmente* semelhe a um homem. E' preciso que nos entendamos: eu tambem supponho ser naturalista, quero tambem a verdade dos factos, e

é justamente por isto que julgo estreita a formula de Zola.

Distingo entre naturalismo e naturalismo... A litteratura não é só producto da natureza, não tem por fim descrever as paysagens da terra, ou tirar photographias do mundo exterior. A litteratura é um producto humano, historico, social, evolutivo das nossas faculdades estheticas, e, com Buckle contra Zola, creio que na historia ao lado dos factores naturaes ha os factores *mentaes* "neutralisadores da natureza. Isto leva-me logicamente a encarar mais de perto a celebrada definição da arte por Zola: «Uma obra litteraria é um canto da natureza visto atravez de um temperamento.» Não é sómente sobre a concepção da critica e dos fins da litteratura que faço objecções ao auctor de *Nana*. Faço-lhe uma terceira sobre a sua concepção da litteratura mesma. Sua definição, que é exactissima para quem admite um elemento subjectivista em litteratura, é diametralmente opposta ás suas idéas capitaes.

Si o dever do romancista, por exemplo, é meramente «observar, fornecer simples estudos, sem peripecias, a analyse de uma existencia, notas tomadas sobre a vida e logicamente classificadas» toda e qualquer entrada de seu temperamento em seus productos é um falseamento da obra litteraria. O romance, sendo um simples processo verbal, sendo todo objectivo, analytico, o melhor typo do genero seria, na phrase de Taine, um auto criminal, o depoimento frio, impassivel de uma testemunha ocular. Este é o esqueleto do zolaismo; mas isto é absurdo. A alludida definição, porém, é um desses rasgos de bom senso e de fino tacto apparecidos nos momentos em que Zola se contradiz. E' quando elle dá ao seu realismo uma amplitude mais vasta, consorciando o homem e a na-

tureza, as conquistas da cultura e as imposições da materia.

Ao lado de um realismo puramente photographico e inerte, é possível um realismo fundado na intuição scientifica hodierna.

E' impossível esquecer o factor humano com suas conquistas historicas. «O direito, diz o meu amigo Tobias Barreto, que cito para encommodar os charlatães do Rio de Janeiro, o direito não é um presente do céu, nem uma creação da natureza ; é antes um producto *cultural* do homem». E' o que se dá com a litteratura. Não ha uma arte, uma poesia, uma musica, uma estatuarria da natureza, como não ha um direito, ou uma religião natural... A personalidade deve apparecer nas obras litterarias, e a personalidade humana não é só modelada pelo mundo exterior, tambem o é pela evolução espirital das epocas.

Zola tem razão, plenamente razão contra o naturalismo empirico e superficial quando escreve estas palavras, que os epigonos, os palhaços nacionaes do realismo bruto deviam decorar : «E' uma cousa terrivel a verdade em litteratura. Os escriptores não possúem as certezas dos mathematicos. Quando se diz: *dous e dous são quatro*, fica-se convencido e vae-se dormir tranquillo. Nas lettras a duvida permanece eterna.

As escolas levantam-se em face umas das outras, lançando-se mutuamente seus systemas á cara. Os classicos, os romanticos, os realistas gritam juntos que o talento, a verdade, o estylo estão de seu lado e ha occasiões em que a gente não sabe quem tem razão. Em summa, a unica base possível é ainda a natureza ; podemos sem medo de errar tomal-a por medida commum. Comparar uma obra ao que existe, indagar si ella é fiel, si reproduz sem mentira a realidade, é uma

operação inicial e facil, que estabelece um ponto de partida, certo e positivo para todas as obras. *Mas isto não basta evidentemente ; poderíamos ser levados a exigir photographias, e a obra mais bella seria a mais exacta, conclusão falsa ás mais das vezes. E' necessario ahi introduzir o elemento humano, que alarga repentinamente o problema e torna-lhe as soluções tão variadas quantos são os craneos differentes na humanidade.* Eu defini uma vez uma obra litteraria : *um canto da natureza visto atravèz de um temperamento.* Ficamos sempre longe da certeza mathematica ; temos, porém, ao menos um instrumento de critica, que póde prestar grandes serviços, impedindo-nos de perder-nos nas phantasias das preocupações systematicas.

Já tenho por vezes feito ensaios com este instrumento. Seu emprego é commodo. Quando temos diante uma obra, a primeira cousa a prescrutar, é qual a porção de realidade que ella contem; depois, sem julgá-la ainda, passar ao estudo do temperamento que poude produzir na obra os desvios da verdade que n'ella encontramos. E' indifferente a maior ou menor exactidão. Basta que o espectaculo do escriptor em lucta com a natureza mostre-se grande; a intensidade com que a vê, o modo potente porque a deforma para mettel-a em seu molde, o cunho que elle deixa sobre tudo o que toca, tal a verdadeira criação humana, a verdadeira assignatura do genio. Temos em França um grande poeta, Victor Hugo, que é sem duvida o mais falso e o mais largo espirito que existe. Dá tantos murros á natureza que ella sae de suas mãos collossal e corcunda com uma febre de vida miraculosa. O illustre pintor Delacroix via tambem a natureza debaixo de tres cores dominantes, o encarnado, o verde e o amarello, que faziam

tremular em seus quadros um esplendor mentiroso e extraordinario. *Quero indicar com estes exemplos que a realidade só não me seduz, que ligo a devida importancia ao esforço humano, áquillo que o homem ajunta á natureza para creal-a de novo, segundo leis de optica pessoaes.* E é esta continua variedade na interpretação da vida que produz a eterna seducção das obras imaginativas. As creações litterarias desenrolam-se de seculo em seculo, sempre novas com enflorações tanto mais originaes, quanto as sociedades se transformam mais profundamente». (1)

N'esta pagina, sensatamente admiravel, Zola foi superior a si proprio e ás interpretações *coxas e trapentas* que lhe fazem os seus plagiarios estonteados do Brasil, que não têm talento para comprehendel-o. Abstenho-me de citar exemplos, porque não quero macular estas paginas, citando os nomes dos cosinheiros da litteratura...

E' transparente que o notavel escriptor tem em theoria, que ás vezes esquece, a grande intuição da arte contemporanea. E, entretanto, a pagina que deixei transcripta não passa de uma reproducção mais ou menos exacta do capitulo 3.^o da 1.^a parte do livrinho de Taine—, *Philosophie de l'Art*, pag. 36 a 41. (2) O leitor poder-se-á informar alli de que *o homem que não se decide por ninguem*— é o mestre e o inspirador de Zola nas suas melhores paginas de crítica. O que deve, em todo caso, ficar assentado é que a definição de Zola, verdadeira como uma inspiração de Taine, exacta em face do realismo transformista e scientifico, é uma bella nota que destôa no meio do realismo empirico, secco, esteril, nullo dos mãos escriptores, dos

(1) *Documents Littéraires*, pag. 263.

(2) *Philosophie de l'Art*, Paris, 1872. 2.^a edição.

macaqueadores sem criterio, sem cultura, e sem talento.

Especialmente no Brasil, onde não se estuda e menos ainda se pensa, não foram só os velhos classicos e os românticos que praticaram desparates, falseando systemas que raramente entenderam. Elles não tiveram o privilegio do erro, como finge crêr a boa rapaziada realista. Esta é cúmplice do mesmo crime, que eu denuncio; porque não a temo. Parece-me até que os dous velhos systemas, com serem mais facéis por dependerem quasi exclusivamente da imaginação, tiveram alguns representantes habéis entre nós. Ao passo que o naturalismo, especialmente na ramificação empirica, só tem contado até aqui, na poesia, no romance e no drama, uns paspalhões minimos de fazer dó. A gloria da invenção da doutrina não lhes pertence; é do estrangeiro; cabe-lhes apenas a gloriola da imitação e esta mesma tão desgeitosa, tão inhabil, tão mesquinha, que compunge. Não basta repetir de outiva que em Paris Zola está na ordem do dia; é mister comprehender as novas doutrinas e entrar n'ellas como um consocio e não como um simples caixeiro, um simples moço de recados. Francamente o confesso: — ainda, no Brasil, não encontrei na poesia, no theatro, no romance,—o Gonçalves Dias, o Penna, o Alencar do realismo á Zola. A decadencia é evidente. O desnorteamento, pela falta de estudo, é tão completo que os pretendidos directores da intelligencia brasileira no momento actual não possuem, ao menos, a noção clara das escolas e das individualidades litterarias do paiz. Levam a indigencia de criterio ao ponto de agarrarem pela gola os dous mais nitidos exemplares da romanticidade caduca, da vaporosidade martelante no Brasil, os srs.

Machado de Assis & Luiz Delfino e sacudil-os entre os *naturalistas*...

Ora, Machado & Delfino, dous *sobriquets* da cauda romantica, dous infelizes desclassificados, erguidos agora em realistas... é demais !

Para prevenir tão nocivo e escandaloso erro, incluirei no fim d'este rapido estudo duas ligeiras características d'estes escriptores de ordem terciaria, mesmo no Brasil. Antes d'isto definirei o naturalismo, como o determinei desde 1869.

A lei que rege a litteratura é a mesma que dirige a historia em geral: a evolução transformista. Ella habilita-nos a formular a synthese do universo e da humanidade, synthese que não é puramente objectiva, como quizeram sempre os empiristas de todos os tempos, nem exclusivamente subjectiva, como sempre declamaram os idealistas de todas as epochas. A synthese é complexa, bilateral, transformista em totalidade, não só dos elementos ideaes e abstractos, como dos naturaes e empiricos

Esta é a intuição actual da sciencia. A litteratura deve apoderar-se d'ella para ter a nota de seu tempo. Não cumpre ao poeta, ao romancista fazer sciencia. Seu estylo, seu methodo, seu designio são outros. O poeta deve da sciencia ter as conclusões e os fins para não escrever tolices. Não incumbelhe dar demonstrações ; cumpre-lhe fazer lyrismo amplo, sereno, sem phantasmagorias morbidas. O romancista é o dramataista devem observar, não para formular theses, ou sentenças condemnatorias, sinão para comprehender o jogo das paixões, como psychologos e physiologistas. Seu papel não é o dos moralistas impertinentes, nem o dos anatomistas descriptivos. Seu papel é levantar uma obra d'arte sobre os dados da observação. Como o esculptor devem partir da natureza, mas

em suas obras ha de palpitar um largo ideal civilizador.

O progresso, as nobres expansões das qualidades humanas devem ser o seu alvo A litteratura faz pelo sentimento o que a sciencia faz pela razão :— liberta o homem e estimula-o a sonhar e trabalhar para um estado melhor; uma maior confiança em nossos designios, em nossas faculdades, em nosso futuro. Fóra d'ahi tudo pode ser muito bom, muito bem burilado, mas eu deixo de comprehender e commigo grande porção da humanidade.

III

A passagem de Emilio Zola para o sr. Machado de Assis é um d'estes saltos mortaes da intelligencia provocados pela lei dos contrastes. Depois de um talento, de um estylista, de um critico sincero, de um romancista de força, de um homem, avistar um meticuloso, um lamúriente, um burilador de phrases banaes, um homensinho sem crenças... é uma irrisão ! Mas é preciso romper o enfado que me causa essa tenia litteraria e despil-a á luz meridiana da critica. Esse pequêno representante do pensamento rhetorico e velho no Brasil é hoje o mais pernicioso enganador, que vae pervertendo a mocidade. Essa sereia matreira deve ser abandonada. O auctor de *Yayá Garcia*, frivolo e inoffensivo como é, é tanto mais para ser combatido, quanto pela dubiedade de seu character politico e litterario em nada pode ajudar a geração que se levanta e a quem insinúa-se por amigo. Não tendo, por circumstancias da juventude, uma educação scientifica indispensavel á quem quer occupar-se hoje com certas questões, e apparecendo

no mundo litterario ha cerca de vinte e cinco annos, o sr. Machado de Assis é um desses typos de transição, creaturas infelizes, pouco ajudadas pela natureza, entes problematicos, que não representam, que não pódem representar um papel mais ou menos saliente no desenvolvimento intellectual de um povo. Quando elle appareceu já na Europa o romantismo entrava plenamente em dissolução e no Brasil o olhar exercitado podia bem distinguir os germens de decadencia que lhe rompiam no seio. O romantismo ja tinha produzido entre nós suas melhores obras na poesia, no romance e no drama. Magalhães, Porto-Alegre, Penna, G. Dias, Alvares de Azevedo, Macedo, Teixeira e Souza, Junqueira Freire para só fallar n'estes oito, haviam levado a effeito suas melhores producções e crêdo em torno de si uma multidão de epigonos. Alencar já tinha produzido seu *Guary*, rasgando novos horisontes ao romance nacional. O sr. Machado tinha, portanto, de occupar um logar secundario na cauda do romantismo, na phrase de Zola, a não ser elle uma intelligencia superior. E' o que não é, e por isso ficou justamente no logar que lhe competia.

Natureza eclectica e timida, sem o auxilio de uma preparação conveniente, entrou a ser um parasita, especie de commensal zoologico, vivendo á custa de uma combinação do classicismo e do romantismo. Não teve força bastante para romper com ambos, e foi sempre vacillante em seus commettimentos. Os auctores que deixei acima lembrados, quaesquer que sejam os seus defeitos, na evolução intellectual brasileira n'este seculo, representam os elos de uma cadeia. Cada um d'elles tem um sentido e uma physionomia propria. E o sr. Machado o que representa? E' um digno camarada de E. Taunay, e Luiz Delfino, sendo tal-

vez ainda menos significativo do que elles. O sr. Machado symbolisa hoje o nosso romantismo velho, cachetico, opilado, sem ideias, sem vistas... lantejoulado de pequeninas phrases, ensebadas fitas para effeito. Elle não tem um romance, não tem um volume de poesias que fizesse epoca, que assignalasse uma tendencia. E' um typo morto antes de tempo na orientação nacional.

As condições de sua educação, o meio falso em que ha vivido explicam o seu acanhamento. Poude illudir e illude ainda a alguns ignorantes pela palavrosidade de seus periodos ôcos, vasio, retortilhados e nada mais. Por duas vezes o inconsciente das cousas favoreceu-lhe o momento de tomar uma direcção fecunda, si para isso tivesse talento e habilitações; uma foi na lucta entre José de Alencar e José Castilho, outra nos ultimos annos diante das novas ideias inauguradas desde 1869 no paiz.

O que temos visto, porem? No primeiro momento aquelle homem dubio teve bastante habilidade, bastante geito para não tomar um partido no debate. Meio classico e meio romantico, precisando de ambos os luctadores, prendendo-se a um pela monomania do lusismo na lingua, e a outro pelos arremedos imaginativos, conservou-se o amigo e o imitador dos dous *inimigos!*.. Isto é colocar a mão sobre a ferida intellectual do homem.

Agora vemol-o sem força para romper com o passado e seguir uma qualquer das novas tendencias... Sentindo o terreno fugir-lhe debaixo dos pés, prega o *opportunismo litterario*, faz-se de *grao-conselheiro*, elogia por calculo a velhos e moços, e, quanto ás ideias não segue nenhuma; porque não as comprehende. A prova é que em seus escriptos de todo o genero, é ainda um velho romantico desconcertado e banal. Vive a sonhar

com a *Mosca Azul*... E é um tal homem que se nos quer inculcar como um modelo !

Sem convicções politicas, litterarias, ou philosophicas, não é, nunca foi um luctador. Esse auxiliar de todos os ministerios, esse rabula de todas as ideias, é, quando muito, o conselheiro da commodidade lettrada. O que elle quer é representar o seu papel equivoco. O auctor de *Braz-Cubas*, bolorenta pamonha litteraria, assás o conhecemos por suas obras, e elle está julgado. Continúe a burilar phrases inúteis, a produzir suas *bombinhas da China*, mas tenha o cuidado de conter-se na vacuidade *embaumée* pelos elogios de seus comparsas inconsiderados.

Passemos ao sr. dr. Luiz Delfino.

Um primeiro signal caracteristico lhe descubro: —é um auctor sem obras !... Máo signal para quem quer influir como chefe e como mestre.

E' medico, é rico; faz versos por desenfado argentareo. Não se sabe ao certo si é d'aqui ou do *Levante*. Sua phantasia morbida e poltrona sonhou um pequeno mundo tirado das paginas dos viajantes enfastiantes: é o Oriente do sr. Delfino.

Estudemos um pouco essa physionomia litteraria. A primeira vez que ouvi-lhe o nome foi em 1870 no Recife; um rapaz estudante, filho da côrte, recitou-me uns versos do poeta. A bella voz, o gesto animado de meu companheiro chegaram a illudir-me sobre o merecimento do auctor das ainda incubadas *Levatinas*.

Notei-lhe uma certa *elevação de notas*. E' verdade que não deixei de observar que esse instrumentó de voz aguda, especie de *requinta* de batalhão, desafinava ás vezes. Em todo caso, aquella impressão ficou-me, e só um estudo sobre as composições do poeta e o conhecimento de sua biographia, de seu meio, de suas predilecções,

acabaram por desfazer completamente a primitiva illusão.

Depois desta, só dez annos mais tarde é que pude ler os escriptos soltos do grande Lama do *Levantismo* e perceber visivelmente que elle não passa de um Leconte de Lisle de dous palmos de altura. O meu grande pezar é não ter em mão um livro do poeta para fartar-me de desparates e rir-me a bom rir do pedantismo fluminense. E' um escriptor sem livros !... Bello chefe, grande general sem batalhas !.. Sua posição é commoda ; mas seu merito como agente, como factor nas luctas nacionaes, é nenhum. Outra lacuna que lhe noto é esta:—elle nunca se decidiu, nunca tomou um partido em nossas luctas. Este signal é tambem caracteristico e eu chamo a attenção do leitor para elle.

Não posso precisar a idade do sr. dr. Luiz Delfino. Informam-me que nasceu em Santa-Catharina, que é homem de cerca de cincoenta annos, que formou-se ha mais de vinte em medicina, que começou pobre e fez grande fortuna pela clinica e por operações commerciaes. Hoje é mais capitalista do que medico; possúe bons predios e grandes estalagens. E' um homem farto. E' o caso unico de um poeta rico em todo o Brasil.

Ninguém conhece as suas opiniões scientificas, politicas, ou litterarias. Sabe-se apenas que tem publicado no decorrer dos ultimos vinte annos, e a largos intervallos, algumas poesias bombasticas pelos jornaes da côrte.

E' pouco, é muito pouco. Ter a cabeça erguida, querer intimidar os outros com chefias, e não ter escripto, discutido, luctado ; conservar-se como um incognito, e emquanto os outros batiam-se peito a peito, emquanto a sua geração que já vae passando, sustentava nos hombros os encargos

intellectuaes da patria, ficar ali para um canto, como um burguez, a enriquecer, é prova de grande tino pratico, é prova de uma grande força de vontade para libertar-se das necessidades da vida, mas não é prova de um temperamento litterario, de uma organização de poeta.

Nada seria si a sua fortuna lhe tivesse vindo pelas lettras, como a de Victor Hugo ou a de Zola, pôr exemplo. O sr. dr. Luiz Delfino será tudo ; mas não é, não foi jamais um factor intellectual no Brasil. Por este lado elle é nada diante de um Alvares de Azevedo, de um Varella, de um Gonçalves[Dias, de um Tobias Barreto, escriptor e poeta, valente luctador, que elle não está no caso de comprehender. Através do poeta, eu quero vêr o homem; quero ver o patriota, quero ver o espirito imbuído de uma ideia, tendo a seu cargo a defeza de uma causa.

Onde, em que tempo o sr. dr. Delfino ha combatido em prol de qualquer cousa ? Desafio-o a que m'o aponte. Elle não tem, pois, o direito de carregar o sobrôlho e olhar de soslaio para aquelles, que o não enchem no caminho. Sim; n'este paiz nos ultimos vinte annos, poetas e romancistas, criticos e jornalistas, medicos, legistas, engenheiros têm escripto folhetos, livros ; têm travado na imprensa cem batalhas. Em qual d'ellas foi visto o sr. dr. Luiz Delfino ? Como pensa elle em politica, em philosophia, em critica litteraria, em sciencia ? Qual é sua opinião sobre o indianismo, o nacionalismo litterario, a poesia popular, o romantismo, a reacção naturalista, a philosophia da arte, a historia litteraria do paiz ? O que pensa elle sobre todas estas questões que todo o poeta de hoje deve conhecer e responder com segurança e vistas proprias ? Nada, absolutamente nada. Vive a sonhar com o *Levante* por imitação

e porque elle é um desterrado no meio das nossas letras.

Não conhece o paiz e por isso nossos problemas não o tocam.

Vejamol-o em suas producções.

N'este ponto, seja minha primeira affirmacão a seguinte: é um poeta palavroso, emphatico, desigual, incorrecto, obscuro e aspero. Não tem sentimento, não tem ideias, nem originalidade. E' o mais acabado exemplo que conheço da *mecanica versejadora* nos tempos modernos. E' um dilettante que faz versos por luxo ; a poesia é para elle um traste de salão, ou um bom coupé para sahir á rua.

O estylo é bombastico e martelante ; é imitado de Victor Hugo deturpadamente. Não tem uma só peça lyrica, espontanea, singela e natural. Atordôa os ouvidos e o bom senso ; mas não commove. Não tem graça, nem delicadezas de expressão e sentimento. O fundo é mesquinho. Sua esthetica litteraria é a de um romantismo turbido, furioso. Si não tem delicadezas, si não tem o sentimento natural e simples, tambem não tem força. Amontôa palavras mal ligadas a mór parte das vezes e raramente produz cousa sensata.

Quando o verso lhe sae corrente é mais pelo habito, por uma adaptacão mecanica do que por ser sentido. Os seus versos novos publicados na *Gazetinha* mostram essa destreza do habito ; os mais antigos da *Revista Popular* são insupportaveis.

E' um espirito que tem pretencões á amplitude; mas é arido e desconnexo. E' o romantismo na phase esteril da nullidadé latente.

Tem um lexicon poetico escolhido a dêdo. As palavras : *sandalo, ebriez, ebrioso, lubrico, leão, colossal, enorme, curva e curvatura, ebriado, e*

outras apparecem obrigatoriamente em seus versos. Mecanisação da memoria...

Temperamento de burguez, educado litterariamente no tempo do romantismo palavroso, sem larga intuição, sem grande talento e sem instrução, o sr. dr. Luiz Delfino da arte só possúe as exterioridades. Alma placida e enfastiada, procura illudir-se a si e aos outros com o retintim das phrases.

Não existe um só pensamento, uma só tendencia na litteratura brasileira de que elle fosse o auctor.

Tem vivido de concessões. Julgando que o Brasil é o circulo de seus amigos, elle tem tambem o seu *Parnaso*. E' uma especie de *kiosque oriental*, onde faz de grande magico. Apresenta-se cercado de camellos, de dromedarios, de eunucos, de pachás e mais caterva do *Levante*. Incha as bochechas e deita pela bocca fóra umas cobrinhas de fogo de artificio, umas cobrinhas de Pharaó... A's vezes suppõe-se cercado de *sultanas*. Ferve a *ebriez* no *kiosque*; é o *Sol* que apparece,—*mostrando a cicatriz enorme do goso, e trajando largas vestiduras!!..*

Então surge todo o diluvio de palavras encaxadas para atordoar e enganar os espectadores. São as phrases cabalisticas..... «*O cravo, a myrrha, o álões, a canella, o sandalo, a baunilha, azas de aroma, alegria do sol, o canto dos cheiros, do ceu a transparente umbella, a milagrosa estrella, escravos de albornosos e turbantes, palanquins d'oiro em dorso de elephantes, as servas, os thalamos reaes, larga fila de enormes dromedarios, cem eunuchos de alfanges legendarios... Passe;n e contrapassem invisivelmente, e levem-me sua senhora aos areas !..*»

Note bem o leitor: toda esta chiromancia, todo este funambulismo poetico é de um soneto só— *Marcha!* Não conheço em litteratura nenhuma cousa tão extravagante. *Marcha, Nascer do Sol, Trote de Camêlos, Capricho de Sardanapalo, Universo de Alin*, e todas as mais são hallucinações de um espirito desconcertado por uma pessima educação litteraria.

Dos poetas que pediram inspirações ao Oriente, Byron, Victor Hugo, Leconte de Lisle, Gothe, Ruckert, Bodenstedt, Leopold Schefer, Daumer, Stieglitz, e o conde Alexandre de Wurtemberg, de todos estes e outros, o sr. dr. Luiz Delfino é o mais pretençioso, inchado, falso, e radicalmente banal.

Não comprehendendo o vago, a serenidade, o pantheismo vivido e limpido da intuição oriental, attira para o verso sómente os trotes dos camêllos... Não tem uma só peça que de longe lembre: *Sara la baigneuse, Marche turque, Les adieux de l'hôtesse arabe*, de Victor Hugo; ou *Amru Ben Madikarb*, de Ruckert; ou *Des Knaben Traum*, de Heinrich Stieglitz; ou *Sadi und der Schah*, de Bodenstedt.

Especialmente a escola oriental de poesia na Allemanha é toda viçosa de doce lyrismo, e é toda inspirada na verdade. Aquelles poetas sabiam o que diziam. E' o que não acontece ao sr. dr. Delfino, que não conhece o Oriente, sinão através dos mãos romances....

As outras poesias das encantadas *Algas e Musgos*, as intimas, as *aspaçias*, as *marinhas* não são mais supportaveis do que as *levantinas*.

São palavrosas, não tem ideial; repisam velhas metaphoras de terceira mão, e não são melhores.

O sr. dr. Luiz Delfino charlatanea até nos titulos que lembram lettreiros e taboletas de armarinho :

O Leão Alado, Aspaçias, Come In, Trote de Camêlos, Longing, Admoestação do Mar, O Não da Historia, Farwell, A Cidade da Luz, Solemnia Verba, etc., etc. São titulos em latim, em inglez, em francez, e dizem que em tupi... Tudo, até os frontespicios, tudo indica a tentação do effeito, o esforço para offuscar e illudir.

São estas as linhas geraes de sua caracteristica litteraria. E é quanto basta para mostrar ao vivo toda a inanidade palavrosa do poeta das *Algas e Musgos*. Não se deve esperar de mim, que desça a um cotejamento de verso a verso. Seria uma ampla messe em que as provas do que deixo avançado encher-me-hiam as mãos. Não o farei por agora. Mais tarde, quando apparecer o livro, entregar-me-hei a esse trabalho enfadonho de dissecação. Ou mesmo um pouco antes, si o auctor provocar-me a isso. O melhor será que elle publique as suas producções de todos os tempos; então mostrar-se-á detalhadamente o que por hoje se affirma a largos traços.

Não posso, entretanto, deixar de dar uma amostra ao meu leitor da pantomima poetica do dr. Luiz. Seja por acaso o soneto—*Nascer do Sol*. Leiamos :

«Accorda, como emir voluptuoso,
Na calida ebriez de essencias puras :
E traz a enorme cicatriz do goso
O sol, trajando as largas vestiduras.»

E' a primeira quadra do soneto. O que temos ahi? Uma velha e myrrada personificação do grande astro, sua transformação n'um emir orgiaco, mettido em largas calças ou em colossaes ceroulas, si é que por aquellas bandas ha d'esses trajos... Mas, apesar de tudo, o pobre do sol mostra a enorme

ferida do goso!... Não é possível ir mais longe com os desparates...

«A' noite, que de esplendidas loucuras,
Beijando huris em raivas de amoroso :
E o divan—entre nitidas brancuras—
Guarda mal o segredo duvidoso.»

E' o segundo quarteto. Qual é o sentido d'isto ? Ha alli duas orações grammaticaes.

A primeira está suspensa; não tem verbo, a não ser o participio do presente—*beijando* .. Mas quem é que beija, ou está *beijando*? E' o sol? Parece que não; porque elle não apparece mais na quadra, e a pontuação da estrophe anterior a isso se oppõe. E' a *noite*? Tambem não ; porque ella não dorme com as *huris*; a noite é feminina. Mas *A' noite* ?? O que ha *á noite*? O que indica alli a preposição *a* contracta no artigo *a*? Aquelle *que* a quem se refere? Si, porém, toda a phrase é uma exclamação, a pontuação não está certa.

A segunda oração tem agente e verbo: *o divan guarda o segredo duvidoso*... Monstruoso *divan*, onde se acoitam o *sol* e umas quinhentas *huris* ; grande *segredo duvidoso* presenciado por tanta gente e até pelo poeta !...

Mas, a final, onde a poesia em tudo isto ? Não passa de uma orgia carnavalesca, uma parodia sediciosa da sublime scena do amanhecer. E é este o poeta naturalista?! E' soberbo. Vamos adiante :

«Vêem-se amarellos sandalos na cama,
Lençóes esparsos, véos da côr da chamma,
Laca vermelha, cintas e coraes;»

«Sandalias de esmeralda, ramalhetes,
Argolas d'oiro, fulvos braceletes,
E o acre rubor das carnes ideiaes !»

Apre! E' demais. Como poderia o pobre do sol dormir em cima de tanta traquinada? Pedacos de sandalo, lençoes, véos, laca vermelha, cintas, co-raes, sandalias, ramalhetes, argolas, braceletes.., Ah! sr. dr. Delfino, vós sois prodigiosamente es-trambolico ! E o *rubor acre* ? Isto fica lá para os olhos e para a lingua do sol.. Vê bem o meu leitor que tenho razão quando affirmo que o homem não passa de um funambulo arrumador de palavras a esmo. E dizem que esta balburdia é ter um lexi-con abundante... Charlatanice.

Temos ainda cousa peor. Não é só o Oriente que o poeta esbandalha. O grande magico salta da Palestina para os Alpes.

Eil-o que nos descreve uma noite la no cimo da cordilheira, que elle nunca viu.—E' um soneto dos de pancaria que elle attira á *Gazetinha*, atraz de uma popularidade fallaciosa. E' uma *gravura*, la no seu entender d'elle, e intitula-se—*Paiçagem nos Alpes* :

«E' noite. Invade a terra uma luz azinhavrada.
Agua larga, folheada em mica iriante, e em aço,
Vem de longe: após lambe os astragaes da arcada,
Que uma ponte romana ergue aos hombros no es-
paço.»

Que diabo de bruxaria é esta ? Já é noite e vem uma *luz azinhavrada*. Que especie de luz será? Vem tambem a *agua larga*, é com certeza a *agua*

larga, não é a estreita ; pois que só aquella é que nada *folheada em mica iriante* e ao mesmo tempo em aço... Quanto esforço inutil para pintar o espectáculo da noite sobre os montes ! Um poeta de talento em quatro versos simples diria mil vezes melhor do que o sr. dr. Luiz. O homem não tem o sentimento da paisagem e das scenas naturaes. Desequilibra-se e entra a personalisar desnecessariamente. Eis :

«Como a Ophelia no lago, a lua desmaiada
Tém um nimbo de luz de um scintilante baço :
Fica á prumo á corrente : a agua espuma entalada
No monte, que lhe entorna a sombra do espinhaço.»

Este último verso é o que Zola chama *une chéville*; apparece sem razão de ser, por necessidade de arranjar uma rima para *baço*. Para isto o poeta forjou o *espinhaço* do monte, que se *entalou* com a agua, ou a agua com elle... A agua *entalar-se* é maravilhoso. Mas que ella sinta-se *entalada* n'um valle, n'uma grota estreita, vá que seja ; sobre o *espinhaço de um monte*... só lembraria ao homem da *laca vermelha*.

Os dous tercetos acabam coxos e ericados de versos asperos, como espinhos de *caititú* :

«O corte é abrupto, vasto: os angulos cozidos
De rachitica relva, e o vento que murmura
Anda no pinheiral, vê-se aos ramos torcidos.»

«Sobre a ponte um chalet das rochas se pendura...
E ouve-se um grande cão enchendo o ar de ladridos
E um lobo a uivar, que surge á meio da espessura.»

Versos quasi todos errados e todos sem belleza. São versos em que os *cães* e os *lobos* andam de parceria... Por hoje bastam estes dous exemplos. Deixemos o poeta, e concluamos :

O sr. dr. Luiz Delfino ignora profundamente as correntes geraes do espirito contemporaneo. E' ainda hoje um velho romantico pantafaguão e esteril. Alheio á vida do paiz, que não conhece, têm se abandonado a umas scismas volantes de hystericas visões litterarias; nunca foi um luctador; não é um escriptor. Não tem obras; nunca influio no pensamento nacional. Não é conhecido nas provincias, si não vagamente. E' menos do que um *virtuose* litterario; é um enfasiado, que faz versos; é o mais acabado typo do volantim nas lettras.

No meio de todos os que luctam, trabalham, esforçam-se por uma causa, em prol da patria, elle toma tambem de um instrumento.

Não é uma arma de combate; é um bandolim de cordas de arame em que o nosso medico, esquecido de tudo o que o rodeia, canta umas trovas ton-tas do Levante, para distrahir os caminheiros... E' um *gipsy* litterario. Deixemol-o de lado.

FIM

S. PAULO
Typographia da *Provincia*
1882

SYLVIO ROMERO.

EVOLUÇÃO

DA

Litteratura Brasileira

(Vista sythetica)

Com uma biographia do auctor por Danstee de
Abranches.

Campãna

1905

*Evolução da Litteratura
Brasileira*

SYLVIO ROMÉRO

EVOLUÇÃO

DA

Litteratura Brasileira

(Vista synthetica)

Com uma biographia do auctor por Dunshee de
Abranches.



Campanha

1905

A Theotônio Freire e França Pereira
dois Grandes Espíritos do Norte.

Sylvio Romero.

Advertencia

Foi sempre nosso intento escrever dois livros geraes a respeito da litteratura patria, a saber : um, a *Historia da Litteratura Brasileira* e outro, um *Compendio* da mesma historia, o primeiro destinado ao grande publico e o segundo aos alumnos do Gymnasio Nacional e Institutos a elle equiparados. Da *historia* existem já dois volumes impressos e o terceiro está quasi a concluir ; o *compendio* vae adiantado, e deverá apparecer após a publicação do alludido ultimo volume do livro que lhe tem servido de base.

O opusculo, que ora sae a lume, é apenas uma generalisação condensadissima de taes obras e destina-se áquelles que desejarem formar uma rapida vista do conjuncto da evolução das letras nacionaes.

Como trabalho organico de methodo synthetico é superior aos que o precederam. Pode servir aos examinandos de *aide memoire* ou *memento*, pois tem valor didactico.

Foi ideiado por occasião de escrevermos a memoria a respeito da litteratura brasileira que figura no livro do *Quarto Centenario do Brasil*; e é dalli extrahido.

Da referida memoria deverá sahir opportunamente outro livro sob o titulo de *Evolução do Lyrismo Brasileiro*.

Agosto de 1904.

Sylvio Romero.



PARTE PRIMEIRA

NOÇÕES GERAES INDISPENSÁVEIS: I *Sentido theorico da evolução da Litteratura Brasileira*; II *Phases historicas dessa evolução*.

I

SENTIDO THEORICO

DA

Evolução da Litteratura Brasileira

Um escriptor nacional, Capistrano de Abreu, disse-nos uma vez: « A evolução da litteratura brasileira se me antolha feita assim: no primeiro momento o paiz é descripto por viajantes estrangeiros e moradores, mais ou menos incertos da sua permanencia na terra, tambem estrangeiros. E' o tempo de Nobrega, Anchieta, Gandavo, Gabriel Soares, Cardim, Lery, Thevet, Hans Staden. E' o Brasil do seculo XVI. Existem indecisões ao lado de vagas esperanças. O europeu despreza a terra e seus naturaes selvagens. Surge após o que se se poderia chamar a primitiva escola pernambucana.

O paiz já é descripto por moradores estaveis e por filhos da terra e não por *touristes*.

E' um tempo de enthusiasmo nascente ; o brasileiro christão começa a apparecer, a crescer e a aspirar. Bento Teixeira Pinto, com a sua *Prosopopéa*, o auctor desconhecido dos *Dialogos das grandezas do Brasil* (1), Frei Vicente do Salvador, com a *Historia do Brasil*, Diogo Lopes de Santiago, com a *Historia da guerra Hollandeza*, são a manifestação deste espirito, que já indica um principio de distincção entre brasileiro e europeu, considerado ainda bem alto o ultimo em face do outro. E' o Brasil do seculo XVII e XVIII até ao descobrimento das minas. Surge por esse tempo o phenomeno extranho de Gregorio de Mattos, que despreza tanto ao brasileiro quanto ao portuguez, dando-lhes uma especie de balanço pessimistico, singularmente curioso. Com o descobrimento das minas, o Brasil é considerado o primeiro paiz do mundo. Rocha Pitta, na *Historia da America Portuguesa*, Botelho de Oliveira, Santa Maria Itaparica, a *Academia dos Esquecidos*, o auctor anonymo da *Chronica dos Mascates* cantam em todos os tons os portentos e maravilhas unicas da terra. O filho do paiz julga-se já mui grande cousa, sem ainda pretender supplantar o europeu.

(1) Sabe-se hoje que se chamava Lobo Curato Garro.

Desde ahí o brasileiro accentua-se ; apparecem pelos tempos proximamente seguintes as nobiliarchias de Pedro Taques, Borges da Fonseca, Lourenço do Ceuto e Jaboaam.

E' o tempo da *nobreza da terra*, do *branco filho do paiz* : o brasileiro genuino é esse *branco* é esse *nobre* d'America. Reinam as illusões patrioticas, e o portuguez tem desmerecido de importancia.

Mais tarde, pouco mais tarde, dá-se outro passo decisivo : o *indio* é poetizado e o *brasileiro genuino* é-lhe equiparado. E' a phase da *nobreza indigena*, é o tempo da escola mineira, da Independencia, s guido de perto da morte do classismo e do advento da era romantica. Nesta desde o primeiro momento o optimismo augmenta ; o brasileiro suppõe rivalisar com qualquer povo da Europa. Magalhães, Porto-Alegre, Gonçalves Dias dão-se *ares de europeus* no Brasil. Portugal já não é o centro das ideias ; a França toma a deanteira. No segundo momento romantico, sob a influencia da navegação directa a vapor, as ideias generalisam-se, accentuam-se mais, e, com Alvares de Azevedo, Lèssa, Macedo, Alencar, a influencia franceza reforça-se e a portugueza affoga-se quasi com-

O brasileiro, supposto igual ao europeu, julga-se o primeiro povo d'America. No ultimo momento do romantismo, com a guerra do Paraguay, com problemas politicos e sociaes varios, novas ideias philosophicas, ábre-se um periodo de reacção pessimistica, e Tobias Barretto, despertando-nos de nosso pesado sonho de illusões, tenta arrancar-nos da influencia franceza, mostrando na Allemanha os exemplos a seguir. E' escassamente ouvido, dando-se uma especie de revivescência do influxo portuguez e recrudescencia da acção franceza, ao lado de outras correntes alienigenas. Morre o romantismo, sob a influencia de um pessimismo geral; ninguem mais acredita na superioridade do brasileiro deante de outros povos quaesquer, e Sylvio Roméro, procedendo, na *Historia da Literatura Brasileira*, a uma especie de balanço ethnographico de nossas origens e procedencias, tem chegado á conclusão de ser o *genuino brasileiro* puro e simplesmente o *mestiço*, physico em a maioria dos casos, moral em todos elles. Tal o caminho e o resultado final da evolução em quatro seculos. » Estas palavras do illustre historiador são uma parte da verdade, ou, melhor, a verdade vista apenas por um lado.

O problema theorico da evolução brasileira, quer

sob o ponto de vista litterario, quer tomada ella em sua completa generalidade, abrangendo todas as faces da actividade nacional, não se deixa resolver só pela apreciação da maior ou menor importancia que aos nossos proprios olhos tenhamos dado ao nosso paiz e a nós mesmos. A cousa é muito mais complexa.

As palavras citadas do erudito editor de Anchieta, Cardim e Frei Vicente do Salvador são uma forma mais simples e mais incisiva das que por elle mesmo já tinham sido postas como *Introdução ás Informações e Fragmentos* do insigne Apostolo do Novo-Mundo : «Das *Informações* ha muito que aprender : a falta de açougues (pags. 34 e 37), a pintura dos engenhos (pag. 47) e muitos outros pontos que rasgam perspectivas novas. Chamarei a attenção rapidamente para dois d'elles: o primeiro é aquelle em que os primitivos colonos achavam a terra *melancholica*, e tinham razão, porque bastavam as privações descriptas ás pags. 20 e 21 e que não eram privativos dos jesuitas ; as cobras, que cahiam dos telhados sobre as camas ou mettiam-se nas botas (pag. 51), as formigas, que obrigavam os moradores todas as noites a andarem de facho a catal-as (pag. 52) ; os receios dos inimigos externos que, segundo Gabriel

Soares, os traziam de constante sobresalto, bastando para produzir uma irritação constante. Ora, segundo a bella expressão de Taine, as sensações fazem a sensibilidade. *Por ser nesta terra*, diz-nos Anchieta (pag 38).

E' o que todo mundo dizia então e pensava.

O segundo ponto é que os filhos de portuguezes nascidos no Brasil eram tratados com desdem. *Fal-tos de engenho*, diz o auctor, pag. 37, *aperfeiçoados aos costumes dos Indios*, diz á pag. 70. Cousas semelhantes escreve elle nas suas cartas, e repetem os contemporaneos. Este ponto, o desdem pela terra, o desdem pelos naturaes, *mazombos*, como então lhes chamavam em opposição aos *reinões*, é capital em nossa historia, e se quizermos definir em poucas palavras o periodo, que começa com o descobrimento de Cabral e remata com a conquista do Maranhão, nem um ha tão caracteristico. Neste periodo, que se pode chamar *transoceanico*, de nosso ponto de vista particular, ou, segundo a classificação genial de Ratzel, periodo da *distribuição peripherica*, é elle que tudo domina, tudo explica e systematisa. A partir de 1614 abre-se novo periodo, o da exploração do interior.

Em São Paulo começara mais cedo, porque a

estreita restinga, que separa a cordilheira do oceano, obrigou a galgal-a desde logo ; no valle do Amazonas o movimento accelerara-se graças á admirável rede fluvial que o retalha ; na Bahia a posição central do S. Francisco serve como de nucleo coordenador ; as bandeiras alastram por todo o paiz ; os conquistadores estendem os limites da civilisação ; a criação de gados alonga-se por espaços immensos. Emfim, em 1697, descobre-se o caminho por terra entre a Bahia e o Maranhão pelo Piauhy e começa a corrente curiosa, e até hoje quasi desconhecida, da população que vem do interior para o mar, corrente que liga toda a historia do Norte, e que permite apresental-a como uma unidade. Já então ia desaparecendo o desdem pela terra e pelos mazombos. Emfim abre-se com os primeiros annos do seculo XVIII o periodo das minas e rebenta verdadeira revolução psychologica. Não se precisa ler os dithyrambos entusiastas de Rocha Pitta, basta meditar nas paginas de André João Antonil, ou para dizer o verdadeiro nome, João Antonio Andreoni, porque Antonil era pseudonymo, para ver o enthusiasmo que a terra despertava. Basta lembrar as pequenas rugas que havia com os reinões, a prohibição de se-

rem vereadores aqui no Rio, as guerras contra os Emboabas em Minas Geraes, as guerras dos Mascates em Pernambuco, para medir a differença que havia deste para o periodo transoceanico, para sentir que os desdenhados não eram mais os mazombos e caboclos.» (1)

As palavras citadas são verdadeiras, como as que foram repetidas mais acima, são verdadeiras num sentido geral ; mas devem ser acceitas *cum grano salis*. Era natural, sem duvida, antolhar-se aos primeiros colonos, ainda desprovidos de quaesquer commodidades e recursos, a terra como *melancholica*. O mesmo ainda hoje acontece ao immigrante que, ao chegar, se vê falho de collocação, desequilibrado deante do desconhecido.

Quantas bellas cidades europeas não parecem insipidas ao viajante estrangeiro que a ellas chega, desconhecendo os prazeres e particularidades da vida local ! E' o caso, notavelmente, de Londres, sempre aborrecida dos forasteiros que alli se demoram cinco ou

(1) *Materiaes e achegas para a Historia e Geographia do Brasil*, 1, pags. XI a XIII, Rio de Janeiro, 1886.

seis dias, e sempre encantadora aos que se deixam ficar por dilatados mezes e annos. E é gente que viaja com conforto e para se divertir... Era tambem natural que o desenvolvimento progressivo da cultura, da vida civil, e do conhecimento das riquezas do paiz, fixando mais o colonõ ao solo, o fizesse vêr com melhores olhos as bellezas da terra. Naturalissimo era que a população nova, oriunda dos colonisadores, quando viesse a preponderar em número, se considerasse igual e até superior em predicados aos filhos da metropole.

Estes phenomenos se deram sempre, desde que o homem se lembrou de descobrir e colonisar terras. Não são peculiares ao Brasil e não podem servir de base ou ponto de partida para uma differenciação de nosso character. São em demasia genericos.

Além disso, não é de todo certo que no primeiro momento, no tempo de Nobrega, Anchieta, Aspiciuêta Navarro, Gandavo, Gabriel Soares, todos, apezar de certo pessimismo reinante desde então e que nunca mais nos abandonou completamente, recrudescendo de tempos a tempos, todos achassem melancholica a terra e tratassem-na com desdem. O proprio egregio jesuita, cujas palavras despertaram as affirmativas de Capistrano de Abreu, cantou mais de um dithyrambo ás suas ma-

ravilhas, e o mesmo fizeram seus companheiros e contemporaneos. Gabriel Soares, por exemplo, quasi só tem louvores para os recursos naturaes do paiz por toda a magnifica descripção que faz da costa brasilica, desde o Amazonas até muito alem do Rio da Prata. O melhor de seus encomios deixou-o como era de ver para a Bahia, a terra de sua residencia e empreendimentos. « Atraz fica dito, escreveu elle no começo da segunda parte de seu admiravel *Tratado*, passando pela Bahia de Todos os Santos, que se não soffria naquelle logar tratar-se das *grandezas della*, pois não cabiam alli; o que se faria ao diante mui largamente, depois que se acabasse de correr a costa com que temos já concluido. Da qual podemos agora tratar e explicar o que se della não sabe para que venham á noticia de todos os occultos desta *illustre terra*, por cujos merecimentos *deve de ser mais estimada e reverenciada do que agora é...* Como El-Rei D. João III de Portugal soube da morte de Francisco Pereira Coutinho, sabendo já das *grandes partes da Bahia, da fertilidade da terra, dos bons ares, maravilhosas aguas e da bondade dos mantimentos della*, ordenou... » (1).

(1) *Tratado Descriptivo do Brasil*, edição do R. de Janeiro, de 1879, pag. 101.

Assim fallava o maior observador portuguez que pisou terras da America, em 1587, e em taes palavras muito aquem ficou do veneravel Anchieta, que dois annos antes, no proprio escripto a que se refere o seu moderno editor, já tinha dito : « Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosques e não se vê em todo o anno arvore e nem herva secca. Os arvoredos se vão ás nuvens de admiravel altura e grossura e variedades de especies. Muitos dão bons fructos e o que lhes dá graça é que ha nelles muitos passarinhos de formosura e variedade e em seu canto não dão vantagem aos rouxinões, pintasilgos, colorinos e canarios de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vae por este caminho, que é para louvar ao Senhor, e os bosques são tão frescos, que os lindos e artificiaes de Portugal ficam muito abaixo. Ha muitas arvores de cedro, aquila, sandalos e outros páus de bom olor e varias cores e tantas differenças de folhas e flores, que para a vista é grande recreação e pela muita variedade não se cansa de ver.» (1)

(1) *Materiaes e achegas*, I, pag. 51.

Boa terra, *algo melancholica*, em o dizer do mesmo Padre, essa de que se contam tantas maravilhas e muitas e muitas mais, no proprio escripto citado, que calamos por brevidade, não escondendo que no anno mesmo da chegada dos primeiros jesuitas, 1549, escrevia Nobrega a seu mestre o Dr. Navarro fallando da cidade do Salvador: «E' muito salubre e de bons ares, de sorte que sendo muita a nossa gente e mui grandes as fadigas, e mudando da alimentação com que se nutriram, são poucos os que enfermam e estes depressa se curam.

A região é tão grande que, dizem, de tres partes em que se dividisse o mundo, occuparia duas; é muito fresca e mais ou menos temperada, não se sentindo muito o calor do estio; tem muitos fructos de diversas qualidades e mui saborosos; no mar egualmente muito peixe e bom.

Similham os montes grandes jardins e pomares, que não me lembra ter visto panno de raz tão bello. Nos ditos montes ha animaes de muitas diversas fei-turas, quaes nunca conheceu Plinio, nem delles deu noticia, e hervas de differentes cheiros; muitas e diversas das de Hespanha; o que bem mostra a gran-

deza e belleza do Creador na tamanha variedade e belleza das creaturas.» (1)

Escusado é recorrer a Cardim.

E assim, pois, por uma passagem dos velhos chronistas de *quinhentos* em desfavor da terra, citam-se vinte em prol della, e, pelo que toca aos habitantes, os jesuitas são naquelle periodo accordes em considerar os colonos portuguezes muito mais viciados do que os indios e mestiços do paiz. Na era de *seiscentos*, por outro lado, se um auctor dos *Dialogos das Grandezas do Brasil* e um frei Vicente do Salvador não cançam de bemdizer da terra, no que são continuados em principios de *setecentos* por Pitta e Andreoni, entre esses quatro escriptores, e contemporanea dos dois ultimos, surge a diabolica figura de Gregorio de Mattos, negação completa do fervoroso optimismo de todos elles. E' que os maiores ou menores gabos que nos mereçam a terra e seus habitantes, já o dissemos, as maiores ou menores censuras que lhes façamos, questão afinal do temperamento de quem escreve ou da feição do tempo em que vive, não são um criterio rigoroso e completo de

(1) *Materiaes e achegas*, II, pag. 63.

caracterisação de nossa indole, como povo, em qualquer das esferas em que nos tenhamos exercitado.

Crémos que o problema se deixará melhor solver, se se appellar para phenomenos mais peculiares e profundos, para factores mais energicos e efficazes.

De que se tracta? Nada mais, nada menos do que definir o brasileiro, caracterisal-o em face do portuguez, cuja lingua elle falla na America, cuja civilisação elle representa em o Novo Mundo. E' um problema de differenciação ethnica em que tem colaborado durante quatro seculos o portuguez, o indio, o africano e o clima; e tambem a influencia estrangeira, maximé franceza, durante um seculo, principalmente pela industria, pela arte, pela litteratura de um seculo a esta parte. Deste immenso mestiçamentò *physico* e *moral*, desta fusão de *sangues* e *d'almas*, que se não deu em parte alguma d'America tão intensamente como entre nós, é que tem saído differenciado o brasileiro de hoje e ha-de sahir cada vez mais nítido o do futuro.

Tal o criterio novo, por nós estabelecido nos *Estudos sobre a Poesia* e na *Historia da Litteratura Brasileira*, da qual este livrinho é apenas um quadro schematico.

Fernando Wolf (1863) nem por sombra, teve o presentimento deste modo de vêr, como parvamente; uma vez, insinuou um adversario nosso, pouco escrupuloso e assás malevolo. Primeiramente, porque não estabeleceu as bases da doutrina ethnica brasileira; depois, porque não assentou nella as leis de nosso desenvolvimento espirital; e mais, porque não diz uma palavra sequer do elemento *africano*; e mais ainda, porque não definiu o *mestiço*; porque não determinou o que se lhe deve no Brasil; porque não definiu os outros concurrentes, indicando a contribuição de cada um; e, finalmente, porque, em todo o seu livro, quando, só uma vez, allude, de passagem e rapidamente, ao assumpto é para *negar* (veja-se bem: para *negar*) *a influencia directa dos habitantes primitivos do paiz* (só falla nestes) *e de seus descendentes na psyché nacional*. São estas as suas palavras: « Ce n'est qu' indirectement que ces habitants primitifs du pays, par leurs unions avec les colons, et par les races mêlées (mamelucos et mestiços) qui en sont sorties, ont exercé sur le développement du caractère brésilien et par conséquent sur la littérature de ce peuple *une influence...* » (1)

(1) *Le Brésil Littéraire-Histoire de la Littérature Brésilienne*, por Ferdinand Wolf, pag. 1.

Eis, ahí a que se reduz a indicação do criterio ethnographico em Wolf, um escriptor tão pouco intimamente conhecedor de nossa vida espiritual, como ella é realmente, que chegou a *negar a influencia directa do mestiço em nossas lettras!*... E Gonçalves Dias ?!

Bastaria esta só pergunta para desconcertar, não tanto ao velho escriptor austriaco, senão a quem ainda hoje tem o desplante de considerar o seu atabalhoado livro a ultima palavra em historia da litteratura brasileira!... E' muito despeito. (1)

Já antes outro phantasista, n'uma irritação de momento, tinha attribuido ao botanico Martius nosso peculiar modo de pensar.

O censor queria se referir á dissertação por aquelle scientista publicada em 1843 na *Revista do Instituto Historico*, sob o titulo—*Como se deve escrever a historia do Brasil*, memoria para a qual nós mesmo tinhamos sido exactamente o primeiro a chamar em nosso livro a attenção da critica nacional. E' mister

(1) O auctor dessa estúpida insinuação é o trapaalhão portuguez de nome Theophilo Braga. Opportunamente havemos de desfibrar os milhares de erros que sobre poetas brasileiros do seculo XVIII se lêem em seu horripilante volume consagrado a *Filinto Elysio*.

desconhecer completamente o trabalho de Martius para levantar falsidades, como essa, sobre elle. O famoso botânico no escripto citado dá apenas um conselho e faz uma enumeração meramente exterior dos elementos que entraram em nossa população. Não os estuda; não os aprecia em sua acção mutua; não os mostra fusio-nando-se e reagindo uns sobre outros; não tenta a determinação, nem ao menos vaga, do que devemos a cada um dos tres factores principaes de nossa nacionalidade em particular e a todos elles conjunctamente. Deixa, o que é fundamental na questão, em completo esquecimento o ponto saliente do problema: o *mestiço*, sobre quem peculiarmente deveria insistir, estudando, repetimos, o especial quinhão de *cada factor* e definindo o character do *resultado*.

E' o que não fez o illustre bavaro e não quiz vêr o apaixonado critico. Felizmente a doutrina, como a formulámos e expuzemos, penetrou fundo no pensamento nacional, que já começa a apreciar devidamente suas consequencias praticas e já a vae empregando até como base de obras artisticas e litterarias: *romances*, contos, dramas, etc. (1)

(1) Exemplo curioso do caso é o *Canaan* do Sr. Graça Aranha, que é exactamente o apaixonado critico a que nos referimos.

PHASES EVOLUTIVAS

DA

Litteratura Brasileira

Fernando Wolf, em 1863, dividia a historia da litteratura brasileira nos periodos seguintes: 1.º do descobrimento do Brasil ao fim do século XVII; 2.º primeira metade do século XVIII; 3.º segunda metade do século XVIII; 4.º do principio do século XIX ao anno de 1840; 5.º de 1840 ao anno em que publicou o seu *Brésil Litteraire* (1863).

O defeito desta enumeração de phases é ser demasiado fragmentada e não attender ao criterio do desenvolvimento das ideias em sua determinação. Porque fazer dos primeiros cincoenta annos do século XVIII um periodo litterario no Brasil? Que houve então de especial na evolução espiritual dos brasileiros? Não se percebe facilmente. Que motivos acon-

selham a marcar uma phase com os primeiros quarenta annos do seculo XIX? Menos justificavel ainda é este periodo.

Fernandes Pinheiro em 1872, em seu *Resumo de Historia Litteraria*, deixou designados estes momentos, como os mais característicos de nossa vida nas lettras:—1º periodo da *formação*, abrangendo os seculos XVI e XVII; 2º o do *desenvolvimento*, enchendo o seculo XVIII; 3º o da *reforma* constituido pelo seculo XIX. Divisão de phases esta mais bem feita do que a de Fernando Wolf, porem ainda assás defeituosa. O auctor deixou-se evidentemente illudir pela separação material dos seculos, sem attender que o andar das ideias e doutrinas não obedece as mais das vezes ás marcações exteriores do tempo. Que houve, por exemplo, na primeira metade do seculo XVIII no dominio do pensamento brasileiro, que a distinguisse em absoluto das ultimas décadas do seculo anterior? Nada, que se saiba. E que de novo acaso representam nas doutrinas e theorias litterarias os trinta primeiros annos do seculo XIX, que os afaste do velho classismo do seculo antecedente? Nada por certo. A enumeração de Fernandes Pinheiro é, pois, tambem inacceptavel.

Por nossa vez, na *Historia da Litteratura Bra-*

sileira, indicámos esta divisão: *periodo de formação* (1500-1750); *periodo de desenvolvimento autonomico* (1750-1830); *periodo de transformação romantica* (1830-1870); *periodo de reacção critica e naturalista*, ao principio, e, depois, *parnasiana e symbolista* (1870 em diante até os dias actuaes).

Classificação esta attenta mais ao movimento das ideias e coadunada melhor com os phenomenos intellectuaes da nação.

Entretanto, esta mesma divisão de periodos pode ser melhorada, tendo-se o cuidado de marcar por feicho de cada phase e inicio da seguinte um factoliterario caracteristico.

Dest'arte, teremos:—*periodo de formação* (de 1592, data da 1ª edição da *Prosopopéa*—de Bento Teixeira Pinto, a 1768, data da publicação das *Obras Poeticas*—de Claudio Manoel da Costa); *periodo de desenvolvimento autonomico* (de 1768, citada data das *Obras Poeticas* de Claudio,—a 1836, anno da publicação dos *Suspiros Poeticos*—de Gonçalves de Magalhães); *periodo de reacção romantica* (de 1836, anno dos *Suspiros Poeticos*—a 1875, época do apparecimento dos *Ensaio de Philosophia e Critica* de Tobias Barretto); *periodo de reacção critica e natura-*

lista e, depois, *parnasiana* e *symbolista* (de 1875, anno dos citados *Ensaio*s, em diante até os dias actuaes.)

Não é tudo. E' uma divisão em quatro periodos, cujos dois primeiros escoaram-se, como se vê, dentro da epoca do classismo e podem por isso, sem inconveniente, reduzir-se a um só, o que nos levaria a esta divisão tripartita:—*periodo de formação* ou *periodo classico*, de 1592—a 1836; *periodo de desenvolvimento* ou *periodo romantico*, de 1836 — a 1875; *periodo das reacções anti-romanticas*, de 1875 em diante até os dias de hoje.

E, como nesta divisão tripartita os dois ultimos momentos têm innumerous pontes de contacto, não passando, no fundo, de uma reacção contra os velhos ideaes classicos, sendo a reacção das novas escolas contra o romantismo puramente artificial, pois não são ellas mais do que romantismo desfarçado, é possível, n'uma vista synthetica, reduzir ainda mais a classificação, e teremos: — *periodo de formação* ou *periodo classico*, de 1592 a 1836; *periodo de desenvolvimento* ou *de reacções ulteriores*,—de 1836 até agora e a continuar pelos annos adiante.

A primeira phase, dentro das forças do regimen

do *classismo* e do *absolutismo regio*, começa incipientemente desde quando se fundaram as primeiras escolas de humanidades no Brasil e espiritos, como Nobrega, Anchieta, Cardim, Luiz da Gran, Candavo, Gabriel Soares e outros eguaes, ensinaram ou escreveram nesta parte d'America, formando desde logo discipulos da estatura de Vicente do Salvador e Antonio Vieira ; inicia-se de facto, no torreno da producção espiritual, com a publicação da *Prosopopéa* ; passa pelo proto-romantismo da escola de Minas ; assiste á independencia politica do paiz e chega até quando a elite intellectual da terra entra a interessar-se directamente pela renovação das ideias que se operava então na Europa ; a segunda segue d'ahi, dessa nitida consciencia que já tinhamos de nós mesmos, e desdobra-se por todo o seculo XIX, ligando o proto-romantismo mineiro ao romantismo propriamente dicto e ás escolas que subseqüentemente o substituiram.



PARTE SEGUNDA

QUADRÔ SYNOPTICO DA EVOLUÇÃO DOS
GENEROS NA LITTERATURA BRASILEIRA : I
Poesia ; II *Theatro* ; III *Romance e con-*
to ; IV *Eloquencia* ; V *Historia* ; VI *Cri-*
tica ; VII *Philosophia*.

I Poesia

I. *Periodo Classico : Primeira Escola ou Grupo Pernambucano*, representado por BENTO TEIXEIRA PINTO (Fins do seculo XVI e principios do XVII—);

II. *Periodo Classico : Primeira Escola ou Grupo Bahiano*, constituido principalmente por BOTELHO DE OLIVEIRA, SANTA MARIA ITAPARICA, etc., e pelo typo divergente de GREGORIO DE MATTOS (Seculo XVII e primeira metade do XVIII);

III. *Periodo Classico : Escola Mineira*, personificada em BASILIO DA GAMA, DURÃO, CLAUDIO DA COSTA, ALVARENGA PEIXOTO, GONZAGA etc.—(Segunda metade do seculo XVIII);

IV. *Periodo Classico : Primeira Escola Fluminense*, cujos orgãos foram SILVA ALVARENGA, SOUSA CALDAS, SÃO CARLOS, etc. (Fins do seculo XVIII e tres primeiras decadas de XIX);

V. *Periodo Romantico : primeiro momento (Segunda Escola Fluminense)*, com o triumvirato inicial de GONÇALVES DE MAGALHÃES, PORTO ALEGRE e GONÇALVES DIAS.—(Seculo XIX, de 1830 ou pouco depois em diante);

VI. *Periodo Romantico : ainda primeiro momento*, com os quatro divergentes,—MONIZ BARRETO (em torno ao qual se grupou a *Segunda Escola Bahiana*), MACIEL MONTEIRO e LAURINDO RABELLO. (Seculo XIX, de 1830, ou pouco depois, em diante);

VII. *Periodo Romantico : segundo momento (Pri-*

meira Escola Paulista), com o triumvirato byroniano de ALVARES DE AZEVEDO, AURELIANO LESSA e BERNARDO GUIMARÃES (Século XIX, de 1848 ou pouco antes em diante);

VIII. *Periodo Romantico*: terceiro momento, os epigonos de Byron, Musset e Lamartine, com JUNQUEIRA FREIRE, CASIMIRO DE ABREU, PEDRO DE CALASANS, CONSTANTINO GOMES, AUGUSTO DE MENDONÇA, etc., e nos quaes se prende logicamente FAGUNDES VARELLA—(Seculo XIX, de 1855 ou pouco antes em diante);

IX. *Periodo Romantico*: quarto momento, os sertanistas, tradicionalistas e campesinos (*Escola Maranhense*), com TRAJANO GALVÃO, GENTIL HOMEM; DIAS CARNEIRO, JOAQUIM SERRA, etc., aos quaes se juntam logica e chronologicamente—FRANKLIN DORIA, BITTENCOURT SAMPAIO, JUVENAL GALENO, BRUNO SEABRA e MELLO MORAES FILHO (—Seculo XIX —, de 1858, ou um pouco antes, em diante);

X. *Periodo Romantico*: os dois divergentes dos momentos immediatamente anteriores,—JOSÉ BONIFACIO (o moço) e LUIZ DELFINO, precursores do hugoanismo condoreiro e aos quaes se prendem PEDRO LUIZ e JOSÉ MARIA G. DE SOUSA. (Seculo XIX, de 1855 em diante);

XI. *Periodo Romantico* : os tres divergentes tambem dos momentos anteriormente proximos,—precursores do parnasianismo, TEIXEIRA DE MELLO, MACHADO DE ASSIS e LUIZ GUIMARÃES JUNIOR—(Seculo XIX, de 1858 ou 59 em diante) ;

XII *Periodo Romantico* : quinto e ultimo momento (*Segunda Escola Pernambucana*), com os condoreiros a Hugo e Quinet,—TOBIAS BARRETO, CASTRO ALVES, VICTORIANO PALHARES, CARLOS FERREIRA, QUIRINO DOS SANTOS, ELZEARIO PINTO, etc. (Seculo XIX, de 1862 a 1870 e annos proximos) ;

XIII. *Periodo de reacção contra o romantismo* : primeira manifestação de revolta, com o philosophismo ou scientificismo poetico de SYLVIO ROMÉRO, TEIXEIRA DE SOUSA, MARTINS JUNIOR, ANNIBAL FALCÃO, PRADO SAMPAIO, etc. (Seculo XIX, de 1870 a 1880) ;

XIV *Periodo de reacção contra o romantismo* : poesia realista umas vezes, social, e revelucionaria outras, de CELSO DE MAGALHÃES, SOUZA PINTO, GENERINO DOS SANTOS. (Estes dois passados mais tarde ao positivismo), CARVALHO JUNIOR, FONTOURA XAVIER, LUCIO DE MENDONÇA, ASSIS BRASIL, AUGUSTO DE LIMA, VALENTIM MAGALHÃES, etc., aos quaes se prende MEDEIROS E ALBUQUERQUE, sendo que a

a todos precedera—JOSÉ JORGE DE SIQUEIRA FILHO —(Seculo XIX, de 1872 ou 73 em diante);

XV. *Periodo de reacção contra o romantismo*: os parnasianos (*Segunda Escola Paulista*), com THEOPHILO DIAS, RAYMUNDO CORREIA, OLAVO BILAC, ALBERTO DE OLIVEIRA, AFFONSO CELSO, aos quaes se prendem ARTHUR AZEVEDO, JOÃO RIBEIRO, ADELINO FONTOURA, GUIMARÃES PASSOS, RODRIGO OCTAVIO, MAGALHÃES DE AZEREDO, MARIO DE ALENCAR, LUIZ GUIMARÃES FILHO, PAULO DE ARRUDA, OSORIO DUQUE ESTRADA, etc. (Seculo XIX, de 1878 em diante);

XVI. *Periodo de reacção contra o romantismo*: divergentes mais ou menos pronunciados do parnasianismo, LUIZ MURAT, MUCIO TEIXEIRA, EMILIO DE MENEZES, THEQTONIO FREIRE, FRANÇA PEREIRA, JOÃO BARRETO DE MENEZES e, recentemente, JOÃO PEREIRA BARRETO e FAUSTO CARDOSO. (Seculo XIX, de 1880 em diante, quanto aos primeiros, e mais tarde, quanto aos ultimos);

XVII. *Periodo de reacção contra o parnasianismo*: eschola decadista e symbolista, com os adversarios do systema anterior, CRUZ E SOUSA, BERNARDINO LOPES, ALPHONSUS DE GUIMARÃES, FRAN-

CISCO MANGABEIRA, NESTOR VICTOR, SYLVEIRA NETXO, FELIX PACHECO, MARIO PEDERNEIRAS, etc. (Seculo XIX, de 1890 em diante).

* * *

Este quadro dá uma clara ideia do desenvolvimento organico da poesia nacional nos quatro seculos de nossa existencia.

Faz-se mister esclarecel-o com algumas notações indispensaveis.

A chamada primitiva eschola pernambucana, cujo feito mais notavel é a publicação da *Prosopopea* de Bento Teixeira em fins do seculo XVI, 1592 ou 93, coma se suppõe, não tem outro valor intrinseco a não ser o de iniciar o pensamento brasileiro em cousas de litteratura. Bento Teixeira deveria ter companheiros que com elle constituissem no ultimo de-

cennios do alludido seculo e cômêços do seguinte um grupo de sujeitos dados ás lettras.

A eschola bahiana do seculo XVII, devendo ter começado em 1620 ou 30, prolongou-se largamente pelo seculo immediato; porquanto, se Eusebio de Mattos, seu irmão Gregorio, Bernardo Ravasco e outros viveram e morreram dentro dos limites de *seiscentos*, Botelho de Oliveira existiu em ambos os seculos, e Santa Maria Itaparica e outros nasceram, e falleceram durante o seculo XVIII.

A eschola mineira é toda um producto deste ultimo seculo, pelo genio e pelos principios que a dirigiram, contendo apenas raros representantes que, já velhos e cansados, prolongaram os dias até aos cômêços do seculo XIX. Diverso é o caso da que chamamos a primeira eschola fluminense, cuja funcção histórica foi exactamente unir os dois seculos, com Silva Alvarenga (1814), Sousa Caldas (1814), São Carlos (1829), a que se ligam Januario Barbosa (1846), Frei Bastos Baraúna (1846), Eloy Ottoni (1851), Pedra Branca (1855), Vilella Barbosa (1846). (1) Entre

(1) Os annos indicados são as datas do fallecimento destes poetas.

estes e os românticos acham-se Odorico Mendes, Firmínio Silva e Dutra e Mello.

A escola romântica teve seu primeiro periodo de 1836, ou melhor 1830, em deante com os sectarios de Chateaubriand e Lamartine, sob a direcção de Domingos de Magalhães, Porto Alegre, que viveram até depois de 1875, e Gonçalves Dias, fallecido mais cedo em 1864, o que importa dizer que os dois primeiros chegaram a ver todo o desenvolvimento e até a morte de seu systema, e o terceiro apenas a sua melhor parte, sem presenciá-lhe o desastre final. Entretanto, desde antes de 1836, tres homens, dois de grande talento poetico, Maciel Monteiro e José Maria do Amaral, e o terceiro de raro talento de repentista, Francisco Moniz Barreto, iniciaram-se na poesia, sem nada deverem a Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias, de quem divergem consideravelmente.

E' forçoso juntar-lhes um quarto, que tem com aquelles, além de outros pontos de contacto, o de nada também dever ass alludidos chefes, Laurindo Rabello, nascido em 1820, e não em 1826, como erradamente se diz, e fallecido no mesmo anno em que o auctor dos *Timbyras*, 1864.

O segundo periodo romântico, já presentido por

Francisco Octaviano, começa verdadeiramente desde 1847 ou 48, com os primeiras notas de Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães, em S. Paulo ; prolonga-se por bons deseseis annos (1847-1863), alastra o paiz inteiro com Junqueira Freire, Franco de Sá, Pedro de Calasans, Constantino Gomes, Casimiro de Abreu, Augusto de Mendonça, e chega a ter por ultimo representante notavel—Fagundes Varella, fallécido em 1875.

O grupo romantico seguinte desenvolve-se pelo mesmo tempo, tendo intuições diversas representadas em Trajano Galvão, Marques Rodrigues, Dias Carneiro, Gentil Homem, Bruno Seabra, Bittencourt Sampaio, Joaquim Serra, intuições que chegam até Juvenal Galeno e Mello Moraes Filho, poetas posteriores.

Ao lado destes dois ultimos grupos, a datar de 1847 ou 48 o primeiro e o outro de 1853 ou 54, apparecem os dois grandes talentos divergentes : José Bonifacio, o moço, morto em 1886, e Luiz Delfino, ainda vivo, dois precursores dos condoreiros, parnasiano mais tarde—o segundo. A elles prendem-se Pedro Luiz Pereira de Sousa e. com talento muito superior ao deste, José Maria Gomes de Sousa.

Caso parecido de divergencia é o que se dá

com Teixeira de Mello e Machado de Assis, que seriam filiados no grupo em que se acham Junqueira, Casimiro e Varella, se, pela correção plastica do verso, não divergissem tanto delles.

Similhante é o caso de Luiz Guimarães Junior, que vae constituir, por identico motivo, com esses dois divergentes, o grupo dos precursores dos parnasianos. Os dois primeiros começaram a escrever versos em 1856 ou 57; o ultimo em 1861 ou 62.

A phase seguinte, de reacção contra as sentimentalidades e devaneações a Lamartine, e os epicurismos a Musset, iniciou-se nesse ultimo anno, 1862, n'um trovar mais rude em que havia já preoccupações patrioticas, politicas, sociaes, e uns tons tomados a Victor Hugo e Edgar Quinet. Tobias Barreto, Castro Alves, Victoriano Palhares e Elséario Pinto são os quatro melhores representantos desta ultima phase organica do romantismo, que durou em rigor de 1862 a 1870.

O scientificismo ou melhor philosophismo poetico desenvolveu-se de 1870 a 80. O seu primeiro manifesto doutrinario foi naquelle anno publicado no Recife por Sylvio Roméro, acompanhado mais tarde por Tei-

xeira de Sousa; Martins Júnior, Annibal Falcão e Prado Sampaio.

Ao lado se havia formado certa tendência de coloração realista, aliada, em alguns, a mais ou menos fortes preocupações sociaes; isto por 1871 ou 72 em diante, personificando-se mais salientemente em Celso de Magalhães, Genérino dos Santos, Sousa Pinto e Carvalho Júnior, até certo ponto precedidos, com extraordinario talento, por J. Jorge de Siqueira Filho. Assim era em Pernambuco.

Pelo mesmo tempo, mas um pouco mais tarde, egual tendência surge em S. Paulo, com Fontoura Xavier, Lucio de Mendonça, Assis Brasil, Augusto de Lima, Valentim Magalhães, e outros, vindo a ter um *sorvival* em Medeiros e Albuquerque, que lhes seguiu os passos no Rio de Janeiro.

Logo após, ou melhor de 1878 ou 79 em diante, appareceu e opulentou-se o grupo dos parnasianos, para o qual se passaram quasi todos os sectarios dos credos proxivamente anteriores, e que se prolongou sem ataques até 1890 ou 91, ou pouco depois. De então em diante surgem na liça os ultimos *novos*, os actuaes, até que tambem lhes chegue a vez de envelhecerem.

São os *symbolistas* ou *nephelebas*. Já os *naturistas* e os *humanistas* pretendem pol-os em retirada.

Cumpre advertir que, desde o momento em que se destacaram os parnasianos, desde 1880, dois poetas muito têm produzido, sem que se possam dizer filia-dos nessa escola: Luiz Murat, com um talento pessoal e forte, e Mucio Teixeira, antigo condoreiro, com singular intelligencia, dexteridade e consummado *savoir faire*, e, algum tanto mais tarde, quatro outros têm feito o mesmo, sem que devam ser incluídos nem entre os crentes do parnasianismo, nem entre os *nephelebas*, e são: Emilio de Menezes, Theotônio Freire, França Pereira e João Barreto de Menezes, filho do auctor dos *Dias e Noites*. — Releva ponderar ser essa também a posição de João Pereira Barreto e de Fausto Cardoso, já dantes este conhecido como crítico de philosophia e orador.

Cumpre-nos advertir, por fim, que o schema nestas paginas traçado da poesia brasileira, bem como os dos outros generos, que se vão seguir, não são *classificações de escolas*, como a uma critica, malevola ou inepta, quiz parecer. São *enumerações das phases da evolução dos alludidos generos*. A differença é enorme e causa espanto haver quem a desconheça.

II Theatro

I. *Primeiros germens dramaticos*, sob a fôrma de *autos*, consagrados á vida de *santos*, feitos pelos jesuitas no decorrer do seculo XVI ;

II. *Periodo verdadeiramente inicial*, sob o aspecto litterario, com SALVADOR DE MESQUITA, GONÇALO RAVASCO, JOSÉ BORGES DE BARROS e BOTELHO DE OLIVEIRA, no seculo XVII ;

III. *A comedia e a tragi-comedia*, ao gosto do que se fazia em Portugal, sendo seu melhor typo representativo ANTONIO JOSÉ DA SILVA, no seculo XVIII ;

IV. *A tragedia ao gosto classico*, sob a direcção de ALVARENGA PEIXOTO, NASCENTES PINTO e outros, em fins do seculo XVIII e começos do XIX. A esta phase pertencem algumas traducções de ODORICO MENDES ;

V. *Primeiro momento de creação romantica* (1838-1850), com DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES, auctor de *Antonio José* e de *Olgiato* ; NORBERTO SILVA, auctor de *Clytemnestra* ; TEIXEIRA E SOUSA, auctor de *Cornelia* e do *Cavalleiro Teutonico*,

isto nos dominios da tragedia ; e mais com LUIZ CARLOS MARTINS PANNA, auctor de *O Judas em Sabbado de Alleluia*, *A Festa na Roça*, *O Juiz de Paz na Roça*, *Os Dois ou o Inglez Machinista*, *O Novoço*, *O Dilettante*, *Os Irmãos das almas*, etc. ; PORTO ALEGRE, auctor de *A Estatua amazonica*, *O Espião de Banaparte*, *O Sapateiro politicão*, *Angelica e Firmino*, nos dominios da comedia ; e mais com ANTONIO GONÇALVES DIAS, auctor de *Patkul*, *Beatrice de Cenci*, *Boabdil*, *Leonor de Mendonça* ; o citado NORBERTO SILVA, auctor de *Amador Bueno* ; PAULO DO VALLE, auctor de *Caetaninho*, no que diz respeito ao drama ;

VI. *Segundo momento de criação romantica* (1850-1870 e annos proximos), com JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, no drama e na comedia, auctor de *Luzo e Vaidade*, *Lusbella*, *Cobé*, *O Cego*, *O Phantasma Branco*, *A Torre em concurso*, *O Primo da California*, *Amor e Patria*, etc. ; JOSÉ DE ALENCAR, com *O Demonio Familiar*, *Azas de um anjo*, *Mãe*, *Verso e reverso*, *O Jesuita*, *O Credito*, etc. ; AGRARIO DE MENEZES, com *Calabar*, *Mathilde*, *Os Miseraveis*, *Dona Forte*, *Retrato do rei*, *Primeiro amor*, *Uma festa no Bomfim*, *Os Contribuintes*, *Bartholo-*

meu de Gusmão, Voto livre, O Príncipe do Brasil; LUIZ ANTONIO BOURGAIN, com *Luiz de Camões, Pedro sem, Fernandes Vieira*, e muitos outros; QUINTINO BOCAYUVA, auctor de *Os Mineiros da desgraça, Omphalia*; PINHEIRO GUIMARÃES, com *Historia de uma moça rica*, etc.; e, mais ACHILLES VAREJÃO, CASTRO LOPES, MACHADO DE ASSIS, AUGUSTO DE CASTRO, CLEMENTE FALCÃO, SIZINANDO NABUCO, JOAQUIM SERRA, CONSTATINO JOSÉ GOMES DE SOUSA, FRANKLIN TAVORA, CARNEIRO VILELLA, ANTONIO DA CRUZ CORDEIRO, BARATA RIBEIRO, SABBAS DA COSTA, cada um destes com varias composições meritorias. Ao começo desta epocha pertencem as obras de theatro do DR. ERNESTO FERREIRA FRANÇA;

VII. *Terceiro momento de criação romantica e início de algumas tentativas naturalistas* (1870-1900), com OLIVEIRA SOBRINHO, DOMINGOS OLYMPIO, FRANÇA JUNIOR, ARTHUR AZEVEDO, PINTO PACCA, ALUIZIO AZEVEDO, etc.;

VIII. *Reacção idealistico-symbolista* — de COELHO NETTO, com varios ensaios (annos recentes).



Geralmente se diz e se repete ser a dramaturgia a parte mais enfezada da litteratura brasileira. Não é verdade: o conto não lhe tem sido mais avantajado entre nós, nem até o romance, a despeito das apparencia. (1)

Para proval-o basta lembrar que não possuímos nas letras nomes que devam merecer mais do que os de Antonio José, Martins Penna e Agrario de Menezes, simples comediographos e dramatistas, e recordar mais que as obras de theatro de Magalhães, Macedo, Alencar, Arthur Azevedo, quatro dos maiores nomes da litteratura patria, não são inferiores aos seus outros escriptos. Beni longe disso.

O mesmo se poderia quasi dizer de Gonçalves

(1) Escusado é fallar na *historia*, na *philosophia*, na *critica*, evidentemente menos ayultadas do que a *dramaturgia*, que só encontra superiores na *poesia* e na *eloquencia*.

Dias, se não fôra á fama incomparavel de sua obra poetica.

O que ha é que a mór parte da producção dramatica fica manuscripta na caixa dos theatros e o pouco que se publica não é lido. Ninguem lê dramas e comedias, ou os lê rarissimamente: o drama e a comedia têm, alem disso, de ser representados e é neste terreno que vão os nossos productos do genero achar a morte.

Por motivos que não vem agora ao caso explicar não aguentam a concorrência com as importações estrangeiras. A historia de nossa dramaturgia é que não tem sido feita com o cuidado, o desvelo, o amor que fôra para desejar.

Pela inspecção do quadro evolutivo acima vê-se que distante esteve o desenvolvimento do theatro da evolução da *poesia* e da *elôquencia*, é certo, mas só destas e não dos outros generos litterarios. Pela mesma simples inspecção vê-se tambem que no seculo XIX contamos alguns nomes notabilissimos no drama e na comedia é ordena a verdade confessar que algumas das obras mais meritorias do romantismo brasileiro são justamente varias daquellas producções de theatro citadas.

Em Martins Penna. Gonçalves Dias, Manoel de Macedo, José de Alencar, Agrario de Menezes e Arthur Azevedo pode-se escolher uma bibliôtheca dramatica muito digna de apreço.

Nosso valor, por este lado, não tem sido tão insignificante como sempre se disse e continúa a dizer.



III Romance e Conto

I. *Primeiro momento, ou periodo precursor* (Epoca colonial), com os *Contos populares* e a *litteratura de cordel*, cuja melhor manifestação é o *Peregrino da America*, por NUNO MARQUES PEREIRA;

II. *Phase de inicio directo com o romantismo* (1840-1856), com *Amancia*, de DOMINGOS DE MAGALHÃES; *Romances e Novellas*, de NORBERTO SILVA; *O Filho do Pescador*, *Tardes de um Pintor*, *Maria ou a Menina roubada*, *A Providencia*, *As Fatalidades de dois jovens*, de TEIXEIRA E SOUSA; *O Forasteiro*, *A Moreninha*, *O moço loiro*, *Rosa*, *Dois Amores*, *Vicentina*, de J. MANOEL DE MACEDO; *O Desengano*, *A Filha do Salineiro*, de CONSTANTINO GOMES DE SOUSA;

III. *Reacção brilhante pelo estylo*, que tinha sido excessivamente descuidado no periodo anterior, com JOSÉ DE ALENÇAR (1856-1877), em *Viuvinha*, *Cinco Minutos*, *Guarany*, *Iracema*, *Minas de Prata*, *Luciota*, *Diva*, *Pata da Gazella*, *Sonhos de Ouro*, *O Tronco do Ipê*, *Til*, *Senhora*, etc.;

IV. *O meio naturalismo tradicionalista e cam-*

pesino (1860-1884), de FRANKLIN TAVORA, BERNARDO GUIMARÃES, ESCRAGNOLLE TAUNAY, ARARIPE JUNIOR, APPOLINARIO PORTO ALEGRE, INGLEZ DE SOUSA, CLEMENTINO LISBOA, a que se prendem JOSÉ DO PATROCINIO, RODOLPHO THEOPHILO, AFFONSO ARI-NOS, JOSÉ VERISSIMO, GARCIA REDONDO, GALDINO PINHEIRO, DOMINGOS OLYMPIO e outros.

V. *O meio naturalismo das cidades* (1860-1884), com MANOEL DE ALMEIDA, LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, CARNEIRO VILELLA, CELSO DE MAGALHÃES, aos quaes se prendem, bem como, em parte, ao grupo anterior, XAVIER MARQUES, MAGALHÃES DE AZEREDO, ARTHUR AZEVEDO, MEDEIROS E ALBUQUERQUE, VALENTIM MAGALHÃES, DOMICIO DA GAMA, ARTHUR GUIMARÃES, ARTHUR LOBO, AFFONSO CELSO, PAPI JUNIOR (auctor do *Simas*), VIVEIROS DE CASTRO, HEITOR GUIMARÃES, PEDRO RABELLO e alguns mais ;

VI. *O psychologismo humoristico-pessimista*, de MACHADO DE ASSIS, com *Memorias Posthumus de Braz Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Varias Historias*, etc. (1879-1904) ;

VII. *Reacção naturalista pura* (1880-1904) de ALUIZIO AZEVEDO, JULIO RIBEIRO, MARQUES DE CARVALHO, HORACIO DE CARVALHO, a que prendem

THEOTONIO FREIRE, este com intuição original, ADOLPHO CAMINHA, FIGUEIREDO PIMENTEL, ANTONIO CELESTINO, FARIA NEVES SCBRINHO e outros ;

VIII. *Psychologismo idealista com tendencias symbolicas*, de RAUL POMPEA, a que se vão ligar NESTOR VICTOR, GONZAGA DUQUE, GRAÇA ARANHA e poucos mais, (1885-1904) ;

IX. *O eclectismo universalista*, de COELHO NETTO, que tem produzido abundantemente em todos os generos, sendo, mais ou menos, acompanhado em semelhantes tendencias—por VIRGILIO VARZEA (1884-1904).



Este schema poucas explicações exige. O romance, a novella, e o conto, como forma litteraria, só começaram no Brasil no seculo XIX, pouco antes de findar a primeira metade deste.

Os primeiros productos do genero, devidos a Magalhães, Norberto Silva, Teixeira e Sousa e Manoel de Macedo, são hoje quasi illegiveis, por escriptos em detestavel estylo, incorrecto, incolor. O proprio Macedo, que na poesia revelou talento, e no theatro certa *vis comica*, no romance mesmo algum geito de observador, não escapa á lei geral do pessimo estylo da epoca.

Nem ao menos lhe coube a maneira emphatica e solemne de Magalhães, Porto Alegre, Salles Torres Homem e Monte-Alverne, os melhores prosadores nossos da primeira metade daquelle seculo. O desalinhô e a incorrecção de Macedo só encontram seus iguaes em Teixeira e Sousa e Manoel de Almeida. Não é preciso lembrar a brilhante excepção de Gonçalves Dias, nosso melhor poeta na primeira phase do romantismo e egualmente o melhor prosador daquelle periodo.

Como quer que seja, a grande reacção na arte da palayra escripta, na difficil arte da prosa, foi operada por José de Alencar, cuja imaginação, talento descriptivo, brilho de colorido e abundancia de tons são verdadeiramente notaveis. Por este lado, ainda hoje está quasi só. Com Machado de Assis e Raul Pompéa, cons-

titue o triumvirato maximo na evolução do romance nacional.

Alencar, em pleno romantismo, suppriu pela intuição do genio o que lhe faltava de observação e de estudo, e chegou a ter uma nota para cada uma das multiplas manifestações do viver de nossas populações. O indio, o colono, o fazendeiro, o gaúcho, o sersanejo, o roceiro das fazendas e engenhos, o elegante das cidades, o escravo, o politico, e nomeadamente a fina flôr da população brasileira, symbolisada na meiguice incomparavel de nossas bellas fluminenses, tudo isto passa com vivas côres naquelle brilhante kaleidoscopio, que é a obra variada e original de José de Alencar. Machado de Assis, penetrando no mundo subjectivo de seu proprio pensamento, e trazendo-nos dalli algumas das paginas da mais orginal psychologia em lingua portugueza, é frio, mas correcto na sua imperturbabilidade. Rual Pompéa, tendo tanto calor quanto Alencar e varias das qualidades de Machado, deixou em seu admiravel *Atheneu* e n'alguns pequenos contos algumas das joias mais puras da litteratura brasileira. Estas tres singulares figuras não podiam fazer eschola. Seus imitadores são simplesmente desastados, imprestaveis.

Os tres outros typos representativos do romance brasileiro são Franklin Tavora, Aluizio Azevedo e Coelho Netto, cada um delles á frente de um grupo, ou melhor, cada um delles apontando um caminho a ser trilhado por outros. Tavora, cujo merito não tem sido devidamente aquilatado, é o mestre mais perfeito no *tradicionalismo aldeão*, com *O Cabelleira*, *O Matuto*, e esse admiravel *Lourenço*, um dos melhores livros de nossas lettras. Aluizio, com a *Casa de pensão* e *O Cortiço*, para não fallar n'*O Mulato*, *O Curuja* e *O Homem*, fez os dois livros mais verdadeiramente realistas de toda a litteratura patria. Coelho Netto possui feição propria na imaginativa, na facilidade de escrever, na abundancia do vocabulario, no colorido das tintas e menor cunho em a profundeza da analyse. na pintura dos caracteres, n'uma systematisação certa para um alvo determinado. Ao contrario, sua obra, já hoje bem avultada, dá-nos o exemplo de um completo eclectismo. Não é, um systematico a Macnado, a Pompéa, a Aluizio ou a Tavora.

As tres outras figuras do romance nacional, que occupam o terceiro plano, são: Manoel de Almeida, cujas *Memorias de um sargento de milicias* têm sido em excesso elogiadas; são, por certo, muito merito-

rias pelo cunho realistico da narrativa, mas escriptas no mais descurado dos estylos; Celso de Magalhães, cujo *Um Estudo de temperamento* tem grande valor; finalmente, Escragnolle Taunay, com a *Mocidade de Tractiono*, *Ouro sobre Azul*, *O Romance de uma mulher*, e, sobretudo, *Innocencia*, livro de merito, sem ser um monumento, como alguns têm querido crêr.

Merece menção especial Theotonio Freire, porque possui alguns contos que são verdadeiras joias litterarias.



IV Eloquentia

I. *A predica ingénuua dos missionarios do seculo XVI*, com ASPICUELTA NAVARRO, NOBREGA, ANCHIETA, CARDIM, LUIZ DA GRAN e outros ;

II. *Escola Bahiana do seculo XVII*, com EUSEBIO DE MATTOS, ANTONIO DE SÁ, ANTONIO VIEIRA, ROBERTO DE JESUS, MANOEL DA MADRE DE DEUS, etc. ;

III. *Escola Fluminense dos fins do seculo XVIII e começos do seculo XIX*, com SOUSA CALDAS, SAMPAIO, SÃO CARLOS, SANTA URSULA RODOVALHO, MONTE ALVERNE, CUNHA BARBOSA, a que se ligam o VIGARIO BARRETO e FREI CANECA ;

IV. *Escola Bahiana do seculo XIX*, representada em SANTA RITA BASTOS, D. ROMUALDO DE SEIXAS, FREI ITAPARICA, FREI RAYMUNDO, PADRE FONSECA LIMA, a que se prendem o PADRE PATRICIO MONIZ e D. ANTONIO DE MACEDO COSTA ;

V. *Alvorecer da eloquencia politica na Constituinte de 1823* e seu desenvolvimento nos tempos do primeiro Reinado, da Regencia e primeiros annos do segundo Imperador—(1823-1848), com ANTONIO CAR-

LOS, LINO, COITINHO, CARNEIRO DE CAMPOS. BERNARDO DE VASCONCELLOS, ALVES BRANCO, etc.

VI. *A pleiade do segundo Reinado* (1848-1868), com MACIEL MONTEIRO, ABRANTES, JEQUITINHONHA, SÃO LOURENÇO, PARANÁ, URUGUAY, NABUCO, ZACARIAS, SOUSA FRANCO, COTEGIPE, INHOMERIM, GABRIEL RODRIGUES DOS SANTOS, RIO BRANCO e muitos outros ;

VII. *A nova eloquencia nos ultimos annos do segundo Reinado* (1868-1889), com FERNANDES DA CUNHA, JOSÉ BONIFACIO (moço), GOMES DE CASTRO, OURO PRETO, ANDRADE FIGUEIRA, JOSÉ DE ALENCAR, SILVEIRA MARTINS, FERREIRA VIANNA, aos quaes se ligam RUY BARBOSA, JOAQUIM NABUCO e AFFONSO CELSO (o moço), etc. ;

VIII. *A eloquencia forense, a tribunicia, a academica*, desenvolvidas ao lado da sagrada e da parlamentar, contando como principaes representantes — URBANO SABINO, RANDULPHO MEDRADO, PAULA BAPTISTA, SEBASTIÃO DIAS DA MOTTA, APRIGIO GUIMARÃES, QUINTINO BOCAYUVA, TOBIAS BARRETO, LOPES TROYÃO, JOSÉ DO PATROCINIO, OLIVEIRA BELLO, etc. ;

IX. *Nova phase da eloquencia sagrada* (1830

em diante), com D. LUIZ RAYMUNDO DA SILVA BRITO, PADRE JULIO MARIA, CONEGO FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES e MONSENHOR MANOEL VICENTE.

X. *Ultima phase da eloquencia parlamentar* (1890-1904) em que, se têm feito ouvir : CAMPOS SALLES, MANOEL VICTORINO, BARATA RIBEIRO, ASSIS BRASIL, BELISARIO AUGUSTO, BARBOSA LIMA, EDUARDO RAMOS, JOSÉ AUGUSTO DE FREITAS, NYLO PESSANHA, GASTÃO DA CUNHA, FRANCISCO SÁ, SERZEDELLO CORREIA, CUSTODIO COELHO, J. J. SEABRA, MARTINHO GARCEZ, ESMERALDINO BANDEIRA, FAUSTO CARDOSO, SYLVIO ROMERO e outros, não sendo preciso lembrar os nomes de GOMES DE CASTRO, RUY BARBOSA, LOPES TROVÃO, QUINTINO BOCAYUVA e OLIVEIRA BELLO, por já citados linhas acima.

* * *

Este quadro schematico é de facil comprehensão e dispensa commentarios.

Por elle se vê ser a *eloquencia* d'entre os sete

generos litterarios um dos que possuímos desde os mais antigos tempos da colonia. Os outros que gosam de igual privilegio são : a *poesia* e a *historia*.

São os tres que deitam raizes mais longas no tempo.

O *romance*, a *critica* e a *philosophia* são os mais recentes, tendo começado somente em pleno seculo XIX. O *theatro* occupa uma posição intermedia. Pondo de lado, e não pede ser por outra forma, os *autos* do seculo XVI, devidos a Anchieta e raros outros jesuitas, por estranhos á litteratura propriamente dicta, vê-se que o genero começou, para brasileiros, em principios do seculo XVIII, com Antonio José da Silva.



V Historia

I. *Primeiro periodo*, em que predominam as *cartas annuas, relatorios, diarios, biographias, descripções chorographicas do paiz*, abrangendo todo o século XVI até começos do XVII, isto é, até Frei Vicente do Salvador (1500-1627), com Gandavo, Nobrega, Anchieta, Cardim e o incomparavel Gabriel Soares ;

II. *Segundo periodo*, de Frei Vicente do Salvador a Rocha Pitta, isto é, da *Historia da Custodia do Brasil á Historia da America Portugueza* (1627-1730) ;

III. *Terceiro periodo*, epocha principalmente das *chronicas de capitancias e mobiliarchias* (1730-1820), com Jaboatam, Borges da Fonseca, Pedro Taques, Frei Gaspar da Madre de Deus, Roque Leme, Balthazar Lisboa, Pizarro de Araujo, etc. ;

IV *Periodo de transição para historias geraes*, representado peculiarmente em Cayrú, São Leopoldo, etc. ; (1820-1850) ;

V. *Periodo das historias geraes ou limitadas a certas zonas ou epochas*, principahnente com FRAN-

CISCO ADOLPHO VARNHAGEN, que escreve a *Historia Geral do Brasil* e a *Historia das Luctas com os Hollandezes*; JOÃO LISBOA, que nos dá os *Apontamentos para a Historia do Maranhão*; PEREIRA DA SILVA, muito inferior aos dois, que produz, entre outros livros, a *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, NORBERTO SILVA, que, alem da *Historia das Aldeias de Indios do Rio de Janeiro*, publica a *Historia da Conjuração Mineira*; RAYOL, que é auctor da *Historia dos Motins Politicos do Pará*.

A estes podem-se juntar Ignacio Accioli, Mello Moraes (o velho) e Felicio dos Santos, auctor das *Memorias do Districto Diamantino* (1850-1870 e annos proximos);

VI. *Phase de monographias eruditas*, devidas principalmente a JOAQUIM CAETANO DA SILVA, CANDIDO MENDES DE ALMEIDA, seu irmão JOÃO MENDES, SILVA PARANHOS FILHO (Barão do Rio Branco), Valle Cabral, Ramiz Galvão, Teixeira de Mello;

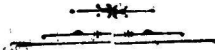
VII. *Ultima phase* em que, alem da erudição, surgem vistas theoricas geraes, com CAPRISTANO DE ABREU, podendo-se a esta corrente juntar JOAQUIM NABUCO, por seu livro—*Um Estadista do Imperio* e suas memorias sobre os limites do Brasil com a Guyana Inglesa.

* * *

Um olhar de imparcialidade lançado sobre nossos historiadores destacará d'entre elles tres que se elevam acima de todos os outros: *Varnhagen*, porque foi o que primeiro comprehendeu ser impossivel fazer a historia sem os documentos originaes, e, por isso, muito andou, muito pesquisou, muito leu e de tudo conseguiu extrahir essa *Historia Geral do Brasil*, que, apezar de seus defeitos de redacção e da estreiteza de sua philosophia, é um livro notabilissimo; *João Lisboa*, porque, alem do liberalismo, introduziu a arte na historia, escrevendo com bellezas de estylo; *Capistrano de Abreu*, porque, a um alargamento ainda mais vasto da erudição do que *Varnhagen*, soube se interessar por questões até elle desprezadas, como fossem as estradas, caminhos e direcções por onde se fez o povoamento do paiz, a mu-

tua e intima união entre a geographia e a historia, as primeiras industrias coloniaes, etc., etc.

Pena é que os escriptos deste auctor andem esparsos em jornaes e periodicos, sendo apenas de mais facil consulta as eruditas notas que poz ás edições de Anchieta, Cardim e Frei Vicente do Salvador.



VI Critica

I. *Os précursores* (1831-1851). Dá inicio a esta phase o *Parnaso brasileiro* (1831), de Januario da Cunha Barbosa e vae ella concluir no *Florilegió da Poesia brasileira* (1851), de Varnhagen, passando pelos nomes de Abreu e Lima, Domingos de Magalhães, Emilio Adet, Santhiago Nunes Ribeiro, F. de Salles Torres Homem, Porto Alegre, J. M. Pereira da Silva, e mesmo Norberto Silva, que já em 1841 tinha nas *Modulações Poeticas* um *Bosquejo da Historia da Poesia brasileira* e em 1843 publicava varios estudos na *Minerva brasiliense*, cumprindo não esquecer o nome de Francisco de Paula Menezes ;

II. *Periodo intermedio*, sem as investigações eruditas d'alguns dos precusores e com velleidades rhetoricas de estafado classicismo (1851-1870), com Antonio Joaquim de Mello, Sotero dos Reis e o Conego Fernandes Pinheiro ;

III. *Começo de reacção* no sentido de mais adelantadas doutrinas, com Macedo Soares, Eunapio Deiró e poucos mais ;

IV. *Reacção mais decisiva* de Tobias Barreto, a

principio sob a influencia do criticismo de Renan, Taine, Scherer e Vacherot e logo após com o *germanismo*, fazendo, não em tractados longos e massudos, sim em rapidos e incisivos ensaios, critica de religião, de philosophia, de politica, de litteratura, de arte e de direito ;

V. *Critica integral das manifestações espirituaes da nação*, estudando o meio, as raças, o *folklore*, as tradições, tentando eluclar os assumptos nacionaes á luz da philosophia superior do evolucionismo spesceriano, procurando uma explicação scientifica de nossa historia e vindo encontrar no *mesitamento* (physico ou moral) a feição original de nossa caracteristioa, com Sylvio Roméro (1870-1904), a que se vieram juntar—Celso de Magalhães, Rocha Lima, Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando, Livio de Castro, João Bandeira, Adolpho Caminha, os jovens França Pereira, Augusto Franco, João Barreto de Menezes e Chrysanto de Brito etc.

IV. *A critica psychologica e impresscionista*, umas vezes paradoxal e metaphysica, outras obscura e rebuscada, de Araripe Junior, que merece um logar á parte ;

VII. *Os recentes criticos*, nos quaes se nota um

como retorno ás *considerações de ordem puramente esthetica*: José Verissimo, Oliveira Lima, Magalhães de Azeredo, Medeiros e Albuquerque e poucos mais.

* * *

Rápidas explicações exige este quadro synopitcô. Em o primeiro momento a critica não tem vida propria; não passa de um appendice das *Chrestomathias*, *Parnasos*, *Anthologias*, *Selectas* e *Florilegios*.

Tal é a sua physionomia em Cunha Barbosa, Pereira da Silva, Varnhagen e até em Norberto Silva, cujos melhores escriptos do genero são as biographias que poz em face das edições de Silva Alvarenga, Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Gonçalves Dias, Laurindo Rabello e outros.

Mais tarde passa da biographia individual a pretensas narrativas historicas, isto é, pasas das biographias isoladas a uma serie de biographias presas por

epocas ou por generos litterarios, sem philosophia, sem systema, sem ideias geraes dirigentes. Tal o caracter do *Curso elementar de litteratura nacional* e do *Resumo de historia litteraria*, do Conego Fernandes Pinheiro, e do *Curso de litteratura portugueza e brasileira*—, de Sotero dos Reis.

Em Eunapio Deiró apparecem os quadros politicos e sociaes das epocas em que se desenvolveram os escriptores. E' que nelle predomina o publicista politico sobre o critico litterario. Por isto seus melhores escriptos são os bellos perfis que intitolou—*Estadistas e Parlamentares*.

Nesta corrente se filia Carlos de Laet.

Com Tobias Barreto, o poeta condoreiro émulo de Castro Alves, a critica faz intima alliança com a philosophia, com as ideias geraes; procura escudar-se nas melhores producções universaes, estabelecendo uma especie de selecção espiritual entre as nações. O auctor acreditava ser na actualidade a Allemanha a séde do povo typico. Dahi, como consequencia, a guerra á influencia, que suppunha retrograda, de portuguezes e peculiarmente francezes no pensamento nacional.

Em Sylvio Roméro a critica procurou desviar-se de duas direcções antagonicas que lhe pareciam erra-

das : nem contemplação exclusiva das cousas do paiz, sem saber do que ia pelo mundo, nem andar pelo estrangeiro á busca de modelos quaesquer a seguir. A missão critica, neste paiz, deveria juntar as tuas tendencias : tomar da nação os assumptos e da cultura hodierna o criterio director das ideias.

Tudo á luz de uma philosophia ampla, suggestiva, salutar.

Como primeira consequência, a necessidade de tomar a vida intellectual e affectiva do povo em seu conjuncto, n'uma historia geral, e não em typos isolados e admirados por qualquer motivo. Como segunda consequencia, vêr no criterio ethnographico a base de todo nosso desenvolvimento. Como terceira, partir do *folk-lore* para a litteratura.

E' que para este escriptor a critica não era, como pensavam os classicos, uma parte da rhetorica, ou, como ensinavam os romanticos, e ainda hoje acreditam todos os criticos existentes, uma parte da esthetica. Não. No primeiro caso, ella teria de se occupar exclusivamente do *bem fallar*, e *bem escrever*; no segundo, teria de se reduzir á simples apreciação das obras de arte e de litteratura, sob o criterio exclusivo

São dois pontos de vista ridiculamente atrazados. A critica, para elle, era e é: — *A parte da Logica applicada, que estuda as condições que dão origem e as leis que regem o desenvolvimento de todas as creações do espirito humano, scientificas, artisticas, religiosas, politicas, juridicas, industriaes e moraes, e verifica o bom ou máo emprego feito de taes leis pelos auctores das referidas creações.*

Cremos ser este o exacto conceito da critica e que della não se poderia dar melhor definição.

Em Araripe Junior, se se pode dizer ter a critica adquirido talvez mais alguma perspicuidade psychologica em a analyse dos escriptores, esse ganho foi á custa do deploravel encurtamento das vistas de conjuncto e do esquecimento da evolução geral do povo como um todo harmonico. Por isso o auctor voltou á velha maneira dos estudos dos escriptores isolados, com a aggravante de os emprehender *á rebours*, de diante para traz; pois, tendo começado por *Alencar*, passou a *Dirceu* e mais tarde a *Gregorio de Mattos*, promettendo agora chegar a *Anchieta*. A marcha inversa, com certeza, seria mais normal, se essa critica repousasse n'uma philosophia seriamente evolu-

tiva e scientifica. Mas não passa de simples dilettantismo de romancista transviado.

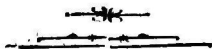
Com José Verissimo e sequazes a preocupação tem sido obedecer no estudo dos auctores ao criterio puramente esthetico: correcção ou não da phrase, bellezas ou não do estylo, abundancia ou penuria do vocabulario, boa ou má disposição da materia, eis os pontos de preferencia estudados.

Parece, com esse exclusivismo, uma retrogradação.—

Cumpré, finalmente, advertir que em nosso *quadro schematico* foram somente contemplados os criticos por temperamento, os que fizeram da difficil arte de Sainte-Beuve a sua profissão espirital, e postos fóra os pretensos criticos de arribação, sujeitos adventicios, que, por capricho de momento, confundindo critica com desforra ou desabafo occasional, foram levados alguma vez a exercer a discussão polemistica, sempre com desaso. E' o caso de Alencar nas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*, de Franklin Tavora nas *Cartas de Sempronio a Cincinato*, de Joaquim Nabuco em o que escreveu contra Alencar, de Valentim Magalhães no que publicou contra os *Ultimos Harpejos*, de Labieno Pereira no que escreveu contra

os *Ensaíos de Philosophia do Direito* de auctor de quem se fez inimigo. De justiça é lembrar agora os nomes de Oscar Guanabarino e Rodrigues Barbosa, criticos musicaes, e de Gonzaga Duque, critico de pintura, os tres mais distinctos que temos tido nos dominios da analyse da pura arte.

Cumpre não esquecer Bittencourt da Silva, nem João Ribeiro, notavel na critica litteraria, e artistica.



VII Philosophia

I. Espiritos educados em fins do seculo XVIII e começos do XIX nas doutrinas do *sensualismo* franceza de Destut de Tracy e Laromiguière, que passaram depois para o *eclectismo* espiritualista de Cousin e Jouffroy (1820-1850), sendo os mais notorios MONTE ALVERNE e EDUARDO FRANÇA ;

II. Puros sectarios do *eclectismo*, sendo os principaes DOMINGOS J. GONÇALVES DE MAGALHÃES e MORAES E VALLE (1850-1870) ;

III. Reacção *catholica* em PATRICIO MONIZ e SORIANO DE SOUSA, nos mesmos tempos da segunda phase e annos posteriores ;

IV. Reacção pelo *agnosticismo critico* a principio e depois pelo *monismo evolucionista* a Hæchel e Noiré, com TOBIAS BARRETO (1870-1889) ;

V. Corrente *positivista a Littrè*, com LUIZ PEREIRA BARRETO, a que se vieram juntar MARTINS JUNIOR e SOUSA PINTO, este passando mais tarde ao *positivismo orthodoxo*, acontecendo o mesmo a ANNIBAL FALCÃO e outros mais (1880-1904) ;

VI. Corrente *positivista orthodoxa*, com MIGUEL

LEMONS, TEIXEIRA MENDES e varios sectarios, entre os quaes não será sem razão contar, a despeito de pequenas dissidencias, BENJAMIN CONSTANT BOTE-LHO DE MAGALHÃES e seu genro ALVARO JOAQUIM DE OLIVEIRA (1880-1904);

VII. Bifurcação *spenceriana* do *evolucionismo*, com SYLVIO ROMÉRO, a que se prendem ARTHUR ORLANDO, CLOVIS BEVILAQUA, SAMUEL DE OLIVEIRA, LIBERATO BITTENCOURT, João BANDEIRA, FRANÇA PE-REIRA e poucos mais (1870-1904);

VIII. Bifurcação *kœckeliana* do *evolucionismo*, com DOMINGOS GUEDES CABRAL, MIRANDA AZEVE-DC, LIVIO DE CASTRO, FAUSTO CARDOSO, OLIVEIRA FAUSTO e MARCOLINO FRAGOSO (1874-1904);

IX. Varias tentativas independentes de ESTELI-TA TAPAJÓS e R. FARIAS BRITO, já d'antes precedi-dos, em certo sentido e sem igual esforço, por J. DE ARAUJO RIBEIRO — VISCONDE DO RIO GRANDE (ulti-mos tempos).

* * *

Poucas explicações indispensaveis. Os que no

Brasil se têm occupado de philosophia podem ser divididos em tres grupos: os meros *expositores*, mais ou menos habeis, de doutrinas estranhas, compactas, feitas, por elles abraçadas; os *criticos* de philosophia, espiritos irrequietos, livres, independentes, que procuraram orientar-se, sem se sujeitarem completamente a um systema importado, posto que se arrimassem em parte n'um qualquer; os que tiveram de si mesmos a opinião de terem sido *innovadores* e *crêdores de systemas*.

Entre os simples expositores estão *Mont'Alverne, Moraes e Valle, Soriano de Sousa, L. Pereira Barreto, Miguel Lemos* e *R. Teixeira Mendes*.

Em o numero dos criticos de philosophia, espiritos que procuraram caminho entre os systemas europeos, com segura autonomia de pensamento, contam-se: *Tobias Barreto, Guedes Cabral, Sylvio Roméro, Livio de Castro, Arthur Orlando, Clovis Bevilaqua, Fausto Cardoso, Samuel de Oliveira, Liberato Bitencourt, João Bandeira, França Pereira*, etc.

Entre os que se julgaram originaes e chefes de systemas, citam-se: José de Araujo Ribeiro (Visconde do Rio Grande), com *O Fim da Creação*, R. Farias Brito, com *A Finalidade do Mundo* e Es-

telita Tapajós, com o bello livro que tem o modesto titulo de *Ensaio de Sciencia*.

As pretenções, porem, destes escriptores não passaram de pios e illusorios desejos.



VIII A Prosa

O modo de manejar a prosa, o estylo, considerado como manifestação litteraria, tem tido no Brasil a seguinte evolução:

I. A *forma singela*, ingenua, espontanea dos melhores chronistas do seculo XVI, cujos principaes são—ANCHIETA, NOBREGA, CARDIM, GABRIEL SOARES, aos quaes se juntam FREI FRANCISCO DO ROSARIO, JORGE DE ALBUQUERQUE e LOBO CURATO GARRO, auctor dos *Dialogos das Grandezas do Brasil* ;

II. O *estylo mais cuidado*, *porem menos espontaneo*, dos escriptores dos começos do seculo XVII, cujo mais notavel é FREI VICENTE DO SALVADOR ;

III. O *estylo pomposo dos gongoristas*, que vão de meiados do seculo XVII a meiados do XVIII, sendo os mais eminentes o PADRE ANTONIO VIEIRA, educado no Brasil, e que nelle passou a mór parte da existencia, ROCHA PITTA e outros ;

IV. A *forma dos grandes naturalistas* de fins do seculo XVIII e começos do XIX, menos singela do que a dos primitivos chronistas, mas muito mais simples do que a maneira dos *gongoristas*, sendo os

principaes representantes — ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, JOSÉ VIEIRA COUTO, JOSÉ BONIFACIO, etc.;

V. O *estyllo alti-sonante, e algum tanto emphatico*, dos pregadores das primeiras quatro decadas do seculo XIX, sendo os mais famosos — SÃO CARLOS, SAMPAIO, FREI BASTOS, VIGARIO BARRETO, JANUARIO BARBOSA, aos quaes se liga mui de perto MONT^z. ALVERNE;

VI. O *estyllo, menos oratorio, mas ainda mui emphatico*—dos escriptores da primeira phase romantica, sendo os typos representativos mais evidentes — GONÇALVES DE MAGALHÃES, PORTO ALEGRE, SALLES TORRES HOMEM, ABREU E LIMA, JUSTINIANO DA ROCHA, etc.;

VII. O grupo selecto do Maranhão, cultores do purismo, cujos principaes são ODORICO MENDES, G. DIAS, JOÃO LISBOA, SOTERO DOS REIS, etc. (mesmo periodo de 1840 a 60);

VIII. O *estyllo descuidadissimo* dos auctores que se seguem immediatamente, cujos typos mais significativos—são J. MANOEL DE MACEDO, TEIXEIRA E SOUSA, NORBERTO SILVA, (1840-65);

IX. *Reacção elegante*, provocada por FRANCISCO OCTAVIANO, JOSÉ DE ALENCAR, este principal-

mente, QUINTINO BOCAJUVA, e raros mais, prestando attenção ás bellezas de colorido, fulgor das imagens, sem cuidar muito de perto dos rigores da grammatica; (1856, ou pouco antes,—a 1877);

X. Reacção mais rigorosa, que alem dos cuidados da esthetica, attende aos reclamos da syntaxe, cujos principaes chefes são — MACHADO DE ASSIS, FRANKLIN TAVORA, TOBIAS BARRETO, RUY BARBOSA, CARLOS DE LAET e outros, (de 1868 em diante).

* * *

Se se lançar uma vista inquiridora sobre o conjunto dos prosadores do seculo XIX, cremos que se poderá affirmar terem sido os seguintes os homens que, durante tal periodo, o mais brilhante de nossa litteratura, manejaram melhor no Brasil a palavra escripta, na difficil arte da prosa:

Mont'Alverne, Salles Torres Homem, Justiniano da Rocha, Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, José de Alencar, Quintino Bocayuva, Machado de

Assis, Tobias Barreto, Ruy Barbosa, Ferreira de Araujo, Joaquim Nabuco, Carlos de Laet, José do Patrocínio, Raul Pompéa e Coelho Netto. São os nomes dos dezeseis laureados do estylo em nossa terra. Como se está a ver, estão ahi por ordem chronologica e enchem o nosso seculo, a começar em frei Francisco de Mont'Alverne, o mais fraco em fulgores de forma, até Coelho Netto, o mais imaginoso de todos passando pelo rutilante estylo de Ruy Barbosa, o mais aprimorado em arte entre seus pares.

Cada um delles tem uma nota especial e typica.

Mont'Alverne, certa fluidez sonora, como especialmente está para sentir-se no celebre *Sermão de S. Pedro de Alcantara* e no *Prefaciò das Obras Oratorias*. Torres Homem, o movimento do periodo, que é correntio e cantante.

Justiniano da Rocha, a placidez, alliada á variedade das tintas, á adaptação e maleabilidade aos assumptos. Gonçalves Dias, a vernaculidade, alliada á mais completa simplicidade.

Francisco Lisboa, alguma cousa que lembra Alexandre Herculano pelo brilho sóbrio e seguro.

Quintino Bocayuva, nos bons tempos em que elle illuminava as paginas dos artigos de fundo, a de-

senvoltura, a amplitude dos periodos, contidos sempre num desenho firme e bem contornado. Machado de Assis, a correccão, o gosto discreto e puro, sem audacias, sem grandes vibrações, porém sereno, doce, communicativo. José de Alencar, a riqueza das tinctas, a variedade dos epithetos, o gracioso das imagens, a caricia dos tons, que lembram a musica, velada e embriagante, das confabulações femininas. Ferreira de Araujo, a trama delicada, tecida de bom senso e *humour* innocente. Tobias, o calor, a vida, o movimento, a eloquencia vibrante.

Ruy Barbosa, este tem tantas qualidades, que só se poderia definir, dizendo que é, como Victor Hugo em França, o primeiro talento verbal de nossa raça. Sua prosa tem todas as modulações, todos os tons, todos os aspectos, conforme o assumpto e o sentimento da occasião.

Joaquim Nabuco, a arte do periodo sonoro, realçado de vez em quando por certos ditos que gravam.

Carlos de Laet, o sabor classico dado a provar de mixtura com a ironia moderna, acerada, implacavel. Raul Pompéa, o brilho, o scintillar das phrases. José do Patrocínio, a vibração das palavras, a eloquencia dos reptos.

Coelho Netto, o vocabulario variado, ao serviço de uma imaginação arisca e turbulenta, dando-nos paginas descriptivas, valorosas, potentes.

Taes os reis da palavra escripta no Brasil.

Em segundo plano destacam-se, com assignalados titulos, Ramiz Galvão, Rozendo Moniz, Julio Ribeiro, Araripê Junior, Francisco de Castro, José Verissimo, Inglez de Sousa, Affonso Celso (o moço); Olavo Bilac, Graça Aranha, Aluizio e Arthur Azevedo e João Ribeiro.

Iguaes direitos a distincto logar entre os prosadores possúem, em que pése a certos *clans* letrados do Rio de Janeiro, que têm tanto de arrogantes quanto da incompetentes, Franklin Tavora, Arthur Orlando, Clovis Bevilaqua, França Pereira, Theotonio Freire, Gumersindo Bessa, Phaelante da Camara, cujos nomes a estulta petulancia dos alludidos *clans* não permite lembrar.

E' que se trata de gente do Norte, de escriptores, pela mór parte, da Escola do Recife...

Se até levam audacia ao ponto de negarem posto de honra entre os nossos melhores prosadores a um Tobias Barreto e a um Franklin Tavora !...

Só admittem titulos de benemerencia a quem se

matricula n'algum dos philauciosos bandos ou *cotteries*, como é o caso de muitos, que seria facil citar, cujos meritos, aliás, somos dos primeiros a proclamar, porque nosso espirito felizmente paira muito acima de taes bairrismos exclusivistas e retrogrados.

Cumpre ponderar, por fim, que, desde 1500 até á *primeira phase do romantismo* e ao *grupo maranhense*, predominou a influencia portugueza na lingua.

Depois veio desasada reacção que tudo maculou — *esthetica e grammatica*.

Sob o influxo de um *falso nacionalismo*, a lingua desceu quasi aos ultimos degráos da incorrecção e barbarismo. Nem se quer era estudada como *preparatorio* !... A reacção de Octaviano e Alencar foi, quanto á *grammatica*, dentro ainda da falsa opposição ao *purismo* ; mas, quanto á elegancia, á *plastica*, prestou bons serviços.

A reacção final de Machado, Tobias, Ruy, Tavora, Laet, unindo João Lisboa a Alencar, foi de incalculavel alcance.



APPENDICE

I *Bento Teixeira*. II *Prioridade de Tobias Barreto em alguns ramos do moderno pensamento brasileiro*; III *Logar do auctor deste livro e d'outros obreiros a seu lado*.

I

Primeira Escola Pernambucana

(NOTA SOBRE BENTO TEIXEIRA)

O auctor da *Prosopopéa*, — BENTO TEIXEIRA, é quasi desconhecido nas particularidades de sua vida e tem dado logar a graves questões bibliographicas. Quem primeiro chamou sobre elle a attenção foi o abade Diogo Barbosa Machado, o qual, no volume I, pag. 512, da sua *Bibliotheca Lusitana*, escreveu estas palavras :

« Bento Teixeira Pinto, natural de Pernambuco, igualmente perito na Poetica que na Historia, de que são argumentos as seguintes obras :

« *Prosopopeya dirigida a Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco, nova Lusitania*. Lisboa por Antonio Alvares—1601 : 4.º São oitavas juntamente com a *Relação do Naufragio que fez o mesmo Jorge Coelho vindo de Pernambuco a*

Não Santo Antonio em o anno de 1565. Sahiu duas vezes impressa na *Hist. Tragico-Marit.* Tomo 2, desde a pag. 1 até 59.

« *Dialogo das grandezas do Brasil em que são interlocutores Brandonio e Alviano.* MS. Consta de 106 folhas. Trata de muitas curiosidades pertencentes á Corographia e Historia Natural daquellas Capitánias. Conserva-se na Livraria do Conde de Vimieiro. Desta obra e do autor faz memoria o moderno addicionador da *Bibl. Geog.* de Antonio de Leão. Tomo 3. Tit. unico, col. 1.614. »

Pereira da Silva e Norberto Silva, em suas mais antigas publicações a cerca de cousas litterarias do Brasil, repetiram as informações de Barbosa Machado. Entretanto, desde 1839, Francisco A. de Varnhagen, nas *Reflexões Criticas* a Gabriel Soares, já refugava a Bento Teixeira a autoria dos *Dialogos das grandezas do Brasil*, com argumentos serios.

Norberto Silva, na *Revista do Instituto Historico*, vol. de 1850, pag. 277, pretendeu rebater Varnhagen, que lhe retrucou victoriosamente no mesmo vol. da Revista, pag. 403.

Em 1857, no segundo volume da *Historia geral do Brasil*, voltou o ultimo a tratar o assumpto, não

se limitando a negar a Bento Teixeira a auctoria dos *Dialogos*; retirou-lhe tambem a da *Prosopopéa* e a da *Relação do Naufragio da Náo Santo Antonio*, mostrando que fôra esta escripta por um Antonio de Castro. Em 1872 tornou de novo ao ponto, mantendo (*Diario Official*, de 6 de novembro) suas negativas quanto aos *Dialogos* e á *Relação do Naufragio* e não quanto á *Prosopopéa*, attribuida agora por elle a Bento Teixeira.

Pouco mais tarde, da segunda edição da *Historia Geral*, pag. 686, ainda se conservava elle no mesmo terreno em o que diz respeito aos *Dialogos* e á *Relação*. Esta tinha agora auctor certo e era o *piloto Affonso Luiz*, sendo corrigida pelo mestre Antonio de Castro. Restava ao illustre historiador descobrir o auctor dos *Dialogos*. Destes existia na Bibliotheca publica de Lisboa uma copia, retirada dalli para o Rio de Janeiro, por José Feliciano de Castilho, que os começara a publicar no *Iris*, não dando depois andamento á impressão, nem restituindo o manuscrito. O auctor da *Historia Geral* encontrara felizmente delles um codice completo na Hollanda, do qual tirou copia, que veio a servir para a impressão feita pela *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambu-*

cano. N'um *post-facio* posto por Varnhagen a esta edição, datado de 1877, inclinou-se finalmente a crêr que tivesse sido Bento Teixeira mesmo o autor de tão curiosa obra.

Eis que no debate appareceu por ultimo Capistrano de Abreu que chegou a estas conclusões : O Bento Teixeira Pinto, que naufragou com Jorge de Albuquerque em 1565, não é auctor nem da *Relação*, nem da *Prosopopéa*, nem dos *Dialogos* ; o Bento Teixeira —da *Prosopopéa* é outro individuo ; não acompanhou Jorge de Albuquerque, não escreveu a *Relação*, nem os *Dialogos*, e sim, pura e simplesmente, o poemeto, cuja primeira edição suppõe o critico ter sido de 1593. A segunda foi de 1601 e a terceira de 1873. As duas primeiras de Lisboa. A ultima do Rio de Janeiro. (1)

Tudo leva a crêr que nos ultimos decennios do seculo XVI tivesse havido em Pernambuco um grupo de moços ardentes dados á poesia e ás lettras. Ben-

(1) O estudo de Capistrano de Abreu sobre o assumpto está no *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro) de 24 de novembro de 1900. Delle fizemos este resumo.

to Teixeira, Fr. Francisco do Rosario, Jorge de Albuquerque e Curato Garro eram do numero.

A terra, vê-se pela descripção de Cardim de 1583, era rica e prospera ; a população festiva e entusiasta.

A ordem e o progresso tinham germinado desde os inicios da administração de Duarte Coelho, o typo do donatario intelligente.



II

Segunda Escola Pernambucana

(DA PRIORIDADE DE TOBIAS BARRETO NA RENOVACÃO
DE VARIOS ASPECTOS ESPIRITUAES DO BRASIL.)

I

Na apreciação de Tobias Barreto como critico em geral e nomeadamente como critico de litteratura, apresenta-se uma questão inicial de precedência. E' o mesmo caso da sua posição na poesia. Aqui despiam-no para cobrir Castro Alves; alli desrespeitam-no para cortejar, ora ao auctor destas paginas, o que aliás é raro, ora a Celso de Magalhães, ou a Rocha Lima, ou a Araripe Junior.—Pelo que diz respeito a estes ultimos, a pretensão é de todo desarrasoada, porque os primeiros ensaios criticos de qualquer delles datam de 1872-73 e annos proxivamente posteriores.

No que se refere ao autor deste livro, posto estivesse no Recife desde fins de janeiro de 1868, seu primeiro trabalho de critica, segundo os preceitos scientificos, só foi escripto em 1869, e manda, pois, a verdade historica declarar que, se é certo não se mostrarem ainda o moderno methodo e as modernas doutrinas nos artigos do escriptor que ora se contempla consagrado ás poesias de *Paes de Andrade*, em 1865, ás de *Lycurgo de Paiva*, em 1866, a *Castro Alves*, no mesmo anno, a *Nahúm*, em 1867, a *Guizot*, em 1868, não é menos verdade notarem-se já os novos processos e tendencias nos estudos relativos a *São Thomaz de Aquino* e em *Theologia e Theodicéa não são sciencias*, ainda em 1868, a *Julio Simon* e *Domingos de Magalhães*, em 1869.

Pouco importará a allegação de serem estes ultimos escriptos de critica de philosophia e não meramente litteraria; porquanto a existencia nelles das novas doutrinas e intuições, dos novos processos e designios contrarios á rhetorica então vigente dos Sotiros dos Reis e dos Fernandes Pinheiros, resolve plenamente, ainda neste ponto, a questão de prioridade em prol do auctor dos *Estudos Allemães*.

Este qualificativo me vem lembrar outra face da

questão de antecedencia: o *germanismo* do escriptor nas lettras brasileiras.

Dada por provada, allegam, a existencia em seu fâvor da prioridade na móderna critica em geral e mais precisamente na critica de philosophia, não lhe cabe igual direito na propaganda daquelle conjuncto de ideias, de intuições, de modos de sentir e pensar, a que se tem dado, bem ou mal, o nome de *germanismo* entre nós: essa honra pertencerá a Carlos de Koseritz, o illustre allemão que trabalhou e morreu no Rio Grande do Sul, em cuja imprensa deixou sulco inapagavel.

Por maior que seja a nossa veneração pelo notavel auctor de *Roma perante o Seculo*, não podemos dar ganho de causa aos que hoje propagam um modo de vêr que elle seria o primeiro a repellir.

Era uma cousa por todos sabida, e geralmente repetida até pouco tempo como uma censura, uma grave critica, que a corrente allemanista havia sido aberta em nossas lettras por Tobias Barreto, secundado em parte neste ponto pelo auctor deste livro.

Escriptores fluminenses, homens do jornalismo da côrte imperial, tentando espirito e com vista ao ridiculo, chamaram a essa tentativa: *escola teuto-sergipana*,

Em tempo nós alcunháramos, em represalia, a gente adversa—*a escola gallo-fluminense*. Este facto é em parte assignalado pelo proprio Tobias Barreto na *introducção* á seus *Estudos Allemães* nestes termos:

« A escola, se de escola merece o nome, que approuve a litteratos fluminenses designar pelo titulo de *teuto-sergipana*, com o claro intuito de produzir impressão comica, pela associação da ideia da Allemanha á da provincia natal de dous infatigaveis promotores do germanismo nas lettras brásileiras, mas sem saber que desta arte lhes conferem, bem como á sua terra, uma honra immensa, cujo valor exacto só ao futuro é dado conhecer e aquilatar, uma tal escola ainda tem a lutar com difficuldades e embaraços, que annos e annos de combate não têm podido arredar. »

Era a ideia por toda a parte sabida e repetida, sendo até notoriamente apontado como creador da expressão—*escola teuto-sergipana*, o Sr. Carlos de Laet. Entretanto, do Rio Grande do Sul, surgiu, ha tempos, um interessante artigo d'uma escriptora daquella ex-provincia sobre a personalidade litteraria de nosso saudoso amigo Carlos de Koseritz, artigo em que a bella discipula daquelle pranteado escriptor reivindica para este illustre jornalista as honras da criação da escola.

Ella não préza mais do que nós a memoria de Carlos de Koseritz, e ninguem mais do que nós está disposto a conferir ao jornalista insigne o logar que lhe compete na vida espiritual brasileira.

Mas não é preciso trepal-o em pernas postigas para lhe conferir uma posição que não é, que não pôde ser a sua : elle não foi o creador do *allemanismo na litteratura brasileira*. Esta aspiração por emquanto nasceu e caminhou apenas com Tobias Barreto.

Nella tivemos parte reduzida e em certo sentido algum tanto divergente.

E' mister historiar os factos.

Desde os começos do seculo XIX allemães distinctos têm estado em contacto com os brasileiros e podendo despertar o gosto pelas ideias e pela cultura allemães. Em varias categorias se podem elles dividir.

Em primeiro logar é preciso collocar aquelles que, ainda no periodo colonial, passaram mais ou menos rapidamente entre nós, entregues a labores scientificos. E' o caso de Martius, de Spix, de Pohl, de Eschwege. Adstrietos ás pesquisas da sciencia, estes homens passaram como *viajantes*, não fizeram, nem podiam fazer, propaganda de *allemanismo entre nós*.

Após essa turma de viajores, que se têm renovado em periodos varios, é preciso inscrever os sabios allemaes que estacionaram no paiz, fixaram aqui residencia. Havemol-os tido e dos mais distinctos, bastando lembrar os nomes das notabilidades que se chamam—Fritz Müller, von Ihering, Göldi, Schwacke e outros.

Apezar da sua permanencia no paiz, estes homens nunca se propuzeram a propagar o *allemanismo no Brasil*. Sua preocupação foi sempre outra e bem diversa.

Segue-se a turma dos professores. Temol-os tido e dos mais eminentes. Quem se não lembra de um Planitz? de um Julio Franck? de um Tantphœus? Deste ultimo sobretudo? Quem se não lembra dessa alma de ouro, que durante cincoenta annos amou a nossa mocidade e a captivou com os thezouros de seu saber incomparavel? O grego, o latim, o allemão, o inglez, o francez e as suas litteraturas, a mathematica, a geographia, a historia, a philosophia, tudo isto foi o objecto de suas lições, onde a bondade suprema corria parellas com a sciencia lucida e precisa. Entretanto, apezar de todo o sainete germanico de seu espirito e o ardor patriótico que tinha pelas excellencias de

sua raça, nem Tautphœus, nem qualquer outro professor allemão, pregou jamais neste paiz aquella mesma propaganda que Tobias tomou sobre os seus hombros.

Logo após é preciso notar certo grupo de jornalistas, que escreveram já em portuguez, já em allemão, que aqui havemos contado. Neste numero os mais distinctos têm sido : Fernando Schmid (o celebre poeta *Dranmor*), Carlos Jansen, Hugo Gruber, e, aqui é que occorre o seu logar, o mais distincto de todos — Carlos de Koseritz... Nenhum delles, porém, foi em qualquer gráu. o propagandista da necessidade do abandono da intuição franceza e da passagem para a intuição germanica, como um reforço para o pensamento brasileiro. Durante vinte e dous longos annos, de 1852 a 1874, Carlos de Koseritz fez jornalismo politico em o Rio Grande do Sul, tomou parte em todos os debates mais notaveis alli travados, e jamais fez a propaganda por Tobias iniciada no Recife em 1870. Em 1874 é que, havendo o auctor sergipto enviado a Richard Mathes, redactor então da *Deutsche Zeitung* do Rio de Janeiro, a carta em lingua allemã, cuja traducção vem á pagina 374 dos *Estudos Allemães*, e logo após o *prospecto* do seu jornal naquella lingua, *Deutscher Kämpfer*, e sendo

uma cousa e outra publicadas na gazeta de Mathes, Carlos de Koseritz exultou no Rio Grande, transcreveu esses artigos e poz-se ao lado de Tobias, que nessa faina acompanhávamos, em termos, desde 1870.

Dissemos *em termos*, porque desde então fazíamos, como hoje, certas reduções. Manda, porém, a verdade historica consignar aqui ter sido o preclaro escriptor sergipano antecedido, limitadamente, é certo, em sua propaganda por dous brasileiros, desde muitos annos entusiastas dos lettras allemães, que em artigos, já em portuguez, já em lingua germanica, chamavam a attenção do publico para a sciencia da grande nação. Foram elles: Ernesto Ferreira França, que foi professor na Faculdade de S. Paulo, e Manoel Thomaz Alves Nogueira, que foi lente no Collegio de Pedro II, ambos educados na Allemanha. A estes, em menor escala, deve-se juntar Luiz Antonio Vieira da Silva, que foi senador do imperio, tambem educado naquella paiz. Esses homens, porém, só poucas vezes, incidentalmente e por fórma episodica, é que tocavam no assumpto.

Pelo que nos diz respeito, foi no Rio de Janeiro de 1863 a 1867, antes de conhecermos Tobias, que se nos despertou o enthusiasmo pela gente ger-

manica, estimulado pelas lições do Dr. Francisco Primo de Souza Aguiar, nosso mestre de geographia e historia e celebrado professor na Escola Militar de um dos ramos da alta mathematica. Este illustre sabio tinha residido longos annos na Allemanha, era grande sabedor de sua lingua e forte encomiasta daquelle povõ.

Essa situação d'espírito foi singularmente fortificada pela convivencia com o venerando Barão de Tantphœus.

A vantajosa apreciação da influencia do elemento germanico em a civilisação moderna e nosso alto apreço pela cultura daquelle povo, que levavamos do Rio de Janeiro, cresceram pela leitura mesma dos mais eminentes auctores francezes que fizemos no Recife de 1868 a 1870 : historiadores, como Guizot, Thierry ; criticos litterarios, como Ampère, Taine, Scherer ; criticos religiosos, como Renan, Michel Nicolas, Reuss ; publicistas, como Lavelleye, de Gobineau ; linguistas, como Gaston Paris, estes e outros escriptores, que eram, pelo menos até ao anno da grande guerra, entusiastas fervorosissimos dos allemães.

Foi então, foi em 1870, que Tobias Barreto se decidiu pelos germanicos. Com aquelle ardor que elle

punha em tudo, com aquella enorme facilidade de aprender que o distinguia, entrou na loja de livros de Laillacard, no Recife, á rua do Imperador, comprou um dictionario e uma grammatica allemães, e pediu ao livreiro que lhe mandasse buscar na Europa a *Geschichte des Volkes Israel*, de Ewald. Foi este o primeiro livro allemão que o poeta sergipano possuiu. No intervallo, entre a encommenda e a chegada da celebre obra, o nosso patricio ficou estudando a lingua allemã comsigo mesmo. O que depois se seguiu todo o Brasil sabe: Tobias apaixonou-se pela lingua, pelos autores, pelas idéas, por tudo quanto vinha da Alemanha, e não abandonou mais até morrer o seu querido *allemanismo*. Desenove annos empregou-os elle em sua incessante propaganda; teve de renovar todas as suas idéas depois dos trinta annos, idade em que quasi ninguem mais tenta semelhante aventura. Litteratura, esthetica, direito, religião, politica, philosophia, tudo teve elle de recompor e modificar ao influxo dos autores allemães, seguindo de preferencia a direcção monistica, onde, em espheras diversas, fulguram os nomes de Helmholtz, Häckel, Noiré, Spir, Hermann Post, Fröbel, Ihering, e tantos outros de menor vulto.

Nós ajudámos em parte essa propaganda, como medida tonificante para o nosso espirito popular, recomendando da Allemanha especialmente a *critica*. Em um artigo publicado em 1875, diziamos :

« As nações nos tempos de hoje, antes de attendem aos seus instinctos particulâres, devem amoldar-se ás necessidades e aos progressos da civilisação e concorer para elles. As que são ornadas de boas e fecundas qualidades originarias, de elevadas *relações physiologicas inconscientes*, como diria o professor Mantegazza, podem afoitamente dar largas aos seus impetos subjectivos, porque estes são sempre os mesmos da civilisação. Na *sciencia, como na litteratura*, o que é da época e o que é intimo nellas se enlaça e se cõpleta.

As nações, porém, que são dotadas de mãos pendores, devem, ao contrário, reprimil-os, suffocal-os, e o correctivo está no exemplo dos grandes povos.

Ao Brasil, que é da classe dos que se devem corrigir, é o que cumpre fazer. No que for *tocante á sciencia*, NÃO DIZEMOS QUE SE VOLTE DETERMINADAMENTE PARA ESTE OU AQUELLE PAIZ ; *volva-se para a verdade donde quer que ella irradiie*. No que for *puramente litterario*, *amputados os seus velhos vicios*,

O MESMO DEVE FAZER. O ideal, porém, da Alemanha como exemplo a seguir tem tudo de nobilitante; della é *que podem vir melhores ideias que o reanimem SEM TIRAR-LHE A CONSCIENCIA DE SEU PROPRIO SER. A corrente franceza tem suffocado, pela imitação, a individualidade deste povo; o germanismo, que fornece ideias em vez de phrases, vivificará a personalidade perdida por meio da CRITICA DE NÓS MESMOS.* » (1)

Els ahí, nada mais claro; desde o principio de nossa carreira litteraria antepuzemos a tudo a personalidade de cada povo; e do *allemanismo* só aceitavamos a *intuição critica*, apta a revigorar a nossa propria *individualidade nacional*:

Ainda assim positivo fomos mais tarde na *Historia da Litteratura Brasileira*. Allí dissemos: « Em regra não é um bom exemplo aconselhar a uma nação que siga a qualquer outra; mas isto se deve comprehender com relação aos grandes povos, áquelles que podem representar um papel original na historia. Para com os povos medios e nullos, a cousa muda muito de fi-

(1) Artigo inserto no livro—*A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, pag. 88.

gura. Estes devem ser compellidos a tomarem os avisos salútares, sob pena de perda irreparavel.

Improprios para se reformarem por si, hão mister de uma escola severa, fornecida pelo estrangeiro. Mas duas são as grandes manifestações no dominio das ideias : a *sciencia* e a *litteratura*. Quanto á *primeira*, Tobias é muito illustrado para pretender que *ella seja um patrimonio da Allemanha*, como uma intelligencia má do seu pensamento tem podido suggerir. A *sciencia contemporanea* é um coefferente da civilisação occidental, tendo, é certo, na Allemanha sua séde principal:

Não deve ser, pois, della especialmente que o auctor quiz fallar. Quanto á *litteratura*, elle é muito bom poeta para pretender que *o cunho da nacionalidade possa della de todo ausentar-se*. Quer em um quer em outro ramo, teve sem duvida em vista a *disciplina do pensamento, a severidade da investigação, juntas á sinceridade do sentimento e á exactidão da expressão*, que constituem o sello da intelligencia-tudesca. Quer que contraiamos tão *salutares habitos* no estudo severo da sciencia e da litteratura germanicas, incontestavelmente as mais fecundas da actualidade. »

Tobias ainda vivia quando escrevemos essas e as anteriores palavras.

Tal nossa disposição de espirito sobre a vida espiritual allemã, desde os velhos tempos em que no Rio de Janeiro, na primeira residencia ahi, começamos a apreciar-a, sob a influencia de Primo de Aguiar e de Tautphtæus, e tal a disposição de espirito em que proseguimos em estimar-a mais de perto, sob o influxo que em Pernambuco lhe deu Tobias Barreto, desde 1870, bem antes de conhecermos, elle e eu, ao mais tarde incomparavel amigo nosso, Carlos de Kose-ritz.

Fique, pois, assentado que o allemanismo no sentido em que o professava e pregava Tobias, como um antidoto ao marasmo intellectual dos brasileiros, não foi tarefa que houvesse aprendido do illustrado redactor da *Gazeta de Porto Alegre*.

E a acção no assumpto pelo auctor deste escripto exercida fundava-se e funda-se em intuição diversa: o critico dos *Estudos Allemães* viu na sciencia e litteratura germanicas materia para ser pelos brasileiros seguida, imitada, assimilada; ao passo que nós viamos de preferencia nos povos teutonicos sua alta significação ethnographica, sua vasta contribuição para

a cultura geral, suas magnificas qualidades de espirito, sua disciplina critica, desejando que fossem ellas apreciadas no seu justo valor e servissem de estimulo a nós outros. Não é pequena a differença. Não só no artigo citado, de 1875, como na *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, de 1880, e na primeira edição da *Historia da Litteratura Brasileira*, de 1888, ficou bem claro o sentido, em que poderíamos ser incluido entre os allëmanistas.

No significado e na amplitude que a propaganda tinha na mente de nosso amigo, esteve elle sempre admiravelmente, nobremente isolado. Dizemol-o em honra sua; nem deixou de ter a consciencia nitida de sua posição. Nas linhas postas como prologo ás *Questões Vigentes de Philosophia e de Direito*, escrevia elle, aos 21 de maio de 1888, um anno apenas antes de sua morte, estas palavras que valem por um documento psychologico de sua situação de espirito, ao despedir-se do meio em que luctou e soffreu:

O livro que entrego ao publico, não leva consigo a pretensão de abrir uma nova epocha para as letras brasileiras; mas elle tem um merecimento, de que não posso deixar de orgulhar-me: é o de haver sido composto na sua maior, e talvez até na sua me-

lhor parte, durante dias afflictissimos, em que a ideia de uma próxima e inevitavel morte, segundo a opinião dos competentes, estava constantemente a aggre-dir-me e a perturbar a marcha regular do meu pensamento.

Essa ideia, porem, não me conseguiu abater ; oppuz-lhe com efficacia a resistencia da minha vontade ; quiz vivêr, e vivi, não só para amparo dos meus, dos poucos que de mim precisam, mas tambem para não commetter a tolice de occasiouar, no grupo dos que me odeiam, um prazer de *mais* e um lugar de *menos*.

No que diz respeito ao conteúdo do livro, só tenho a observar que nelle se encontra a mesma velha *mania germanica*, que é para mim uma especie de *isolador* de qualquer communicação mais intima com o espirito geral da litteratura patria. Não cedi á considerção alguma, que viesse abalar a firmeza das minhas convicções e adoçar o rigor da minha critica. »

Os primeiros periodos denunciavam a resistencia que supunha oppor á molestia minadôra que o devia matar um anno após ; o ultimo o *isolamento* em que se achava na sua *mania germanica*, segundo a phrase estulta de muitos dos que com elle mesmo assás aprenderem.

II

A questão da *precedencia* de Tobias Barreto como *iniciador* no Brasil, em várias espheras de pensamento, desse conjuncto de ideias modernas que vieram a deitar por terra a velha intuição do espirituallismo metaphysico—romantico, merece, antes de passarmos adiante, que lhe consagremos, alem do que ficou dito, mais algumas palavras em forma synthetica.

E' neste ponto que se tem, de preferencia, manifestado a má vontade de certos litteratos patrios em todos os tempos, não se pejando elles de revêlar a mais crassa ignorancia sobre a historia intellectual da nação.

E' ossificado espirito de despeito e mesquinha opposição.

A actividade espiritual do grande renovador de nosso decrepito pensamento se exerceu na *poesia*, na *critica de litteratura*, de *religião*, de *philosophia*, de *direito*, de *politica* e de *arte*. Pois bem; em cada uma dessas espheras andaram os seus implacaveis inimigos a catar, aqui e alli, algum nome para lhe oppôrem.

Na *poesia condoreira*, primeira manifestação, no

Brasil, da poesia social, e ponto de partida de todo o desenvolvimento litterario ulterior, investiram Castro Alves, que tinha talento poetico, é innegavel, mas era supinamente ignorante, do chefado da escola... Mostrámos, repetidas vezes, á luz dos factos e documentos, a falsidade de semelhante pretensão. Ficámos sem resposta, aliás impossivel de ser dada.

Na *critica litteraria* andaram a cascavilhar, como já referimos neste estudo, varios nomes ; mas sempre com a maior infelicidade, diante da eloquencia dos algarismos, do rigor absoluto das datas, qual deixámos demonstrado.

Na questão do *allemanismo*, que se prende intimamente á da *critica de litteratura*, como nas linhas anteriores ficou esclarecido, outorgaram a palma a Koseritz, de cujo nome, todavia, só se lembram, quando lhes convem espalhar essa aleivosia.

Na *reacção philosophica*, segundo as modernas correntes, têm por habito conferir a laurea a Miguel Lemos e Teixeira Mendes, no seu periodo littréista de 1874 ou 75 em diante, quando, desde 1868, Tobias publicava, no mesmo espirito, a sua vibrante critica ao complexo das doutrinas metaphysico—catholicas, personificadas em São Thomaz de Aquino, e a sua

celebre resposta—a Godofredo Autran, que acudira em defesa das velhas ideias, resposta conhecida sob o titulo de—*Theologia e theodicea não são sciencias.*

Na moderna concepção do direito brindaram com o posto da frente-ao finado Dr. José Hygino.

E' erro sem a mais fragil base.

O Dr. José Hygino não tinha ainda a mais leve ideia das novas doutrinas, de que se mostrou adepto de 1883 em diante, quando Tobias já em 1878 publicava, na *Provincia*, o escripto — *Jurisprudencia da vida diaria*, apreciação da obra de igual titulo do celebre darwinista do direito—R. von Ihering, e em 1879—, no *Correto da Noite*, o seu mais perfeito e mais original ensaio juridico—*Delictos por omissão.*

Nesses escriptos já está a renovação feita.

E, se a datar de 1882, anno da auspiciosa entrada do grande sergipano para o corpo docente da *Faculdade de Direito do Recife*, é que sua acção juridica se fez mais intensamente sentir, por seu ensino que lhe trouxe discipulos, hoje escriptores eminentes, não é menos certo que o movimento estava iniciado desde 1878 definitivamente.

Na *critica religiosa* phantasiou um adversario recentemente a antecedencia de J. de Campes

Novaes, por seu livro—*Origens Chaldeianas do Judaismo*, apparecido em 1889, quando desde 1870 já Tobias tinha escripto as *Notas de critica religiosa*, e, logo após,—*Uma excursão nos dominios da Sciencia Biblica*, *Os Livros Mosaicos*, e outros estudos do genero, firmados nos melhores mestres da sciencia livre.

Não é sem razão tambem lembrar que, no que se pode chamar a *critica politica*, a mais antiga producção digna de apreço, em lingua portugueza apparecida, é esse extraordinario ensaio denominado—*A questão do Poder Modêrador — o Parlamentarismo no Brasil*, publicado em 1871, em sua maior parte, no *Americano*, do Recife.

E' onde pela primeira vez o criterio verdadeiramente scientifico de um Gneist, de um von Mohl — apparece, entre nós, no estudo do Estado e da Politica. Até então a nota corrente era essa enjoativa cousa sem nome, que enchia as paginas dos jornaes partidarios, conservadores, liberaes e republicanos, com pretenções a ensinamento politico...

D'igual forma a *critica d'arte*, nomeadamente a *critica musical*, era uma deliquescencia indefnida e indefinivel, que por toda a parte pompeava para gau-

dio de mocinhas hystericas e namorados romanticos. O desabusado critico, que era um scientista altamente illustrado, atirou nesse meio, em 1880, aquelle terrivel escripto—*Alguma cousa tambem a proposito de Meyerbeer*, em analyse a um estudo de Escragnolle Taunay sobre o famoso auctor d'*Os Huguenotes*. Alli está indicado o processo scientifico da critica de arte, que é o historico-comparativo, e, infelizmente, não tem tido continuadores, porque, em geral, nossos escriptores do genero não se querem dar ao trabalho de estudar.

Relêva, por fim, neste terreno, ponderar que, se na *concepção nova do direito* é certo que, em 1875, lançamos o primeiro brado na nossa defesa de theses e na *dissertação* que della fazia a parte principal, sendo assim um *precursor*, foi isto um grito isolado, que se esterilissaria, por falta de continuidade.

Este trabalho felizmente tomou a si, logo após, em 1878, o auctor dos *Menores e Loucos*, com largas visitas, com estudos proprios, e com ainda maior tenacidade de 1882 em diante. •

A lucta e a propaganda tiveram nelle, pois, no assumpto, o chefe innegavel e indiscutivel para quem sabe presar a verdade historica.

No *allemanismo*, convem accrescentar para que todos os factos fiquem em plena luz, na feição peculiar por elle impressa a essa corrente de ideias, os titulos da iniciação e da peleja tambem lhe cabem ; porque as nossas ideias anteriores, mas divergentes, não lhe tiram a prioridade da propaganda *no sentido especial por elle advogado*. O seu germanismo era *litterario*, o nosso *historico*, *politico* e *social*.

E se nós, que luctamos a seu lado, podemos apenas, *no direito*, allegar a anterioridade de um brado isolado, por elle mesmo aliás reconhecido, e, no *allemanismo*, certa divergencia antiga de concepção, muito menos o poderiam fazer os fallecidos José Hygino e Carlos de Koseritz, a despeito de seu merecimento n'outras espheras.

E, ainda mais, se nós, que ao tempo em que Tobias atacava o romantismo *philosophico* e *religioso*, eramos o primeiro, desde fins de 1869, a *atacar o romantismo litterario*, a *pregar a nova intuição da poesia inspirada na philosophia e na sciencia moderna*, a *fundar a litteratura na ethnographia*, reconhecemos a anterioridade de escriptos do genial brasileiro de 1868 e começos de 1869, já inspirados nos novos ideias, que titulos poderiam ter Araripe Junior, Rocha Lima,

Segunda Escola Pernambucana

(DO LOGAR DO AUCTOR DESTE LIVRO E D'OUTROS
OBREIROS INTELLECTUAES AO LADO DE TOBIAS BAR-
RETO).

A leitura de duas publicações, ultimamente feitas em Pernambuco (*A Cultura Academica*, — numero consagrado a *Martins Junior*, e *Memoria Historica da Faculdade do Recife*—no anno de 1903—), publicações, aliás, excellentes, e por isso mesmo que o são, a leitura dellas causou-nos algum espanto, sob o ponto de vista que vamos indicar.

Se se tratasse de qualquer dessas babuzeiras que diariamente sahem á luz no Rio de Janeiro, nas quaes o desconhecimento de nossas luctas do norte é completo, não nos abalançariamos a fazer reparo; sendo, porem, coisa vinda do Recife, o caso muda muito de figura.

Por cinco vezes diversas temos historiado, ora mais, ora menos amplamente, o que nós mesmo denominamos a *Escola Litteraria do Recife*, e foi na *Philosophica no Brasil*, na *Litteratura brasileira e a Critica Moderna*, no ensaio—*A Prioridade de Pernambuco em o movimento espiritual Brasileiro*, na *Historia da Litteratura Brasileira* e no livro sobre *Machado de Assis*.

As tres phases dessa escola nomeadamente na *Historia da Litteratura* (2ª edição, 2º vol. de pags. 461 a 476), estão perfeitamente determinadas, e indicados, com a maior amplitude, os nomes dos respectivos combatentes.

Notamos, entretanto, nas publicações a que nos referimos, o facto de se alludir ao periodo *condoreiro* (1863—67), calar o notabissimo periodo de *reacção* contra o *romantismo*, condoreiro ou não, contra o *eclectismo* de Cousin, phase da *predica de novos ideias litterarios e scientificos*, periodo que bem merece o nome de *critico-philosophico* (1868—76) e dar um pulo para a terceira phase (1882 em diante até aos dias próximos)...

Ora, isto é uma alteração injustificavel dos acontecimentos.

E' bem verdade o dizer-se ser a historia que

mais se desconhece a que fica mais proxima ao tempo em que se vive ; porque nem é a velha historia que já anda escripta, nem é a actual a que se está a assistir... E' exactamente o que se dá com o que nós e Tobias Barreto e varios companheiros praticámos em Pernambuco,—de 1868 a 1876, vae por perto de quarenta annos.

No Rio de Janeiro—os inimigos d'elle não lhe falam no nome e os que nos são adversos ou não referem o nosso, ou, se o referem, é para dizer as maiores barbaridades.— Fazem-nos mais moço do que aquelle amigo vinte ou trinta annos ; mettem-nos no numero dos seus alumnos na Faculdade do Recife ; baralham os factos ; confundem as ideias, com o maior desconhecimento da natureza e indole das doutrinas diversas que andámos sempre a sustentar. Ora, a verdade é a seguinte, como já temos affirmado muitas vezes : Tobias nos precedeu em Pernambuco pura e simplesmente nos cinco annos de sua *acção poetica, primeira phase da escola do Recife*, ou *periodo condoreiro* (1863—67). A datar de 1868 em diante, sendo elle ainda alumno da Faculdade e nós tambem, é que se iniciou a *segunda phase da escola*, ou *periodo critico-philosophico*. Ahi nós fomos companheiros : *Nos fuimus simul in*

Garlandia. No primeiro periodo teve por auxiliares ou rivaes a Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior e outros de menor vulto. No segundo teve-nos a nós, Celso de Magalhães, Souza Pinto, Pereira Lagos, Generino dos Santos, Inglez de Souza, e outros menos conhecidos. Em 1871 retirou-se para a Escada sem descontinuar, é certo, as luctas. Nós fiquei; e só em 1876 é que deixámos o Recife, após oito annos de polemicas constantes.

Em 1882, quando já eramos no Rio de Janeiro lente no Gymnasio Nacional, é que foi definitivamente aberta a *terceira phase da escola do Recife* ou *periodo juridico-philosophico*, cujas bases, aliás, vinham já de 1878, com os primeiros escriptos juridicos de Tobias. Já então estavamos dalli ausente; mas fomos um precursor do movimento, com a nossa defesa de theses, em 1875, especialmente com a *dissertação*, na qual já largamente caracterisavamos os novos horisontes do direito e pregavamos a sua *intuição evolucionista*, citando um trecho de von Ihering—da *Lucta pelo Direito*,—aspiração que veio a ser, mais tarde, uma realidade com o concurso, lições e escriptos de Tobias, nos ultimos annos de sua vida.

Os actores, então, além do grande sergipano, fo-

ram José Hygino, João Vieira, e logo após — Clovis Bevilacqua, Arthur Orlando, Martins Junior, França Pereira, Theotonio Freire, João Freitas, Phaelante da Camara, Urbano Santos, Fausto Cardoso, Gumersindo Bessa, Graça Aranha, Viveiros de Castro, João de Sousa Bandeira e outros. Lembramos estes factos, porque a terceira phase da escola não se comprehende sem a segunda; e erroneo é o criterio do nosso querido amigo Phaelante e dos escriptores da *Cultura academica*, quando saltam para essa terceira phase (1882 em diante), sem levar em linha de conta os annos intermedios, nos quaes se operou a passagem do *ultraromantismo* de Hugo e do *eclectismo* de Cousin—para as modernas idéas, de que as professadas de 1882 em vante não passaram de natural desdobramento. Em que pése a quem quer que seja, não estamos disposto a deixar ser riscado o nosso logar na historia intellectual brasileira. E' mister discriminar os periodos da escola e determinar o quinhão de cada um dos obreiros nas lides espirituaes.

Tobias influuiu sobre todos que trabalharam a seu lado, nas tres phases de sua vida, pelo *espírito de reacção*, pela *intuição critica*, pelo *temperamento de*

lucta, e não por um complexo de idéas feitas, reduzidas a *systema*.

Dest'arte, nós, por exemplo, sendo sempre muito amigo e muito admirador seu, sempre estivemos separado delle nas doutrinas mais sérias. Em *poesia*—elle foi pelo *romantismo de Hugo*; nós—pelo *scientificismo*, seguido mais tarde por Martins Junior, e contra o romantismo que atacámos com força. Em *critica litteraria*—elle foi pelo *allemanismo*, como cousa a *ser imitada* pelos brasileiros; nós — do *allemanismo* só accetavamos a *influencia historica da raça germanica* e o seu *espirito critico*. Elle era em letras preferentemente pelos assumptos estrangeiros; nós pelos *nacionaes*. Elle desdenhava da *poesia popular* e da *ethnographia*, como base das producções quaesquer dos povos; nós atiravamos-nos a *ambas, como bases para a comprehensão da vida nacional*. Em *critica historica*—nós eramos por Buckle; elle não era sectario deste grande inglez. Em *philosophia*—nós fomos, depois de procurar um caminho seguro, por Herbert Spencer; Tobias não admirava este notavel genio, ao qual antepunha Hæckel e Noiré, depois de haver passado por Vacherot, Schopenhauer e Hartmann. Em *philosophia do direito* elle foi pelo *transformismo hæ-*

ckeliano e monismo noiérista em toda a linha ; nós —por uma concepção mais aproximada de Spencer e S. Maine. Finalmente, não admittia elle a *psychologia* e a *sociologia* como sciencias, no que, desde muito cedo, não o pudemos acompanhar. Nossa acção commum teve, pois, pontos de contacto e linhas de divergencia que só uma critica obtusa desconhecera. Em 1879, elle no *Contra a Hypocrisia* e nós no *Reporter*, a proposito de umas censuras estapafurdias que nos fez o finado Dr. Antonio H. de Souza Bandeira, indicamos varias dessas linhas de divergencia e desses pontos de accordo. Esta é a verdade e nós só queriamos a verdade.

Escrever do periodo *condoreiro*, sem falar em Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior, Castro Rabello e alguns mais ; escrever do periodo—*critico-philosophico*, ou, antes, saltar por elle, e não falar no nosso nome, no de Celso de Magalhães, no de Souza Pinto, no de Pereira Lagos, no de Generino dos Santos, no de Inglez de Souza e diversos, é como escrever do periodo puramente *juridico*, é não falar em José Hygino, em João Vieira, Clovis Bevilacqua, Martins Junior, Arthur Orlando e outros, isto é, praticar um puro desacerto.

A Phaelante, é justo declarar-o, somos grato, porque, mui de leve e sem o cabal aproveitamento do facto é certo, alludiu á nossa defesa de theses em 1875 e ao escandalo por ella causado. (*Memoria Historica* pág. 12).

Outro tanto não podemos dizer dos que ahi esquecem que, tendo sido nós, como diz o proprio Tobias, nos *Estudos Allemães, que primeiro no Brasil atacámos o romantismo*, tambem fomos que, bem antes de Martins Junior, falámos em *poesia scientifica*, como elle mesmo confessa, no seu opusculo que tem este titulo.

De tudo foi o que mais desagradavelmente nos impressionou. Tal o reparo que tínhamos a fazer, inutil para os que conhecem toda a nossa vida espiritual e todos os nossos escriptos, mas indispensavel para as novas gerações por quem desejamos ser julgado com pleno conhecimento de causa.

FIM.



Errata

PAGINA	ERRO :	EMENDA :
36	durante um seculo,	Supprima-se
36	sobre a Paesia	sobre a Poesia Popular no Brasil
47	Quado	Quadro
47	VII <i>Philosophia</i>	VII <i>Philosophia</i> ; VIII <i>A Prosa</i>
58	ass	aos
59	polo	pelo
60	do reacção	de reacção
60	nesso	nesse
60	representantos	representantes
61	surge	surgiu
61	surgem	surgiram
64	PANNA	PENNA
64	<i>Beatricie</i>	<i>Beatriz</i>
65	FRNAÇA	FRANÇA
67	à fama	a fama
69	<i>Luctota</i>	<i>Luciola</i>
74	Macnado	Machado
81	<i>mobiliarchias</i>	<i>nobiliarchias</i>
83	estrodas	estradas
86	spesceriano	spenceriano
86	IV	VI
87	pasas	passa
92	<i>Hæchel</i>	<i>Hæckel</i>

PAGINA :	ERRO :	EMENDA :
94	<i>kæckeliana</i>	<i>hæckeliana</i>
102	levam audacia	levam a audacia
109	da segunda	na segunda
114	me vem	nos vem
126	teutonicas	teutonicos
128	aprenderem	aprenderam
129	de pensamento	do pensamento



Indice

Dedicatoria	pag.	5
Advertencia	»	7
Noticia biographica do auctor	»	9
Sentido theorico da Evolução da Litteratura	»	23
Phases da Litteratura	»	41
Poesia	»	51
Theatro	»	63
Romance e conto	»	69
Eloquencia		77
Historia	»	81
Critica	»	85
Philosophia	»	93
A Prosa	»	95
Nota sobre Bento Teixeira	»	107
Da prioridade de T. Barreto	»	113
Do logar do auctor deste livro	»	137
Addendum		147
Errata	»	149

Typ. d' A Campanha—Largo de N. Sra. das Mercês n. 6

Noticia biographica do auctor

Na vida dos homens publicos, como na marcha evolutiva das nações, ha o que se póde chamar a sua característica social.

E assim como para o desdobramento dos phenomenos scientificos podem traçar-se schemas exactos que com precisão mathematica exprimam todas as suas mais intimas transformações e os seus mais espantosos contrastes, desde as concepções abstractas das fórmulas numericas até á concretisação objectiva das leis physico-chimicas e biologicas, assim tambem, sobre um planispherio social, é possivel esboçar em diagrammas approximados, já as rotações inconstantes das collectividades, já as linhas salientes que, através destas, a passagem dos homens notaveis deixa como a directriz indelevel do seu character e dos seus actos.

Este trabalho pertence mais ao sociologo do que ao historiador.

Este vê em cada phenomeno apenas um facto ; aquelle, ao contrario, em cada facto descobre immediatamente um phenomeno, cujos antecedentes, se ainda não previra, procura fixar, e cujos corollarios intenta desde logo estabelecer.

Um enfeixa unicamente commentarios ou nas narrativas busca, o mais possivel, approximar-se da verdade. O outro demora as suas investigações sobre os acontecimentos mais naturaes ; compara, analysa e dissecca ; penetra até ao amago das revoluções ou das menores reformas ; aprecia a moral publica e domes-

tica dos povos ; estuda os caracteres; pesa os sentimentos e mede o nivel intellectual da epocha que observa; em uma palavra, tudo aproveita e nada despreza, porque nos mais imperceptiveis ou pequenos incidentes encontra muitas vezes as verdadeiras premissas das suas mais importantes soluções.

O primeiro faz syntheses simplesmente ; estuda os homens pelas sociedades. O segundo desce tambem á analyse ; e depois de demonstrar as grandes phases do conjuncto, não raramente tem de observar uma por uma de suas partes, apreciando as sociedades pelos homens.

E' sob este ultimo caracter, que nós, que temos sido um dos poucos publicistas que nestes ultimos annos se tem conservado independentes, jámais deixando contagiar a imparcialidade dos nossos juizos, nas criticas litterarias ou politicas pelas predilecções individuaes, modelamos sempre os nossos escriptos:

E, assim, obedecendo sempre ao ponto de vista colectivo, raramente baixamos ás personalidades ; e se estas apparecem, porventura, no correr dos argumentos, o que predomina, dada a altura de que olhamos desapaixonadamente, é o traço pessoal que deixaram nos acontecimentos, dando-lhes a physionomia ou alterando-lhes profundamente as grandes linhas.

E' a esse traço que chamamos a « característica social » de um homem publico. E á similhaça de Novicow, que figurou geometricamente o recenseamento da França contemporanea, e de Lilienfeld, que representou por circulos admiraveis o systema de uma collectividade, indicando-lhe as relações com a sub-

stancia intercellular social, nós também imaginamos sempre que as nossas apreciações possam ser reproduzidas em verdadeiros organodiagrammas.

E de facto, se sobre um planispherio que obedecesse a estas idéas, se quizesse projectar a historia da litteratura brasileira, na parte que designasse a phase contemporanea, a linha mais saliente e mais firme seria a que representasse a passagem espiritual do Sr. Sylvio Romero.

E' que a sua individualidade litteraria, não sendo propriamente um typo por que se amoldam ou pudessem amoldar-se todas as outras, nem verdadeiramente representando um foco principal, em torno do qual se dilatasse no presente em circulos concentricos toda a actividade mental do nosso meio, o que seria uma anomalia, dada a situação anarchica das sociedades modernas, é comtudo a que exhibe maior numero de caracteres proprios, isolando-a e distinguindo-a no conjuncto.

Assim é que, dos escriptores nacionaes desta geração, é Sylvio Romero o que tem mostrado possuir, senão maior talento ao menos mais vasta e uniforme illustração, mais nitida e perfeita idéa da probidade litteraria, e, finalmente, mais accentuada originalidade, conseguindo imprimir o seu *eu* aos seus escriptos e fazer dos seus escriptos obras duradouras.

E' esta ultima qualidade que, para não citar muitos exemplos, falta ao Sr. Machado de Assis, litterato distincto que mais de um homem de letras tem procurado sagrar mestre, mas que, possuindo de mais em forma o que lhe falta em fundo, não pro luziu até

hoje um livro que se tornasse popular ou pelo menos, que esteja destinado a fazer tradição, entre os homens eruditos.

Com Sylvio Roméro dá-se exactamente o contrario. Se não todas, ao menos algumas de suas obras são construcções que resistirão ao tempo, sendo que uma das mais notaveis, a *Historia da Litteratura Brasileira*, tanto mais crescerá de valor quanto mais se fôr afastando o ponto de vista, de onde se apreciará sem as paixões do momento, o alto criterio com que foram nella julgados os homens e tratados os assumptos.

Não cabe, porém, na estreiteza deste escripto em que vamos dar apenas alguns traços biographicos do illustre auctor dos *Ensaos de Philosophia do Direito*, fazer a critica do mais notavel dos criticos brasileiros.

Esse trabalho que já encetámos e que talvez corporará mais de um volume, não permite um resumo que não poderia deixar de ser imperfeito e não satisfaria ao fim destas linhas. Entretanto, pode dizer-se, em uma synthese ligeira, que na vida de Sylvio Roméro ha tres phases distinctas: primeiro, a do demolidor, o rebelde insurgindo-se contra os preconceitos litterarios do nosso meio, ferindo de frente os syndicatos academicos e jornalisticos, com que, entre poucos escriptores de merito muitas mediocridades laureadas procuravam monopolisar o talento e o supremo direito de conceder a investidura aos aspirantes ao sacerdocio intellectual, e luctando com um vigor e tal audacia que, logo aos primeiros em-

bates, desnor-teou os seus encarniçados contendores. Foram essas campanhas memoráveis que, travadas a principio em Pernambuco e mais tarde nesta capital, assignalaram a sua destinação historica na evolução mental do Brasil, e conquistaram-lhe de todo uma influencia decisiva sobre a opinião nacional.

Mas ao demolidor, ao camartello formidavel que parecia não deixar pedra sobre pedra, deveria succeder forçosamente o constructor.

E poucas vezes, como em Sylvio Roméro, a formula de Danton achou mais fecunda applicação. E conseguiu elle levantar o edificio da litteratura patria sobre bases tão solidas, que, ao vê-lo surgir na sua vigorosa simplicidade do que se nos afigurava já as ruinas do nosso passado, houve um momento de surpresa geral deante de monumentos que por uns eram inteiramente ignorados, e acreditavam outros para sempre perdidos.

Chegou, finalmente, a vez do reformador no propagandista tenaz das idéas novas, no doutrinador severo e incangavel, no investigador erudito e paciente atravs das nossaés e das alheias tradicções, no historiador e no sociologo, em uma palavra, no pensador eminente, tentando cada vez mais despertar o instincto da nossa nacionalidade e formando assim uma litteratura nossa, para que possamos chamar com orgulho e com verdade este grande paiz—a nossa Patria.

Sylvio Roméro nasceu na cidade do Lagarto, da antiga provincia, hoje Estado, de Sergipe, aos 21 de abril de 1851. Sua mãe, D. Maria Vasconcellos da

Silveira, filha do portuguez Luiz Antonio de Vasconcellos e D. Rosa Ludovina da Silveira, era neta do ultimo capitão-mór portuguez que houve no Lagartó e alli deixou fama desde os fins do seculo XVIII até 1822 pela severidade do character,—Joaquim José da Silveira. Seu pae, o portuguez André Ramos Roméro,—era natural da cidade de Guimarães e filho de João Bento Ramos Roméro e D. Josepha Vaz de Carvalho.

Assim, quer pelo lado materno quer pelo paterno —Sylvio Roméro, cujo nome por completo é—Sylvio Vasconcellos da Silveira Ramos Roméro, é genuinamente descendente de portuguezes, o que aliás não desmente o seu typo que é o de um completo peninsular.

Feitas as primeiras lettras em sua terra natal, seu pae, que era negociante de bons haveres, fêl-o seguir para o Rio de Janeiro a estudar os preparatorios em principio de 1863. O joven sergipano no Rio cursou, como interno o antigo e excellenté collegio denominado *Atheneu Fluminense* que floresceu sob a habil direcção de monsenhor Antonio Pedro dos Reis.

Prestados os exames de preparatorios nas antigas e severas mezas da Instrucção Publica, seguiu em fevereiro de 1868 para o Recife a cursar a Faculdade de Direito, onde se bacharelou aos 12 de Novembro de 1873. Levando para o Recife solida instrucção secundaria, entrou a estudar seriamente durante os dois primeiros annos, (1868-69), assumptos de litteratura, philosophia, religião, e anthropologia.

Seu primeiro escripto, feito em novembro de 1869,

e publicado no jornal academico—*Crença*—em março de 1870, era appreciativo de um volume de versos publicados naquelle tempo, pelo joven paraense — Santa Helena Magno.

Harpejos Poeticos intitulava-se o livro do poeta nortista, que ainda se mostrava todo eivado do romantismo americano a Gonçalves Dias.

O artigo de Sylvio Roméro, que se pôde considerar uma especie de profissão de fé litteraria do auctor, que em sua carreira, já hoje longá de trinta annos de luctas,—não tem feito mais do que desenvolver as theses então formuladas, o artigo, dizemos, era uma critica muito rigorosa, e levantou grande ruido nos circulos academicos.

Geral foi a grita contra o novo iconoclasta.

A critica dos *Harpejos Poeticos* (1870), seguiram-se os estudos consagrados ás *Phalenas* de Machado de Assis, *Espumas Fluctuantes*, de Castro Alves e *Peregrinas* de Victoriano Palhares, no *Americano* e no *Diario de Pernambuco*. No periodo academico Sylvio Roméro, além dos já citados jornaes, collaborou no *Movimento*, *Correio Pernambucano*, *Jornal do Recife*, *Eschola* e *Trabalho*, neste ultimo publicou (1892) os artigos intitulados *O Romantismo no Brasil*, os quaes vieram mais tarde a constituir o nucleo principal do livro—*A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*.

Depois de bacharelado em Direito (1873), gastou no Recife tres annos (1874-76) a ver se se collocava no magisterio.

Nesse intuito fez dois concursos á cadeira de phi-

lophía do *Collegio das Artes* (curso annexo á Faculdade), não conseguindo ser provido na cadeira, graças á guerra tremenda que lhe moveram seus numerosos desaffectedos e adversarios de idéas.

Seguiu então para o Rio (novembro de 1876) e logo após para a cidade de Paraty—da provincia do Rio de Janeiro, onde, por dois annos e meio exerceu o cargo de juiz municipal (1877-79).

Em meiado de 1879 veio fixar-se definitivamente no Rio, entrando no concurso a que então se procedeu para o provimento da cadeira de philosophia do *Collegio de Pedro II*, hoje *Gymnasio Nacional*.

Foi nomeado em principio de 1880, lente cathedra-tico da alludida materia, sendo tambem actualmente professor de Philosophia do Direito na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. onde tem vivido até hoje. As datas das publicações de suas obras são estas:— *Ethnologia Selvagem*, 1873; *Philosophia no Brasil*, 1878; *Cantos do Fim de Seculo*, 1878; *A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, 1880; *Interpretação Philosophica dos Factos Historicos*, 1880; *O Naturalismo em litteratura*, 1882; *Cantos populares do Brasil*, 1882; *Ensaio de Critica parlamentar*, 1883; *Ultimos Harpejos*, 1883; *Contos populares do Brasil* 1883; *Uma esperteza!* 1884; *Valentim Magalhães (Estudo)*, 1884; *Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil*, 1888; *Historia da Litteratura Brasileira*, 1888; *Ethnographia Brasileira*, 1888; *As Tres Fórmulas da Organização Republicana*, 1889; *A Historia do Brasil ensinada pela biographia de seus heroes*, 1891; *Luis Murat (Estudo)*, 1891; *Doutrina*

contra Dou'rina, 1894; *Ensaio de Philosophia do Direito*, 1895; *Machado de Assis—(Estudo)*, 1897; *Novos Estudos de Litteratura Contemporanea*, 1897; e *O Parlamentarismo e o Presidencialismo na Republica Brasileira*, 1898. (1)

Mas não só as letras e o magisterio tem preenchido a fecunda existencia de Sylvio Romero. E embora não seja um politico militante, mais de uma vez o seu Estado natal tem disputado a honra de elege-lo ao parlamento, onde, apesar de suffragado por eloquente votação, não logrou tomar assento na actual legislatura por uma manobra de baixo partidarismo, que presidiu ao reconhecimento de poderes.

Taes são, é inutil dizer, em acanhado resumo os principaes traços biographicos do escriptor cujo nome para nós é presentemente um dos mais gloriosos patrimonios das letras brasileiras.

E podemos falar assim, sem receios de nos chama-

(1) Depois de publicadas estas linhas na *Mala da Europa*, appareceram mais os seguintes livros do auctor: *Martins Penna*, 1900; *Ensaio de Sociologia e Litteratura*, 1900; *O Elemento portuguez no Brasil*, 1902; *O Duque de Caxias e a Integridade do Brasil*, 1903; *Discursos*, 1904, e agora esta *Evolução da Litteratura Brasileira*, 1904, *Parnaso Sergipano*, 1º e 2º vols., 1904. *Passo recibo...*(resposta a Th. Braga). Tem promptos: *O Antigo Direito em Hespanha e Portugal*, *Evolução do Lyrismo Brasileiro*, *Outros Estudos de Litteratura Contemporanea*, *Poemas da Evolução*.

